Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 7

Lisboa (1787)

Port. 36 m-7
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020060-5

HISTORIA
DE
PORTUGAL

[illegible]

Port. 36m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO SETIMO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO VII.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1787.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em quatrocentos réis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXVI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Acontecimentos dos annos, em que o Infante D. Pedro, na menoridade de seu sobrinho El-Rei D. Affonso V., foi Regente do Reino de Portugal.

AINDA que os successos, que eu vou a escrever, sejaõ pertencentes ao reinado de D. Affonso V., aonde propriamente devem ser tratados: eu me sir- Era vulg. 1438

Era vulg. ſirvo delles como de materia para for-
1438 mar a narraçaõ da vida do Infante D. Pedro, depois de Regente do Reino, na menoridade de ſeu ſobrinho, até a batalha injurioſa de Alfarrobeira, em que perdeo a vida eſte Principe taõ eſtimavel, involvendo, e enlaçando neſta meſma narraçaõ chronologicamente os ſucceſſos reſpectivos da dita Regencia, para continuar com os del Rei D. Affonſo, depois de declarado Maior.

Seis annos de idade no novo Rei chamavaõ por huma menoridade longa no Reino entaõ afflicto; na preſença com o flagello da peſte; na memoria com a perda ſobre Tangere, e cativeiro do Infante D. Fernando com tantos Fidalgos. A Rainha principiava a governar ſó pela prudencia, que lhe naõ faltava. Ella lhe inſpirou nos primeiros movimentos a fazer bem a repreſentaçaõ, de que o peſo da adminiſtraçaõ de huma Monarquia era temivel a forças viris, quanto mais ás de huma mulher fraca. Naõ obſtante a declaraçaõ del Rei ſeu marido, que tudo fiára ſó dos ſeus talentos; ella

quiz

quiz aſtuta contemporiſar com os Infantes, ſondar-lhes o fundo dos animos; e logo depois da morte do Rei diſſe ao Infante D. Pedro quizeſſe elle, o Infante D. Henrique, e mais peſſoas, que bem lhes pareceſſe, conferir os expedientes mais conformes aos intereſſes do Reino, em quanto ella naõ fazia Cortes; e que as Cartas para as convocar, elle Infante as fizeſſe, e aſſignaſſe. A eſta demanda ſe eſcuſou o Infante com a reflexaõ, de que hum acto deſta natureza era proprio da ſua Soberania: que elle ſó cuidava em dar próvas ſignificantes da ſua fidelidade, fazendo, que ſem demóra foſſe jurado Succeſſor do Reino o Infante D. Fernando no caſo de fallecer, ou naõ ter filhos o Rei D. Affonſo, ſeu irmaõ. Era vulg.

Declarou-ſe bem ſenſivel a Rainha a eſtas probidades do Infante, e naõ tardou com a remuneraçaõ na primeira propoſta, que entaõ lhe fez do caſamento do Rei com ſua filha a Infante D. Iſabel: promeſſa, que ella ratificou por eſcrito, havendo-a já reitera-

Era vulg. rado pelo ſeu Confeſſor, a que o Infante grato ſoube correſponder officioſo. Eſte paſſo, que parecia firmar as vantagens do Infante, elle foi o primeiro para a ſua ruina pela oppoſiçaõ dos Grandes com o Duque de Bragança D. Affonſo na ſua téſta, que aſpirando ao meſmo caſamento para a Infante D. Iſabel, ſua neta, filha de ſeu irmaõ o Infante D. Joaõ, naõ perdeo conjunctura, que lhe foſſe favoravel para conſpirar contra D. Pedro.

O meſmo Infante D. Joaõ naõ tardou em deſcobrir o fundo das ſuas intenções a reſpeito dos projectos da Rainha. Elle dizia em tom grave ſer-lhe inſoffrivel, que huma mulher eſtrangeira governaſſe o Reino dos ſeus Maiores ao prejuizo de tantos Principes dignos, que eraõ as ſuas imagens naturaes, e que nas diſpoſições contrarias do Teſtamento de ſeu irmaõ, elle fizera a todos huma injuſtiça. Elle publicava, que o corpo da Naçaõ naõ devia ſobmetter-ſe á diſpoſições ſemelhantes, que em ſi meſmas moſtravaõ ſerem huns effeitos da ternura do amor

con-

conjugal, a que o Rei ſempre ſe moſtrára ſenſivel. Elle ſe esforçava a perſuadir, que as mulheres naõ naſcêraõ para reinar, como ſexo, que ſe tranſportava das duas paixões; todo furor para quem aborrecia; todo beneficencia para quem amava. Elle trazia á memoria os exemplos da Regencia deſgraçada da Rainha D. Urraça de Caſtella, e eſtas imagens bem pintadas com huma pouca de força de eloquencia, baſtáraõ para dividir os ſentimentos do Reino. Era vulg.

A Rainha ſe deixava tocar vivamente deſta ſeparaçaõ dos animos, que entendeo unir nas Cortes de Torres Novas, eſperando que nellas o Teſtamento de ſeu marido foſſe confirmado, e ella por eſte meio derrotar qualquer oppoſiçaõ esforçada, que ſe lhe attreveſſe. Se o expediente lhe parecia o mais proprio para os ſeus fins, a contingencia de fazer conformes os ſuffragios lhe atormentava o eſpirito. Neſta perplexidade aſſentou ella, que nem o ſeu direito, nem a validade do Teſtamento do Rei poderiaõ ſer-lhe taõ

fa-

Era vulg. favoraveis, como trazer ao ſeu partido o Infante D. Pedro, a qualquer preço que ella podeſſe. A ella lhe pareceo naõ o havia de maior valor, que o do caſamento, que fica dito, e o ſeu ajuſte a Rainha o eſtimou pelo fiador da ſua authoridade, juntamente a repartiçaõ da Regencia entre ella, e o Infante. Rompeo-ſe porém a noticia do caſamento, e immediatamente a oppoſiçaõ do Duque de Bragança, e de todos os ſeus adherentes.

1439 Nas Cortes, que ſe ſeguíraõ em Lisboa, foi determinado, que a Rainha tiveſſe cuidado na educaçaõ do Rei ſeu filho: que o Infante D. Pedro commandaria as armas: que D. Fernando, Marquez de Villa-Viçoſa, ſeria Regedor das Juſtiças; e Alvaro Gonçalves de Ataide, Conde da Atouguia, Ayo do Principe. Eſtando eſtas couſas aſſim diſpoſtas, a Rainha entrou a mudar de idéas, admittindo as ſugeſtões, que o Duque de Bragança lhe mandou fazer por ſeu cunhado o Arcebiſpo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, irmaõ de ſua ſegunda mulher D. Conſtança,

que

que era muito acceita á Rainha; por D. Sancho de Noronha, irmaõ do mesmo Arcebispo; pelo Marichal Vasco Fernandes Coutinho; pelo Prior do Crato, D. Fr. Nuno de Goes; por D. Affonso, Senhor de Cascaes; por seus filhos os Marquezes de Villa-Viçosa, e de Valença. Estes, e outros espiritos de facçaõ, oppostos ao Infante, exageráraõ á Rainha a injustiça, que se lhe fazia na divisaõ da Regencia, que ella principiou a conceber como hum aggravo da Magestade. O Infante D. Henrique, que desejava compôr os animos, antes que se declarasse a rotura, fez nas mesmas Cortes diminuir a authoridade concedida nellas a seu irmaõ, e conferilla ao Marquez de Valença; mas este naõ se acommodava sem huma exclusiva total do Infante D. Pedro. Era vulg.

As resoluções tomadas contra este Principe muito amado do Povo, de sórte o irritáraõ, que se temeo huma soblevaçaõ, que deo causa ao susto cavilloso, para persuadirem á Rainha cedesse das suas pretenções aquelles mesmos

Era vulg. mos homens, que antes a inſtavaõ as mantiveſſe firme. Ainda os Eſtados ſe naõ tinhaõ ſeparado, quando o Infante rogou á Rainha lhe deſſe a declaraçaõ formal reſpectiva ao caſamento, em que ella lhe tinha fallado, do Rei com ſua filha. Ella, que legitimamente naõ a podia recuſar, depois de ficar inſtruida em que eſta era a vontade do Rei ſeu marido, naõ duvidou entregalla ao Infante. Como eſta declaraçaõ tranſtornava todos os deſignios, que o Duque de Bragança tinha formado de caſar ſua neta com El-Rei; ſabedor do que ſe paſſára entre ella, e o Infante, ſe esforçou em empenhal-la quizeſſe arrancar-lhe das mãos eſte papel, que tanto o prejudicava; mas a Rainha naõ ſe fez entendida á propoſta do Duque, nem elle teve reſoluçaõ para lhe tornar a fallar.

Se a ſuſpenſaõ do Duque foi reſpeito, o Conde de Ourem, Marquez de Valença, ſeu filho, cortou por elle, para em peſſoa pedir ao Infante o papel, que ſeu pai naõ podéra obter da Rainha. Ou a ambiçaõ de vêr ſua

ſo-

ſobrinha no Throno, ou as más diſpoſições dos animos do pai, e filho para com o Infante, deo esforços ao Conde para eſta reſoluçaõ façanhoſa, que encontrou huma correſpondencia toda magnanima. Apenas o Infante ouvio o Conde, com eſpirito pacato mandou vir o cofre, em que guardava a declaraçaõ; moſtrou-lha; e como ſe ella foſſe o papel mais inutil do mundo, na ſua preſença o fez em pedaços, e deo os fragamentos ao Conde: acçaõ digna de hum Principe dotado de eſpirito ſem ambiçaõ, de alma deſintereſſada, de vida irreprehenſivel. Era vulg.

Concluida a Aſſembléa dos Eſtados em Torres-Novas, a Corte ſe recolheo para Lisboa, aonde veio o Infante D. Joaõ convalecido da enfermidade, que lhe impedio a aſſiſtencia na meſma Aſſembléa. Elle era pai da Infante D. Iſabel, que ſeu Avô, o Duque de Bragança, por meio de tantas intrigas queria caſar com El-Rei; mas taõ encontrado ao ſogro nos ſentimentos, que naõ ſoffria as ſem-razões mettidas em uſo contra a peſſoa veneravel

de

Era vulg. de ſeu irmaõ o Infante D. Pedro. Elle o vio, quando queixoſo, taõ prudente, que lhe aſſegurou queria evitar as conſequencias funeſtas de tantas deſuniões, deſiſtindo deſſa parte do governo, que lhe haviaõ conferido, e ſacrificar todos os ſeus intereſſes ao ſocego do Reino. O Infante D. Joaõ, a quem a ſemelhança do genio, das qualidades, e dos talentos o ligavaõ á inclinaçaõ, amor, e condeſcendencia por ſeu irmaõ D. Pedro, apenas lhe ouvio a reſoluçaõ, a contrariou, affirmando, que por eſſa meſma razaõ da tranquillidade do Reino, e derrota da invectiva dos ſeus emulos, naõ ſó devia conſervar a parte da Regencia, que já tinha, mas trabalhar com os esforços mais vivos por ella toda.

Juſtamente podia o Infante entrar neſta pretençaõ, propoſta por ſeu irmaõ á viſta da Rainha, que já ſe havia declarado abertamente contra elle. Alterava-ſe o Povo com tudo quanto imaginava offenſa do Infante, por eſſa razaõ mais firme em abdicar a Regencia, e D. Joaõ mais conſtante, em

que

que a ſuſtentaſſe. A Rainha temeroſa do Povo, mandou armar os ſeus parciaes, e criados; pedio a protecçaõ de ſeus irmãos os Infantes de Aragaõ, que em Caſtella faziaõ grande figura, depois que arrojáraõ do valimento ao Condeſtavel D. Alvaro de Luna; e tentativas ſemelhantes foraõ cauſa de ſe perder toda a eſperança de hum ajuſte amigavel. O Infante D. Pedro ſe valeo dellas para as communicar ao Reino por Cartas Circulares, que movêraõ em todos os Póvos tal indignaçaõ contra a Rainha, que ella ſe pôz a coberto de algum inſulto em Alenquer. Daqui eſcreveo o meſmo genero de cartas, mas diametralmente oppoſtas ás paternaes do Infante, que acabáraõ de concitar em todas as Cidades, e Villas hum furor unanime, na gravidade do caſo taõ reflexivo, que acordáraõ prudentes: Era vulg.

Que o Infante D. Pedro, na menoridade del Rei, foſſe acclamado Regente, e Defenſor do Reino: que ſe elle vieſſe a faltar, lhe ſuccedeſſe ſeu irmaõ, o Infante D. Henrique, a eſte

o

Era vulg. o Infante D. Joaõ, e a efte o Infante D. Fernando, fe eftiveffe já livre do feu cativeiro: que na falta deftes Infantes legitimos, ficaffe governando feu irmaõ, o Duque de Bragança, e na defte fucceffivamente feus dous filhos os Condes de Ourem, e de Arrayolos, confervando-fe fempre a Rainha com o eftado, e refpeito devidos á fua peffoa. A todas as que ficaõ nomeadas foi notificada efta refoluçaõ dos Trez-Eftados, e todas as approváraõ, menos a Rainha, que quiz, e naõ pode contradizella. De nada lhe valêraõ nefte cafo as fuas induftrias, nem os eftratagemas indecorofos pela falta de inteireza da verdade, com que ella quiz fazer diffonante a harmonia fraternal dos dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique.

Para maior folemnidade de negocio taõ grave, foi determinado que em Novembro feguinte fe convocaffem os Eftados em Lisboa, e o Duque de Bragança partio para Alenquer a avifar a Rainha para fe achar na Affembléa com El-Rei feu filho; diligencia, a que ella fe efcufou com pretextos affectados,

dos, que indicavaõ bem a duplicidade do animo, que os concebia. Ella se affustou da comitiva numerosa, com que o Infante vinha de Coimbra para Lisboa: temor panico, que a constrangeo a mandar-lhe pedir naõ fizesse caminho pela sua Villa, como o Infante executou pontual, e chegando ao Lumiar, despedio toda a gente, que naõ era da sua familia, para evitar as interpretações contrarias ao fundo da sua sinceridade. O Povo de Lisboa, que novamente o havia acclamado Defensor, e Regente, quizera recebello em triunfo; mas a sua modestia o naõ consentio, e entrou na Corte com o apparato vulgar de todas as outras occasiões. Era vulg.

A primeira acçaõ, que elle practicou, foi o juramento solemne, e público na Cathedral, promettendo nas mãos do Bispo de Evora, D. Alvaro de Abreo, reger bem o Reino; guardar-lhe os fóros, e privilegios; e entregallo livremente a El-Rei seu sobrinho, quando fosse em estado de o governar. Depois ratificou o mesmo ju-

Era vulg. ramento nas Cortes, que ſe abríraõ a 10 de Novembro, ſendo já preſentes El-Rei, e a Rainha, que o Infante D. Henrique moveo para virem authoriſar as ſecções, que a elles, mais que a outras quaeſquer peſſoas, eraõ reſpectivas. Naõ faltou o Infante Regente a acçaõ alguma, com que ſe podeſſe inculcar vaſſallo fideliſſimo, e reſpeitoſo, taõ delicado nos cultos á Mageſtade dos Reis, como ſe a Coroa eſtiveſſe na ſua propria cabeça. Porém os ſeus esforços, todas as ſuas repugnancias naõ podéraõ impedir, que os Eſtados notificaſſem aos Soberanos o acordo, que tinhaõ tomado de que El-Rei, para a ſua boa educaçaõ, ſe tiraſſe do poder da Rainha, e foſſe entregue ao Infante. Eſte ſe eſcuſou por muitas, e ſólidas razões, que repetio cheias de attençaõ para com aquella Princeza; mas conſtrangido pelos Eſtados, houve de ſe conformar com as ſuas determinações. Á Rainha, e aos ſeus conſelheiros naõ ſe fez ſopportavel eſta reſoluçaõ, que quiz perſuadir injuſta na ſua retirada para Sintra com

ſuas filhas, deixando o Reino, e os filhos em poder do Infante. Era vulg.

CAPITULO II.

Do mais que ſuccedeo nas Cortes de Lisboa, e dos deſcobrimentos do Infante D. Henrique por eſtes annos.

QUANDO a Rainha eſcandaliſada ſe retirava para Sintra, o Infante D. Henrique lhe ſahio ao caminho, e perſuadio naõ continuaſſe no projecto offenſivo ao ſeu decóro: que todas as acções do Infante ſeu irmaõ eraõ, e ſempre ſeriaõ cheias de reſpeito para com a ſua peſſoa; e que neſta certeza, naõ quizeſſe com a ſua retirada perturbar o ſocego da Monarquia. Ella ſe moſtrou taõ inexoravel ás perſuaſões de D. Henrique, que continuou a jornada; e com eſta noticia os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ foraõ buſcar a El-Rei, e ao Infante D. Fernando, ſeu irmaõ, aos quais pozeraõ Caſa, e Familia correſpondente á ſua Mageſtade. Quizeraõ os Eſtados uni- 1440

Era vulg. dos com os moradores de Lisboa, em remuneraçaõ do zelo do Infante, levantar-lhe huma Eſtatua; mas o Infante ſabedor deſtes intentos, lhes reſpondeo: Suſpendei os voſſos deſejos; que ſe me levantares eſſa Eſtatua em reconhecimento das mercês, que vos tenho feito, e eſpero fazer-vos, virá tempo, em que voſſos filhos a derrubem, e a golpes de pedras a deſpedaſſem. Sahio eſta voz de hum coraçaõ preſago; que os golpes das pedras levantadas por muitas mãos, naõ desfizeráõ a imagem, ſenaõ o Original.

Paſſou o reſto deſte anno ſem outros ſucceſſos, que o de impedirem os máos tempos o fim da navegaçaõ de duas caravellas, que o Infante D. Henrique mandára a continuar os ſeus deſcobrimentos; e o Infante Regente reſolver ſe entregaſſe a Praça de Ceuta pela liberdade de ſeu irmaõ D. Fernando. Foraõ mandados para eſta diligencia á meſma Praça D. Fernando de Caſtro, e ſeu filho D. Alvaro; mas perdendo o primeiro a vida em hum combate, que teve com os Genovezes, e

o ſegundo experimentando no tyranno Lazaraque as perfidias, que deixo referidas na vida do meſmo Infante, ficou rota a negociaçaõ do ſeu reſgate. Era vulg.

No anno ſeguinte, as inducções de peſſoas intereſſadas trabalháraõ por ſacrificar á ſua ambiçaõ o credito de huma Rainha taõ eſtimavel, como D. Leonor. O Prior do Crato, e outros Fidalgos de humor inquieto, que nas aguas envoltas da perturbaçaõ queriaõ peſcar as ſuas vantagens, a perſuadíraõ ſe retiraſſe de Sintra para Almeirim, aonde lhe ficava mais facil a communicaçaõ com os Infantes de Aragaõ, ſeus irmãos; unicos apoios, que elles entendiaõ com esforço para deitarem abaixo o partido do Regente. A prudencia deſte Principe, que nada deſejava tanto como promover a paz, para prevenir a rotura, veio com El-Rei para Santarem, que eſtava perto da nova reſidencia da Rainha, aonde lhe era facil obſervar todos os ſeus movimentos. Como todas as apparencias de Caſtella ſe lhe deſcobriaõ favoraveis, 1441

mo-

Era vulg. movidas pela authoridade dos Infantes de Aragaõ, o Regente fez huma liga no mesmo Reino com os inimigos destes Infantes, que eraõ o Condestavel D. Alvaro de Luna, e o Mestre de Alcantara D. Guterres. A Rainha, que sabia usar a tempo das industrias, fingio com o Regente huma composiçaõ com todas as exterioridades de sincéra para o divertir, assim de observar as suas acções, como de entreter effectivas as correspondencias de Castella.

Quando se fazia deleitavel esta sombra da tranquillidade, o Duque de Bragança, que na Beira desenganára a seu irmaõ o Infante D. Henrique na proposta da uniaõ com o Regente; que soube da alliança, que a Rainha contrahíra com o Rei de Navarra, e com os Infantes seus irmãos; que notou o descuido do Regente nascido da sua boa fé: suggerio á Rainha se retirasse para o Crato, aonde foi recebida do Prior; donde mandou para Castella quanto tinha de precioso, e se preparou para fazer o mesmo com a pessoa. Estando assim as cousas, a instancias

dos

dos Infantes de Aragaõ mandou o Rei Era vulg. de Caſtella Embaixadores a Portugal, que em tom de ſeveridade pediaõ ſe reſtituiſſe a Regencia á Rainha, ou ſe lhe permitiſſe liberdade para ſe recolher a Caſtella: que as Ordens Militares de Avís, e de Sant-Iago em Portugal, que ſe haviaõ ſeparado da de Sant-Iago, e Calatrava em Caſtella, tornaſſem a reunir-ſe: que os Biſpos, em muitas idades ſuffraganeos de Sevilha, e que já preſumiaõ naõ o ſer, reentraſſem nos ſeus deveres, conhecendo o Arcebiſpo daquella Cidade pelo ſeu Metropolitano.

O Regente nada quizéra reſponder á arrogancia deſta demanda; mas inſtado pelos Miniſtros, que diziaõ ter ordens apertadas para ſenaõ recolher ſem reſpoſta; elle ſe deliberou a ouvir os votos do Conſelho. Nelle foraõ os ſentimentos diverſos; porque huns queriaõ, que em nome del Rei D. Affonſo ſe reſpondeſſe por eſcrito em methodo conforme ao da repreſentaçaõ; outros diziaõ, que a audacias ſemelhantes ſe reſpondia com as armas

na

Era vulg. na maõ. O Regente, porém, tomou o caminho do meio, e deſpedindo os Embaixadores com ſeveridade, ordenando-lhes ſahiſſem do Reino, concluio: Que diſſeſſem a ſeu Amo, como elle naõ era a cauſa do retiro da Rainha, nem capaz de conſentir infracções nas liberdades do Reino. Deſpedidos os Embaixadores, eſcreveo á Rainha quizeſſe crêr a ſua fidelidade, e fiada nella recolher-ſe para Lisboa: mas a reſpoſta foi fortificar-ſe no Crato, e ſoprar as faiſcas para atear o incendio de huma guerra civil, reforçada pelos partidos de Caſtella. O temor, que ſempre teve o Regente, de que ella ſe lhe attribuiſſe, foi cauſa delle naõ haver ſeguido os pareceres de ſeu irmaõ, o Infante D. Joaõ; que ſe o houveſſe feito, talvez naõ chegaſſem os negocios a huma ſituaçaõ taõ critica.

Na figura em que elles ſe pozeraõ, o Regente cuidou nos meios de ſe prevenir para quaeſquer acontecimentos. A ſeu irmaõ o Infante D. Henrique encarregou o governo da Beira; a D. Joaõ o do Alem-Téjo, a Alvaro

Vaz

Vaz de Almada, depois Conde de Abrantes, o de Lisboa; a Ayres Gomes da Sylva o do Porto. Com o desejo de evitar huma expediçaõ contra o Crato, donde cada dia se forjavaõ desordens, naõ só impedio a entrada de mais mantimentos, que os necessarios para a familia da Rainha; mas mandou publicar hum bando em nome del Rei por todas as terras do Priorado, em que ordenava que dentro de dez dias sahissem de todas as Villas, e fortalezas as pessoas, que as guarneciaõ, excepto a Rainha, e os seus criados. A desobediencia a este Decreto resolveo o sitio do Crato, para onde marchava o Infante Regente, quando teve o gosto de encontrar no caminho a Ruy da Cunha, Prior de Guimarães, e ao Provincial do Carmo, Bispo que foi da Guarda, tendo-o já sido de Ceuta, que vinhaõ de Roma, e lhe entregáraõ a Dispensa para El-Rei casar com sua filha, e os Breves da isensaõ de Elvas, e Olivença aos Bispados de Badajóz, e de Tuy, com os da separaçaõ das Ordens de Era vulg.

Avís,

Era vulg. Avís, e Sant-Iago de Portugal, das de Sant-Iago, e Calatrava de Castella.

O temor de ser sitiada no Crato appreçou a fugida da Rainha para Castella, unica nota, que se descobre na vida desta estimavel Princeza. Ella foi acompanhada do Prior, e de seus filhos, de D. Affonso, Senhor de Cascaes, e de seu filho D. Fernando, de D. Joaõ Henriques, e de outros Fidalgos, que deixáraõ o Crato sem resistencia em poder do Infante. Elle foi á Beira avistar-se com D. Henrique para unirem alguns animos discordes, entre elles o do Duque de Bragança, que entaõ conseguio do Infante seu irmaõ a graça de ser restituido ao Arcebispado de Lisboa, seu cunhado D. Pedro de Noronha, que se refugiára em Castella: graça, a que o Duque naõ deo depois o devido reconhecimento. Os negocios deste anno se concluíraõ com as Cortes de Lisboa, em que se resolveo o do casamento del-Rei, antes ajustado com D. Isabel, filha do Infante Regente, e no dia 25 de

de Maio ſe celebrárаõ os deſpoſorios com grande magnificencia, tendo já El-Rei déz annos de idade. Era vulg.

Sempre ancioſo por propagar o Evangelho nas terras dos Barbaros, o Infante D. Henrique mandou a Antaõ Gonçalves, moço da ſua guarda-roupa, a continuar a nevegaçaõ pela cóſta de Africa, e carregar o navio de pelles dos lobos marinhos no Cabo-Bojador. Elle cumprio eſta commiſſaõ; e naõ ſatisfeito ſem trazer alguns homens daquelles paizes para liſongear o goſto do Infante, com oito companheiros penetrou tres legoas de terra, e prendeo hum Jalofo, que encontrára. Na volta para o navio deſcobrio 40, que viraõ os noſſos como paſmados, e embrenhando-ſe nos mattos, deſampararáraõ huma mulher, que tambem prendêraõ. Eſtando preſtes a partir, chegou á meſma paragem Nuno Triſtaõ, que invejoſo da ventura de Antaõ Gonçalves, o inſtou para tornarem á terra, e augmentárem o número dos priſioneiros, como fizeraõ com mais déz. Em premio de ſer Antaõ

Era vulg. taõ Gonçalves o primeiro, que defcobrio eftes novos homens, Nuno Triftaõ o armou Cavalleiro na mefma Enceada, que por iffo fe chama o Porto dos Cavalleiros.

Voltou Antaõ Gonçalves para Portugal com as pelles, e os negros, que lhe merecêraõ os cargos honrofos de Efcrivaõ da Puridade, e de Alcaide Mór de Thomar. Nuno Triftaõ feguio a fua derrota, e chegou ao Cabo-Branco, fem defcobrir coufa de novo, donde voltou para o Algarve. O Infante, alvoroçado com o prazer deftas noticias, mandou a Fernaõ Lopes de Azevedo, que as foffe communicar ao Papa Martinho V., e ao mefmo tempo reprefentar-lhe os ferviços, que os Portuguezes faziaõ á Igreja Santa com tanto difpendio de fangue, trabalhos, e fazenda; que em recompenfa delles concedeffe á Coroa de Portugal o fenhorio das terras, que conquiftaffe, e Indulgencia plenaria a todos os que morreffem neftas emprezas. Entendia entaõ a credulidade dos Fiéis, que o Dominio temporal de todo o mun-

mundo fora Patrimonio das Chaves de S. Pedro, e que pelos motivos de Religiaõ os Pontifices podiaõ deitar hum jugo ás Nações, que nafcêraõ livres, e que fó devem fer trazidas ao Rebanho de Jefu Chrifto de que andaõ defgarradas, pelos meios que efte Chéfe Divino deixou enfinado aos féus Apoftolos, e naõ he a dureza do ferro, fenaõ a fuavidade da palavra, naõ o terror, mas a brandura. Era vulg.

Tinhaõ determinado as ultimas Cortes de Lisboa, que o Infante Regente privaffe a Rainha de toda a fua authoridade, e rendas, como a perturbadora do focego publico, que para mais o inquietar, fugíra do Reino. O Regente, tanto naõ quiz conformar-fe com efta refoluçaõ dos Póvos, que antes fe valeo da mediaçaõ do Duque de Bragança para perfuadir á Rainha quizeffe reftituir-fe a Portugal, e concorrer com elle na adminiftraçaõ do Eftado de feu filho. Ella fe efcufou a dar ouvidos a requerimento taõ jufto, fiada na protecçaõ da Corte de Caftella, que achou governada por feus ir- 1442

mãos

Era vulg. mãos depois da expulsaõ do Condestavel, e do Mestre de Alcantara; conseguindo os seus rogos, que o Rei D. Joaõ II. mandasse segunda Embaixada ao Regente concebida nos termos precisos, de que entregasse o governo á Rainha, ou se tivesse por desafiado para a guerra.

Depois de consultada a resposta no Conselho, que se fez em Evora, se deo aos Ministros a de os mandar recolher, com a certeza de que a nada se lhes differia do que tinhaõ requerido; e voltando segunda Embaixada, naõ se mudou de estylo, nem Castella declarou a guerra. Todos estes contratempos se aggraváraõ no espirito do Regente com a mórte immatura de seu irmaõ o Infante D. Joaõ succedida em Setembro deste anno de 1442 aos 42 da sua idade: Principe, que elle muito amava, e que delle era taõ amado, que persuadindo-o D. Affonso de Cascaes abandonasse o partido do Regente, que a Rainha cedería nelle o governo, e casaría a El-Rei com sua filha D. Isabel, elle respondeo magnani-

nimo, que desprezava coroas, e prosperidades, que havia adquirir por meios indecentes á sua honra, concorrendo para ser affrontado o filho mais velho de seu pai: Resposta digna de tal Principe, de taõ poucos imitada. O seu corpo jaz no Mosteiro da Batalha, e Capella del Rei D. Joaõ I. no terceiro lugar dos Infantes seus irmãos. Era vulg.

No mesmo anno foi confirmado pelo Infante o Titulo de Duque de Bragança em D. Affonso, que se intitulára Conde de Barcellos, por morte de D. Duarte, que era senhor daquella Villa, e aqui teve Origem a grande Casa, que hoje occupa felizmente o nosso Throno. Pouco sobreviveo D. 1443
Diogo a seu pai o Infante D. Joaõ, que como naõ deixou outro filho, ficou vago o emprego de Condestavel, que o Regente pedio a El-Rei para seu filho D. Pedro; mas o Marquez de Valença, Conde de Ourem, com o fundamento de ser neto de D. Nuno Alvares Pereira, a quem seu Avô El-Rei D. Joaõ I. o dera de juro-herdade, pedio para si esta graça, que o Infante ob-

Era vulg. obtivera por ſer caſado com ſua irmã. O Regente ſe eſcuſou, lembrando-lhe, que era tres vezes Conde; que acabára de confirmar a ſeu pai Duque de Bragança, e que tudo recahia nelle. Sentio-ſe o Marquez da repulſa, naõ vio mais vivo ao Infante, a quem depois maquinou a mórte. A do Infante Santo D. Fernando, ſuccedida por eſte meſmo tempo no ſeu cativeiro de Fez, redobrou a deſconſolaçaõ do Reino, e porque vagára o Meſtrado de Avís, que elle poſſuia, foi provido no meſmo filho do Regente, que além da qualidade, o merecia pelos talentos, nos poucos annos mais brilhantes.

Por ordem de D. Henrique intentou eſte anno nova viagem o Aventureiro Nuno Triſtaõ, que entendendo acharia ouro ſe avançaſſe a navegaçaõ, deſcobrio as Ilhas de Arguim, célebres pela Fortaleza da Negricia, que mandou fundar El-Rei D. Affonſo no anno de 1461. A Capital deſtas Ilhas fica quatorze leguas além do Rio do ouro, aos 20 gráos, e 15 minutos de Latitude, e aos dous, e 20 minutos de

Lon-

Longitude. Nuno Triſtaõ fez nella muitos priſioneiros, que naõ tinhaõ para a perda da liberdade mais culpa, que a de naſcerem Gentios. Daqui paſſou a outra Ilha, a que deo o nome das Garças, em razaõ de muitos deſtes paſſaros, que nella vio, e avançando os deſcobrimentos perto de trinta leguas, ſe recolheo á Cidade de Lagos, aonde moveo a inveja em muitos animos honrados, e a outros dos mais Póvos maritimos do Algarve, que ſe offerecêraõ ao Infante para armarem embarcações á ſua cuſta, e adiantarem a navegaçaõ, com o intereſſe de lhes ſatisfazerem o valor dos generos, que trouxeſſem daquellas partes. Nos ſucceſſos do anno ſeguinte, nós veremos o deſta expediçaõ dos Algarvios. Era vulg. 1441

Era vulg.

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos descobrimentos de D. Henrique, e da Regencia de D. Pedro.

1444 ACEITANDO o Infante D. Henrique a offerta da gente do Algarve, Lançarote, Almoxarife de Lagos, que a arbitrou, Gil Annes, que descobrira o Cabo Bojador, Estevaõ Affonso, Joaõ Dias, Rodrigo Alvares, e outros homens de espirito, que no Algarve nunca foraõ taõ raros como se pensa, sahíraõ de Lagos com seis embarcações em demanda da Ilha das Garças. Aqui se informáraõ da sua qualidade, e de que a povoavaõ duzentos homens sepultados na profundidade do socego, em que o retiro os tinha posto havia tantos seculos. Saltáraõ em terra 28 dos nossos, que encontrando huma debil resistencia em gentes, que ignoravaõ o dominio de huns sobre outros homens, e que humas Nações combatiaõ as outras; que havia guerra, e os

os motivos para ella ſer juſta: 155 ſe Era vulg.
deixáraõ prender, e os mais morrêraõ, porque reſiſtiraõ. Daqui paſſáraõ á Ilha de Tider, aonde fizeraõ outro conſideravel número de priſioneiros, que trouxeraõ a Lagos para reſarcirem com o ſeu preço as deſpezas da viagem.

Outro homem da meſma Cidade, chamado Vicente de Lagos, e o Genovez, ou Veneziano, Luiz Cadamuſto, que no anno de 1432 tinhaõ aviſtado as Ilhas dos Açores, deſcobríraõ neſte o Rio Gamba; mas eſtas expedições houvêraõ de ſe ſuſpender alguns tempos por cauſa das muitas jornadas, que os negocios intrincados do Reino obrigavaõ a fazer ao Infante D. Henrique, arrancando-o do ſeu amavel retiro da Villa de Sagres.

As perturbações dos chamados Infantes de Aragaõ, que eraõ o Rei de Navarra, D. Joaõ, e ſeu irmaõ D. Henrique, tinhaõ reduzido Heſpanha a huma ſituaçaõ triſte. Caſára o Rei com D. Joanna, filha do Almirante de Caſtella; D. Henrique com D. Brites,

Era vulg. filha do Conde de Benavente : allianças com raizes taõ fundas no terreno de Caſtella, que o ſeu Rei naõ pode arrancallas, antes rodeado dellas, o enlaçáraõ, e prendêraõ no lugar de Portilho. O Principe D. Henrique, e os Grandes do Reino ſentiaõ eſta deſgraça do ſeu Soberano, que outra vez reſtituíra a graça ao Condeſtavel D. Alvaro de Luna, origem deſte deſagrado dos Infantes. Dos ſucceſſos deſta guerra, e do modo, por que o Rei obteve a liberdade, ſó nos pertence o ſoccorro, que elle mandou pedir ao Regente, e eſte lhe enviou compoſto de 2ↀ000 cavallos, e 5ↀ000 Infantes, commandados na idade mais tenra por ſeu filho o Condeſtavel D. Pedro, que ſe conduzio com dexteridade excellente, merecedora das attenções do Rei de Caſtella, ainda que chegou a tempo, em que elle já tinha derrotado os Infantes ſeus inimigos.

Naõ obſtante eſta decadencia dos Infantes, a Rainha de Portugal ſua irmã, que eſtava em Toledo, ſem perder a eſperança de reſtabelecer no Rei-

 no

no as ſuas pretenções, ella entendia, que ſe podeſſe determinar o Rei de Caſtella a declarar a guerra ao Regente, eſta declaraçaõ poría o governo em deſordem, e os que delle eſtavaõ encarregados, cuidariaõ em retirar-ſe, por naõ expôr a ſua reputaçaõ, e a da Monarquia a huma guerra, que Portugal naõ poderia ſuſtentar. Occupada deſtas reflexões quimericas, ella empenhou todo o reſto, e para mover o Rei D. Joaõ a ſeu favor, lhe fez entrega de quanto trouxera de Portugal precioſo; mas o Rei eſteve mais prompto a acceitar o que ella lhe dava, que a fazer-ſe partidario dos ſeus deſignios, alterando a indifferença para ſe embaraçar em huma guerra com os Portuguezes. Neſte eſtado triſte a Rainha, ſem dinheiro, ſem poder, ſem protecçaõ, nem alliados, vivia em ſimples Dama particular; forçada da neceſſidade a valer-ſe do Conde de Arrayolos para conſeguir do Infante Regente, que ao menos, por hum eſpirito de caridade, a ſoffreſſe no Reino, aonde ella eſtimava mais viver, e morrer Era vulg.

Era vulg. rer na escuridade, que andar no público de huma Corte estrangeira mendigando o necessario para a sua subsistencia. Graça, que Portugal naõ recusaría a huma Senhora, que fora sua Soberana.

1445 Quando o Infante se deixava tocar da extremidade dos infortunios da Rainha para condescender com os seus rógos, a morte pôz termo ás suas desgraças, e á sua vida. Ella, e sua irmã D. Maria, Rainha de Castella, com pouca differença de tempo foraõ duas victimas, que acabáraõ com o mesmo genero de mórte violento, e prematuro, que lhe ministrou o monstro em ambas as fortunas. Naõ faz mysterio a Historia, nada escrupulisa em nos dizer, que o Condestavel D. Alvaro de Luna, esquecido da humildade dos seus principios, depois de ser o canal das revoluções lastimosas de Hespanha, tambem o fora do veneno, que tirou a vida a estas duas Rainhas para desaffogar nellas o odio pelo crime de serem irmãs dos Infantes de Aragaõ, concurrentes com elles para a der-

derrota da ſua fortuna, e do ſeu credito. Com a noticia deſta barbaridade, foi o Infante Regente á Raya de Caſtella eſperar a Infante D. Joanna, donde a mandou conduzir, e a trouxe para a companhia de ſua irmã D. Catharina; admitindo no ſerviço del Rei todos os criados da Rainha, que julgou dignos deſta graça. Era vulg.

Como eſta morte ſuccedida aos 29 de Fevereiro promettia mais tranquillidade ao interior do Reino, o Infante D. Henrique pode vir para a ſua reſidencia do Algarve continuar a fazer á Pátria, nos ſeus deſcobrimentos, os aſſignalados ſerviços, de que ella ha tantos ſeculos recolhe avultadas as uſuras. Como a Cóſta de Guinê, já eſtava communicavel, e bem fundadas as eſperanças do reſgate do ouro, elle mandou a hum ſeu criado ordinario, mas valeroſo, chamado Gonçalo de Cintra, para penetrar mais os ſegredos eſcondidos naquellas terras incognitas. Navegou eſte homem até a Angra, que hoje ſe dá a conhecer com o ſeu nome, quatorze leguas além

do

Era vulg. do Rio do Ouro. Elle ſe fiou de dous cativos nas expedições paſſadas, que levava por linguas, que o enganárão; e fazendo-o montar o Cabo-Branco, lhe promettêrão huma grande preza em certa paragem, que lhes ſervio
1445 para porem em cobro a amavel liberdade. O Cintra quiz deſpicar o engano dos Buçaes com a tomada de huma Aldeia, que aviſtou, e inveſtio com doze homens: mas rodeado de hum bando de Gentios, já inſtruidos pela luz da razão a defender-ſe, cinco dos noſſos apenas ſe podérão ſalvar no batel, e os ſeis com o Cintra forão mórtos; elles os primeiros Portuguezes, que rubricárão com o ſeu ſangue as noſſas conquiſtas, por diminuto enſaio da grande cópia, que derramado no mar, tinha de tingir as ondas, e eſpalhado na terra, havia matizar as plantas.

Neſte meſmo anno ſe preparárão outras navegações, de que farei memoria, ainda que ſe concluírão no ſeguinte. Sentio o Infante a perda dos ſete Portuguezes, por ſerem os pri-

meiros mórtos nas ſuas viagens, e Era vulg.
reſolveo mandar a Antaõ Gonçalves, e a Diogo Affonſo com o Patraõ Mór Diogo Pires em tres barcas ao meſmo ſitio para perſuadirem aos Gentios abraçaſſem a Fé, e quando naõ o podeſſem conſeguir, ajuſtaſſem com elles paz. Naõ quizeraõ os brutos conhecer por Miſſionarios homens armados, nem travar amizade com gente, que matava, e cativava; e ſem mais fructo, que a priſaõ de hum negro, e a offerta officioſa de hum Mouro, que pedio o trouxeſſem a Portugal; porque deſejava vêr o Infante, elles ſe fizeraõ na volta do Reino. Com pouco mais de vantagem, que foraõ vinte cativos, ſe recolheo ao meſmo tempo Nuno Triſtaõ de outra viagem, que fez ao Rio do Ouro.

Diniz Fernandes, que era hum criado del Rei, rico, e valeroſo, quiz ſeguir os paſſos deſtes Aventureiros, e paſſar além deſtes deſcobrimentos. Para liſongear o Infante armou hum navio á ſua cuſta, e ſe lançou ao mar em buſca de terra. Elle paſſou o Rio

Sen-

Era vulg. Senegal, que alguns entendêraõ ſer braço do Nilo, e divide os Mouros Azenegues dos Jalofos de Guiné, aonde tomou alguns dos mais zevichados, que até entaõ tinhaõ vindo a Portugal. Elle paſſou avante mais vinte e huma leguas até ao Cabo, que fez chamar Verde, por ſe lhe repreſentar ao longe deſta côr, e fica aos 14 gráos, e 43 minutos de Latitude, e hum gráo, e 45 minutos de Longitude; terra a mais occidental de Africa, alta, eſcarpada, e coberta de grandes arvoredos. Elle naõ ſe contentou com deſcobrir o Cabo ſem o dobrar; mas os temporaes rijos lhe embaraçáraõ o projecto, e teve de vir eſpalmar o navio a huma Aldeia viſinha, aonde levantou o Padraõ da Santa Cruz. Daqui retrocedeo com alguns priſioneiros para o Reino, aonde foi bem recebido, e remunerado.

Em quanto ſe paſſavaõ eſtas couſas, o Rei D. Affonſo correſpondia maravilhoſamente ao cuidado, que ſe tinha na ſua educaçaõ. A ſua boa indole, que naõ neceſſitava ſer torcida, e baſtava encaminhalla, deſcobria bem a

inclinaçaõ ás applicações honeſtas, e Era vulg. ao eſtudo das letras: tyrocinios brilhantes, que affiançavaõ as eſperanças, de que elle viria a ſer hum dos Principes ſabios da ſua idade. Elles ſe deixavaõ vêr acompanhados de huma fereza nobre, oppoſta áquella, que tudo quer fazer valer á Coroa, e nada á cabeça, que a cinge: huma fereza magnanima, que naõ mendigava o trato ceremonioſo para infundir reſpeito á peſſoa, que o recebe: que naquelles poucos annos advertia naõ conſiſtir a eſſencia da Mageſtade nos melindres do joelho em terra, de dar com frequencia a beijar a maõ; tudo acções, que D. Affonſo regateava benigno para cativar os corações com affabilidades, que naõ fazia eſtranhaveis por bem repartidas. Ainda que os applauſos communs a reſpeito do Rei, recahiaõ no Infante, que o regia, elle ſe moſtrava taõ pouco ſenſivel aos louvores recebidos de todas as partes, que prevalecia nas perſuasões do nada, que eſtimava como vantagens proprias as idéas, de que no tempo de hu-

Era vulg. huma menoridade se costumaõ lisongear os corações ambiciosos.

1446 Vio elle, que o seu Pupilo neste anno de 1446 cumpria os 14 da sua idade, que he o da maioridade dos Principes, e cuidou em convocar Cortes em Lisboa para fazer esta declaraçaõ solemne, desistir do Governo, entregallo a seu domno, e beijar a maõ ao Rei, como a seu Senhor. Esta ceremonia se fez com o apparelho magnifico, que pedia huma acçaõ desta importancia. O Discurso eloquente, terno, e magestoso, que elle entaõ fez ao Rei, correo claro na conta miuda, que elle lhe deo de quanto obrára no tempo da sua Regencia; nas protestações, que lhe fez, de que elle naõ a acceitára com mais fim, que os interesses do Estado, sem a menor lembrança de satisfazer a sua ambiçaõ; e na complacencia, que os Póvos deviaõ ter de render obediencia a hum Principe taõ completo, como elle era.

El-Rei, ainda naõ dominado pelas suggestões, que a todo o custo sabe

ins-

inſpirar o monſtro da inveja, agradeceo a ſeu Tio na preſença dos Infantes D. Fernando, D. Henrique, e de muita parte da Nobreza a ſinceridade do ſeu affecto; pedindo-lhe naõ defraudaſſe o Reino dos fructos das ſuas experiencias na continuaçaõ do Governo, que tornava a encarregar-lhe, até que as ſuas mãos foſſem mais robuſtas para ſuſtentar o peſo do Sceptro. Quizera o Infante eſcuſar-ſe; mas as inſtancias do Rei foraõ tantas, e acompanhadas de huma como quitaçaõ geral illuſtriſſima, em que ſe dava por taõ ſatisfeito do que ſeu Tio até entaõ tinha obrado, que elle naõ pode deixar de condeſcender com o que El-Rei lhe mandava. Era vulg.

Á celebraçaõ das Cortes, e declaraçaõ da maioridade do Rei, ſe ſeguio a declaraçaõ formal dos ſeus deſpoſorios com D. Iſabel, filha do Infante Regente, que ſe conſummáraõ depois. O Duque de Bragança reforçou novos empenhos para impedillos; mas o Rei, que eſtava vivamente inclinado á Infante, naõ fez caſo das ſuggeſ-

Era vulg. geſtões do Duque, intereſſado pela neta, que logo vio Rainha de Heſpanha pelos bons officios de D. Alvaro de Luna. Eſte homem formidavel naõ ſe embaraçou com a vontade do ſeu Rei, naõ ſe cançou em lhe dar parte, de que o caſava em Portugal com D. Iſabel, neta do Duque de Bragança, e filha do Infante D. Joaõ, ſenaõ depois de a ter pedido. Entaõ o ſoube, e diſſe El-Rei, que queria, porque o quiz D. Alvaro; que em hum Rei foi muito querer. Depois do meſmo homem ter deſpreſado os benemeritos, e premiado trahidores, ordenou ao ſeu Rei, que mandaſſe D. Sancho de Toledo por Embaixador a Portugal para em ſeu nome ſe deſpoſar com a Infante, que foi mãi da Rainha Catholica D. Iſabel.

1447 Na ſua companhia levou a nova Rainha para Caſtella em qualidade de Dama a D. Brites, irmã do primeiro Conde de Portalegre, Aſtro luminoſo, que perturbou aquella Corte com as luzes exceſſivas da ſua formoſura, e depois illuminou as Heſpanhas com a cla-

claridade das ſuas virtudes. A troco Era vulg.
do ſangue, e das vidas, por meio do furor das armas diſputavaõ os Fidalgos Caſtelhanos, qual havia ſer o venturoſo, que gozaſſe as ternuras, a gentileza de D. Brites. Unio-ſe á deſordem dos amantes o ciume das outras Damas menos attendidas, que do fogo atiçado por elle vaporavaõ fumos de vingança contra a inimiga innocente, ſem culpa por ſer formoſa, nem cometter crime em ſer amada. Como ellas naõ podiaõ traçar o deſpique, ſenaõ pela peſſoa mais inclinada a D. Brites, que era a Rainha, as Damas, com impoſturas enormes, com calumnias negras, atacáraõ na preſença Real a virtude, a reputaçaõ, quanto havia de delicado, na reſpeitavel Fidalga, que em fim, por ordem da Rainha, foi preza.

A conſtancia, com que eſta virgem incomparavel ſopportou o peſo da ſua infelicidade, o ſilencio energico com que levou tantas accuſações falſas, foraõ o advogado eloquente da ſua innocencia, a que ninguem ſe attrevia

reſ-

Era vulg. reſponder. Mas o mundo, que eſquece o que naõ vê, fez perder na Corte as memorias de D. Brites, tanto que nella deixou de ſer viſta, e eſte eſquecimento o tiveraõ as ſuas concurrentes pelo deſpique mais generoſo, a que podia aſpirar o heroiſmo dos ſeus corações. Quando aſſim as liſongeava a ſua vaidade, tornou a apparecer o Aſtro na ſua esfera, taõ mudada a natureza das luzes, que todas as que nella ſcintilavaõ, eraõ do Ceo. D. Brites deixou-ſe vêr na Corte para ſe eſconder ao ſeculo; taõ illuſtrada da graça, que com ella venceo a affeiçaõ extremoſa, que tinha pela Rainha, e ſe occultou no Convento das Religioſas de S. Domingos de Toledo, aonde fez cinco annos huma vida de Anjo. Já o ſeu eſpirito, bem coſtumado ás
1447 auſteridades do Clauſtro, tinha forças para maiores emprezas, e ella ſe applica a formar a Ordem da Conceiçaõ, que foi approvada por Innocencio VIII. no anno de 1489. A Rainha, edificada das ſuas virtudes, lhe deo humas caſas na meſma Cidade, para onde el-

la

la passou com doze Virgens, que por determinaçaõ do mesmo Papa abraçáraõ o Instituto de Cister; mas sobrevindo pouco depois a mórte preciosa de D. Brites, as Religiosas sem mudarem o nome da Conceiçaõ, nem a fórma do habito, seguíraõ a Regra de Santa Clara. Era vulg.

Com estes successos dou eu por acabados os deste anno; e como os do futuro saõ já pertencentes ao reinado de D. Affonso V. depois de declarado maior, elles deviaõ ter lugar na vida deste Principe; mas por naõ deixar truncada, e para passar a outro Tomo a continuaçaõ da Historia dos Infantes D. Pedro, e D. Henrique, aos quaes Portugal deveo tantos beneficios, eu a continuarei nos Capitulos seguintes até ás suas mórtes, ainda que depois haja de repetir de passagem em alguns lugares as acções, que lhes pertencerem na vida do mesmo Rei.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Trataõ-se os mais successos da vida do Infante D. Pedro até a sua morte.

OS dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique, dos quaes eu vou a escrever o resto das suas vidas preciosas, elles saõ taõ merecedores dos nossos respeitos, que devo com justiça fazer á sua memoria o obsequio de escrever delles com particularidade os seus ultimos acontecimentos. D. Pedro, que he agora o meu primeiro objecto, depois do Rei seu sobrinho o rogar para a continuaçaõ do governo, como fica dito, induzido pelo Duque de Bragança, por seu filho o Conde de Ourem, por seu cunhado o Arcebispo de Lisboa, que naõ temêraõ a nota de ingratos, com tanto que desaffogassem o odio, lhe ordenou desistisse delle: o que foi executado pelo Infante sem a menor repugnancia. Como a calumnia bem apoiada arguîa todos os seus procederes; como as imposturas eraõ

a

a alma da negociaçaõ; como todos os provimentos feitos pelo Infante se julgavaõ effeitos da infidelidade, ou da injustiça; o Duque de Bragança, em torn de quem marchava para huma campanha, andou pelo Reino abysmando com infamia quantos officios, e quantas creaturas tinhaõ a marca da beneficencia do Infante, seu irmaõ. Nada sentia este Principe as quebras da sua authoridade, e fazenda no cotejo com a perda da equidade, e reputaçaõ. Prevendo, que a ordem para sahir da Corte naõ tardava, elle pedio primeiro a licença, e se retirou para Coimbra. Era vulg.

Entaõ aquelles tres Senhores, occupados de disposições malignas, naõ perdoáraõ a genero algum de intriga para inspirar ao Rei minino huma desconfiança geral do caracter do Infante. Elles lhe representáraõ os abusos, que fizera da Regencia; o grande partido das suas creaturas; que só elle fora o author das mortes de seu pai, D. Duarte, da de sua mãi D. Leonor, e do Infante D. Joaõ, aos quaes fizera dar veneno para facilitar a sua subida ao

Era vulg. Throno, e que com o mesmo fim attentára tambem contra a sua vida preciosa, que o Ceo tinha preservado, e que elle devia pôr a coberto da impiedade de hum tal ambicioso, descartando-se delle. Naõ escapou á mordacidade do monstro a virtude provada do Infante D. Henrique, que no conceito prevertido do Rei foi estimado co-réo, ou ao menos sabedor dos delictos imaginários de seu irmaõ, que quiz justificar com a mesma solidez de razões, com que o fizera a si proprio: porém notando sem limites a preoccupaçaõ do Rei, houve de se callar, por naõ se perderem ambos.

Semelhantes avisos como os que se mettêraõ nos ouvidos do Rei, ainda que falsos, elles sempre fazem huma impressaõ desavantajosa sobre a pessoa, contra quem elles saõ dados. Porque o Rei os escutou, o tio, e sogro se lhe fez aborrecivel, naõ bastando o metter terra de permeio para o Duque, e os seus parciais lhe naõ persuadirem a retirada do Infante (que elle fizera por hum espirito de discriçaõ, e prudencia,

es-

eſpecialmente depois de vêr ſobre o Throno a ſua filha) por huma politica eſcura, que eſcondia alguns deſignios perverſos, a que elle intentava arrojar-ſe. Eis-aqui huma ſolercia, naõ ſó apparente, mas abominavel, com que nas Cortes a maior parte dos Aulicos pretende eſtabelecer os ſeus negocios ſobre os deſtroços dos alheios. Era vulg.

Veio por eſte tempo de Sintra a Lisboa o Conde de Abranches D. Alvaro Vaz de Almada, ſervidor fideliſſimo do Infante, aquelle Fidalgo famoſo, que com o ſeu valor tinha aſſombrado a maior parte da Europa, que diſcorrêra; e ouvindo tantas accuſações indignas do caracter do Principe, naõ as pode ſoffrer callado. Era grande o empenho, para que o Conde naõ foſſe ouvido no Conſelho, que o Rei queria fazer ſobre negocios taõ delicados; mas elle rompendo por toda a oppoſiçaõ, entrou, e com tanto deſembaraço, como corage, ſuſtentou a innocencia do Infante, e a ſua, e moſtrou evidente a calumnia, a malicia dos inimigos de humas probidades

Era vulg. taõ notorias. Os meſmos ſentimentos deſte Fidalgo foraõ os do Conde de Arrayolos, que eſtimou a verdade ſobre o reſpeito do Duque de Bragança, ſeu pai, e os do Conde da Atouguia, que naõ ſopportavaõ a injuſtiça feita ao Infante, e aſſim o inſinuáraõ no eſpirito do Rei. Como as tentativas deſtes Senhores nada approveitáraõ, por haverem os emulos ganhado a vã-guarda com o Duque de Bragança na téſta; o Conde de Abranches foi veſtir as armas, com que coſtumava entrar nos combates, e vindo á preſença del Rei, lhe diſſe: Que a ſua Mageſtade incorreria em huma nota eterna, ſe elle lhe naõ déſſe permiſſaõ para ſe bater com todos os inimigos do Infante Duque D. Pedro, que elle vinha deſafiar na ſua Real preſença, para provar a innocencia de ſeu tio com o deſtroço de todos elles: Que como injurias taõ enormes já ſenaõ lavavaõ ſenaõ com ſangue, era credito delle Rei permitirlhe ſuſtentar em campo a vingança de hum amigo auſente, offendido na honra, e na peſſoa.

Era

Era taõ ſublime o eſpirito del Rei nos ſeus poucos annos, que naõ ſe lhe fez reprehenſivel eſta gentileza do Conde, taõ pouco vulgar em todas as idades. Elle a eſtimou por effeito do ſeu grande eſpirito, pela próva mais elegante de huma verdadeira amizade; mas eſta eſpada gentil, com tanta juſtiça deſembainhada, nem conſeguio a licença para ſe eſgrimir contra os inimigos inexoraveis, nem póde cortar no Rei os fios enredados das ſuſpeitas, que o fizeraõ conceber da fidelidade do Infante. Como o Conde já naõ tinha meios de que ſe valer para ſuſtentar o credito do perſeguido, elle partio com o Infante D. Henrique para Coimbra a conſolarem o Principe nas adverſidades, já com a idéa concebida, de que o leito da morte de hum havia ſer o meſmo da do outro. Immediata a eſta partida, ſe vio reſpirar a cólera do Rei no Decreto ſevéro, em que mandava, que peſſoa alguma foſſe a Coimbra vêr o Infante ſem licença ſua; que elle naõ podeſſe mandar á Corte peſſoa, ou peſſoas da ſua familia, nem ſa-

Era vulg.

Era vulg. ſahir das ſuas terras ſem permiſſaõ Real, com pena de morte fulminada a elle Infante, e a quaeſquer outros tranſgreſſores deſta ordem.

Para ſe entender, que eſte Decreto foi ſuggerido a El-Rei pelos inimigos do Infante, baſta ouvir-lhe o tom. Elle quiz fazer repreſentações para ſer moderado; mas naõ lhe admittindo genero algum de requerimento, ſeu irmaõ D. Henrique, e o Conde de Abranches ſe retiráraõ, e elle paſſou para Monte-Mór o velho. O Duque de Bragança, que deſejava remunerar-lhe as muitas obrigações, que lhe devia, com lhe armar o laço para o fazer cahir no crime de deſobediencia, fingio com elle hum Tratado de concordia, que ſe explicava pelos termos mais indecoroſos, indecentes, e indignos; ordenando El-Rei ao Infante, que o aſſignaſſe, porque ſe o naõ fizeſſe elles tinhaõ a inconfidencia, e a rebeldia por provadas. O Infante, ou percebendo a idéa, ou querendo ſacrificar á obediencia do Soberano quanto nelle havia de honroſo, de delicado,

até

até o ſeu meſmo decóro, ſem replica firmou no Tratado a quebra do ſeu caracter. Paſſou-ſe a ſegunda invectiva, que foi mandallo reprehender por Diogo da Silveira de armar os Caſtellos das ſuas terras, como ſe eſperaſſe nellas alguma invaſaõ de inimigos. O Infante foi com o meſmo Emiſſario moſtrar-lhe todos deſarmados; aſſegurando-lhe, que elle naõ cuidava em mais defenſa, que a de deixar á poſteridade hum argumento irrefragavel da ſua innocencia. Era vulg.

Como Diogo da Silveira naõ ſe explicou ao geito de quem o mandára, ſe o naõ tivéraõ por ſuſpeito, ſempre ſe córou a commiſſaõ com tirar ao Conde de Abranches o Caſtello de Lisboa; a D. Pedro, filho do Infante, o emprego de Condeſtavel, que ſe conferio ao Infante D. Fernando; a Ayres Gomes da Silva o de Regedor, e a Luiz de Azevedo o de Védor da Fazenda. Urdio-ſe terceira induſtria, que foi mandar ao Infante entregaſſe logo as armas, que tinha nos ſeus preſidios; porque ſe o naõ fazia, de-

Era vulg. declarava huma rebeliaõ nos indicios das ſúas intençóes perverſas. Se as déſſe, e por movimento proprio ſe deſarmaſſe, elle meſmo ſe punha fóra dos termos de ſe defender no caſo de ſer atacado. Perplexo ſe vio o Infante como homem, ſe he que fiado no eſpiríto da ſua fidelidade, elle naõ advertio, que o melhor partido era arrojar nos braços da ventura; entregar as armas, e as praças, que naõ podia, nem devia defender contra a ordem Real. Aſſim derrotária nos ſeus inimigos os intentos da rebeliaõ, que quizeraõ imputar-lhe, quando elle eſcreveo a El-Rei em reſpoſta ao ſeu Decreto: Que elle eſtando por hora em paz com todos, naõ hávia miſter armas, ſobrando-lhe as da ſua innocencia para derrotar os ſeus inimigos; mas porque ignorava ſe eſtes o quereriaõ inveſtir, lhe permitiſſe ficar com as ſuas armas, que elle pagaria a dinheiro, ou mandaria vir outras de fóra.

Em quanto o Conde de Ourem ao lado do Rei ſuggeria tantas diſcordias, o Duque de Bragança, ſeu pai, que eſta-

tava Entre-Douro e Minho levantando trópas, teve ordem para vir a Santarém, aonde eſtava a Corte. Como elle naõ podia fazer a jornada ſem paſſar pelas terras do Infante, e ſe lhe determinára, que aſſim o practicaſſe armado, elle tentou differentes vezes o paſſo pelo lado de Penella, para onde foi o Infante, aconſelhado pelo Conde de Abranches, e outros Fidalgos, que entendêraõ dependia a ſua conſervaçaõ da ruina do Duque. Apenas ſe ſoube na Corte, que elle tinha fechado o paſſo, ſe mandáraõ ordens rigoroſas ao Infante para o deſimpedir. Elle recebeo com reſpeito profundo as ditas ordens, intimadas por Fernaõ Gonçalves de Miranda, e ſe reduziaõ a mandar-lhe, deixaſſe paſſar o Duque, que vinha occupado no Real ſerviço: que elle ſe retiraſſe logo para Coimbra, donde naõ ſahiría ſem licença ſua; e que ſe aſſim o naõ cumpriſſe, elle iria em peſſoa caſtigallo como a rebelde, e deſobediente. O Infante, longe de differir promptamente ao que ſe lhe requeria, reſpondeo a El-Rei: Que el-

Era vulg.

Era vulg. elle, e o Duque de Bragança ambos eraõ vaſſallos, que naõ podiaõ pagar gentes de guerra; que elle licenciaria as ſuas; logo que o Duque, ſeu inimigo capital, fizeſſe o meſmo.

Fez o Conde de Ourem picar tanto a El-Rei deſta reſpoſta, que elle marcharia a forçar as Praças do Infante, ſe o Duque naõ achaſſe o expediente de ſe valer da noite para desfilar a ſua gente em pequenas trópas, como de caminhantes, em huma das quaes elle paſſou ſem perigo pela fragoſidade da Serra da Eſtrella. Quando o Infante ſoube a retirada do Duque, naõ fez movimento, contra o parecer do Conde de Abranches, que queria o ſeguiſſem para ſenaõ perder a conjunctura da ſua ſegurança na ruina dos ſeus inimigos. Com a chegada do Duque a Santarem ſubíraõ os negocios ao ultimo ponto da critica na informaçaõ, que elle deo ao Rei, e na facilidade com que eſte mandou publicar hum bando, no qual o Infante, e todos os da ſua facçaõ foraõ declarados rebeldes, trahidores, ſediciosos, acompa-

nha-

nhado do ruido ſurdo, que promettia Era vulg.
aſſegurar-ſe o Rei das ſuas peſſoas, eſpecialmente da do Infante, que havia ſer trazido a Lisboa vivo, ou morto. Entaõ ſe alliſtou gente em grande cópia, e ſe deo hum perdaõ geral a todos os criminoſos, que vieſſem tomar armas contra o Infante infeliz.

Naõ ſe ſatisfez o odio com a ruina do pai ſem culpa, e avançou a perſeguiçaõ contra o filho innocente, o Condeſtavel D. Pedro, que reſidia nas terras do ſeu Meſtrado de Avís. Contra elle marchou o Conde de Odemira D. Sancho de Noronha, irmaõ do façanhoſo Arcebiſpo de Lisboa, para ſe aſſegurar da ſua peſſoa, com o pretexto, de que ſeu amigo o Meſtre de Alcantara podia trazer gente de Caſtella em ſeu ſoccorro, e do Infante ſeu pai. O Meſtre eſtava taõ longe deſtas idéas, que paſſando-ſe D. Pedro para Alcantara, ſem pretender delle mais que o trato de huma hoſpedagem honrada, elle naõ exercitou a virtude, nem conheceo a peſſoa. A fugida do filho firmou a ſentença, que ſe lavrou

con-

Era vulg. contra o pai, ou de huma prisaõ perpetua, ou de huma mórte violenta. A Rainha, penetrada de huma resoluçaõ taõ cruel, e dividida entre os deveres de filha, e de esposa, porque se tratava de tirar a vida áquelle, de quem ella a recebera, assentou que era da sua obrigaçaõ avizallo com tempo. Recebeo o Infante o aviso de sua filha com semblante taõ inalteravel, que perguntou ao correio pela saude del Rei, pelos divertimentos, em que se entretinha, e sendo horas de jantar, comeo com o desaffogo, que costuma ser effeito de huma consciencia sem crime.

Depois chamou á sua camara os criados, e confidentes de fidelidade provada, e lhes fez lêr o aviso da Rainha, tomando o Ceo por testemunha, com lagrimas compassivas, da injustiça, com que os seus inimigos o reduziaõ a estado taõ calamitoso, pedindo-lhes o voto em aperto o mais critico para huma pessoa do seu caracter. Depois de se notar a situaçaõ do espirito del Rei, que se havia prevenido

dés de longo tempo, e de se discorrer sobre as vozes desavantajosas, que os contrarios do Infante haviaõ espalhado, especialmente depois da sua ausencia da Corte, em hum tempo que pessoa alguma naõ ousava tomar o seu partido. Quasi todos os vótos se conformáraõ, que elle devia pôr-se em estado de defender-se, se o viessem insultar a sua casa; que esperasse nas Praças do seu dominio o destino da sórte, como meio unico de derrotar as suspeitas, que tinhaõ feito conceber ao Rei, de que elle queria ir insultallo na Corte, e avanar o Throno. Era vulg.

O bravo Conde de Abranches, cheio dos nobres sentimentos, que lhe inspirava a innocencia do Infante, o aconselhou, que marchasse com a gente que tinha a Santarem, se lançasse aos pés del-Rei, lhe rogasse, que o ouvisse, implorasse a sua justiça para confundir os inimigos, que na sua presença lhe rompêraõ a reputaçaõ, ou ao menos lhe désse campo para se bater com elles, naõ só para sustentar a sua innocencia, e fidelidade,

mas

Era vulg. mas para deixar ao mundo a memoria, de que este era o unico meio, com que se devia conduzir a honra de hum filho do Rei D. Joaõ I., Tio delle D. Affonso, seu Tutor, e pai da Rainha sua mulher: que se nada disto lhe aproveitasse, a honra, a vida, a pessoa, o credito, tudo elle fiasse do seu valor, que em lance algum devia desamparar hum Principe do seu caracter.

Como o Infante estava inclinado a esperar os seus inimigos em qualquer parte, e combatellos, exceptuando sempre a pessoa del Rei, prevaleceo a proposta do Conde, que no modo de se interessar por elle, e pela intençaõ, que formava de participar da sua boa, ou má fortuna, o fez dispôr a partir para Santarem sem perda de tempo. Tem os negocios da honra tantas delicadezas, que muitas vezes naõ deixaõ conhecer a homens de espirito sublime idéas barbaras, que se lhes figuraõ impetos magnanimos. Ainda que a uniaõ do Infante, e do Conde se fundava sobre huma amizade fiel, e sincéra, que os successos mais sin-

ſingulares naõ poderiaõ romper; elles a quizeraõ mais ligada com os vinculos ſantos da Religiaõ, que a fariaõ inviolavel. Para iſſo, depois de unirem os rógos ao Ceo, aſſim como tinhaõ apertados os corações; depois de aſſiſtirem ao Sacrificio da Miſſa, e de receberem o Corpo de Jeſu Chriſto ſacramentado; elles ſe promettêraõ reciprocamente a alta voz, junto ao Altar, e juráraõ nas mãos do Padre, que era Alvaro Affonſo, Capellaõ do Infante, que o deſtino de hum regularía o do outro; que ſe hum morreſſe na juſtificaçaõ da ſua innocencia, o outro morreria pela defender; que ambos neſte projecto naõ teriaõ ſenaõ hum meſmo principio, e hum meſmo fim. Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO V.

Parte o Infante D. Pedro de Coimbra para Santarem, e he morto na batalha escandalosa de Alfarroubeira.

O AMOR, e actividade da Rainha D. Isabel, combatidos dos males, que receava, naõ havia dexteridade, que deixasse de metter em uso para impedir a rotura da guerra entre o pai, e o marido; e vendo os preparos da campanha, e o fundo dos animos já dispostos para executarem temerarias as resoluções, naõ quiz differir mais tempo o declarar-se com El-Rei. Ella se lhe lançou aos pés chorosa, afflicta, deixando antes fallar a natureza, que a lingua, antes os affectos, que as palavras, naõ podendo El-Rei resistir terno, concedendo benigno o perdaõ a seu sogro, se elle quizesse conhecer a sua falta. A Rainha, fiada na palavra Real, communicou a seu pai esta noticia, que desconcerta-

va

va as medidas dos ſeus emulos, novamente empenhados em introduzir no Reino hum arrependimento indecororoſo, que com effeito ſe deſcobrio, logo que ſe pode affectar o primeiro pretexto. O Infante, mais tocado da ternura da filha, que da clemencia do genro, lhe reſpondeo, que a ſua innocencia nada tinha, de que pedir perdaõ; mas que pela agradar, faria quanto ella lhe inſinuava. Era vulg.

A Rainha, que nos tranſportes do alvoroço, naõ deo lugar ao eſpirito para penetrar as conſequencias deſta carta, entrou na Camara do Rei, e lha moſtrou cheia de prazer pela diſpoſiçaõ, em que eſtava ſeu pai de fazer o que ſe queria delle. Leo-a El-Rei; mas quando chegou ás palavras *por vos agradar:* Mageſtade, juſtiça, amor da eſpoſa, o ſeu reſpeito, os vinculos do ſangue, tudo foraõ victimas da cólera indomavel, que desfigurou no Throno a ſerenidade, que ſemelhante vapor naõ deve perturbar; que ſe voltou contra a Rainha, como ſe foſſe huma co-ré nos imagi-

Era vulg. nados crimes do pai; que lhe rompeo na preſença a carta, e ao meſmo tempo o decóro da ſua ſoberania; que promulgou inexoravel a ultima ſentença da ruina de hum Infante Sogro, e Tio. Vio-ſe a Rainha em deſolaçaõ extrema por eſta mudança del Rei, que naõ pode mover com os muitos generos de perſuasões inſpiradas pelos affectos mais vivos da ſua alma.

Sempre prevenido, e pouco eſcrupuloſo o odio, porque naõ ſuccedeſſe outra vez o Rei moſtrar-ſe ſenſivel á Rainha, os inimigos do Infante lhe propozeraõ ſe retiraſſe della pela conſervaçaõ da ſua ſaude; mas naõ baſtando eſta induſtria para vencêr o amor do Rei, elles naõ ſe embaraçáraõ em lhe querer perſuadir aleivoſos, que a ſua caſta Eſpoſa tinha tratos indecentes com D. Alvaro de Caſtro, Conde de Monſanto, que eſteve preſo em quanto a verdade ſe naõ pôz patente para confuſaõ dos accuſadores ímpios. Nem eſte teſtemunho baſtou para o Rei mudar de ſentimentos, nem elles perdêraõ corage para continuarem a fazerlhe

lhe crêr, que a ſegurança da ſua vida dependia delle tirar a do Infante, que devia ſer atacado na marcha, que fazia para a Corte, para o que ſe dérão as ordens preciſas. De novos temores ſe rodeárão ao meſmo tempo os emulos do Infante, quando vírão, que o Rei, depois da deſconfiança ſuggerida, dobrára para com a Rainha as ternuras, ao Conde de Monſanto fizera mercês novas, e temêrão as mudanças, que as impreſsões, e a idade podião cauſar no Rei. Era vulg.

Com tudo reviveo o ſeu eſpirito, obſervando que ſenão alteravão as ordens para ſer cortada a marcha do Infante, que ſahio de Coimbra com mil cavallos, e cinco mil Infantes a buſcar o ſeu deſtroço. Elle não ignorava as differentes manobras, que ſe tinhão feito junto á peſſoa do Rei, huns para o juſtificar, outros para o perder. Firme no ſeu procedimento ſempre irreprehenſivel, e occupado da confiança céga da bondade del Rei, o Infante ſe capacitou, que em elle apparecendo na Corte, abyſmaria os ſeus contra-

rios,

Era vulg. rios, e daria hum alto tom á voz da sua justiça. Sem duvidar da equidade do Rei, teve por conveniente vír armado para lhe servir de ruina o mesmo meio da segurança. De Alcobaça passou elle a Rio-Maior, aonde grande número dos seus Officiaes, já taõ perto de Santarem, lhe representáraõ como naõ tinha forças para resistir aos seus inimigos, e muito menos ás trópas del Rei, se o atacassem: que retrocedesse para Coimbra, ou marchasse adiante sem armas, que era o modo de pedir justiça. Naõ se fez entendido o animo preoccupado do Infante a este aviso cheio de sabedoria, nem pode conter-se quando lhe trouxeraõ preso a Pedro de Castro, criado do Infante D. Henrique, que elle favorecêra, e agora lhe era ingrato, para deixar de o deitar em terra morto com o golpe de hum pao na cabeça.

Receou El-Rei, que o Infante se apoderasse de Lisboa, e a mandou segurar por pessoas da sua confidencia. Deo ordem, para que dous criados do Infante, que estavaõ nella, fossem

es-

esquartejados, e pendurados os quartos nas portas da Cidade. Entaõ o partido contrario com o Duque de Bragança na frente, deo a ultima maõ ás suggestões, fazendo crêr a El-Rei, que o Infante marchava a Lisboa para se apoderar do Throno; que acodisse com tempo a reparar o golpe, antes que o mal perdesse toda a esperança de remedio. Teve D. Affonso por saudavel este parecer, a que logo differio, sahindo a campo com 30$000 homens. Nesta extremidade, o Conde de Abranches, que reconhecêra o exercito Real, disse ao Infante ser impossivel, que de mórtos, ou prisioneiros escapasse algum dos seus; que se pozesse em salvo em quanto elle entretinha huma escaramuça, que lhe désse lugar a ganhar terreno na fugida. Immediatamente soou hum bando, em que El-Rei ordenava, que todos os que seguiaõ o Infante o deixassem, e nessa noite lhe desertáraõ todos os que se occupáraõ das imagens do temor. Era vulg.

No dia seguinte 20 de Maio de 1449 Alvaro de Brito, que governa-

va

Era vulg. va a artilharia do Infante, mandou diſparar huma peça com pontaria taõ barbara, e atrevida, que deo na Tenda del Rei. Eſte golpe, foſſe caſual, ou penſado, ferio o coraçaõ de todos os bons Portuguezes, que ſe lançáraõ como leões ſobre o campo do Infante, que eſtava entrincheirado no de Alfarrobeira. Já proximo o perigo, novamente aconſelháraõ ao Infante, que ſe retiraſſe; mas elle arrebatado dos impulſos da honra, ou dos impetos da vingança, com a eſpada na maõ, deo golpes de deſeſperado, até ſer atraveçado pelos peitos de huma ſeta, que o derrubou pedindo confiſſaõ. D. Luiz Coutinho, Biſpo de Coimbra, o abſolveo, e neſte leito chamado da honra, para o Infante de tanta ignominia, acabou o eſtimavel Principe, condecorado na vida com tantas acções illuſtres, ſe agora deslustradas por buſcar a occaſiaõ de ſemelhante mórte, glorioſamente reſtituidas pela efficacia do ſeu arrependimento.

O Conde de Abranches, que em todo o conflicto naõ lhe deixára o lado,

do, vendo-o morto, entrou na ſua Era vulg. tenda a refazer as forças com algum alimento; e para cumprir o voto, entrou a pé pelas eſquadras del Rei a buſcar a morte, que foi comprando a pedaços pelo preço de muitas vidas. Cançado de matar cahio ſem alentos eſte bravo homem, digno de melhor fim, dizendo com vozes languidas ao tropel, que ſe lançava ſobre elle: Fartai-vos, rapazes, fartai-vos. O reſto da gente, laſtimada da mórte do ſeu Principe, ſuſtentou a refrega até perder a vida, ou a liberdade. Seu filho D. Jayme, com todos os Officiaes, ficou priſioneiro. Dos mórtos foraõ os mais diſtinctos da parte do Infante Joaõ Maſcarenhas, ſeu Alferes Mór, Luiz Gomes da Gran, e ſeu irmaõ, Diogo Peyxoto, e Rodrigo de Arvellos: da del Rei faltáraõ o Apoſentador Mór Ruy Mendes Cerveyra, Fernaõ de Sá, Alcaide Mór do Porto, Joaõ Rodrigues Peçanha, e outros muitos Fidalgos, e ſoldados. Taõ longe paſſou o reſentimento del Rei contra o Infante, que o ſeu cadaver eſteve tres dias

Era vulg. no campo, porque elle prohibio dar-ſe-lhe ſepultura. A meſma deshumanidade ſe uſou com o corpo do Conde, que foi enterrado pelas inſtancias de ſeu irmaõ natural Joaõ Vaz de Almada, Védor da Fazenda del Rei.

A paizanage daquelles contornos, que ignorava as ordens Reaes, ou ſe deixou tocar da piedade, veio ao campo, e na Igreja de Alverca fez ſepultar o cadaver do Infante, que taõ deſaſtradamente acabou aos 57 annos da ſua idade. A noticia da ſua mórte apenas deixou liberdade á Infante ſua mulher, para evitar deſgraça ſemelhante, que ſe lhe ameaçava, de fugir incognita pelos hermos. Seus filhos, objectos do meſmo odio, houveraõ de abandonar a Patria, e deſterrar-ſe ás alheias. Os ſeus criados, e amigos preſos, ſoffrêraõ calamidades inauditas. Em fim o Rei, quando ſe liſongeava de ter feito a ſua vontade, ficou ſem ella, dominado por homens taõ inimigos da ſua authoridade Soberana, como o tinhaõ ſido da peſſoa Real do

Prin-

Principe, unico freio da ſua ambiçaõ ſem medida. Era vulga

Foi o Infante D. Pedro ornado de todas as virtudes, que formaõ hum Principe completo. Elle moſtrou igual politica no Gabinete, que valor na campanha; a meſma erudiçaõ profunda nas Letras Sagradas, que nas humanas; ſem differença a elegancia na compoſiçaõ em proſa, que no verſo; eloquente na lingua materna, e nas eſtranhas; exactamente caſto, ſem amar em toda a vida outra mulher além da ſua. Para com os Miniſtros do Senhor foi taõ attento, que nunca conſentio lhe beijaſſem a maõ, nem fallaſſem de joelhos. Elle tolerou firme o odio dos ſeus emulos, disfarçado com as cores de bem público, como temos viſto. Elle ſuſtentou huma caſa digna da ſua repreſentaçaõ, porque era compoſta de 363 peſſoas. A politica, com que elle adminiſtrou os negocios; a juſtiça com que punio os delinquentes; a generoſidade com que premiou os benemeritos; ſobre tudo as virtudes Chriſtãs, que exercitou em toda

a

Era vulg. a ſua vida, reſpíraõ o alento com que a fama no meſmo brado o canoniſa hum Heróe irreprehenſivel, e reprehende de injurioſa a batalha de Alfarrobeira.

O ſeu cadaver eſteve cinco annos na ſepultura humilde de Alverca, aonde o lançáraõ os paizanos, que o leváraõ do campo no magnifico feretro de huma eſcada de maõ. Indecencia taõ mal ſoffrida do Duque de Borgonha, que cheio de indignaçaõ, naõ ceſſava de pedir o corpo do Infante, que Portugal naõ eſtimára, nem conhecêra, para lhe fazer em Flandres as honras, que eraõ devidas á alta dignidade da peſſoa, correſpondentes á ſublimidade do ſeu merecimento. Ou foſſe que El-Rei ſe receaſſe, de que os rogos do Duque moveſſem a furtar os oſſos do Infante, ou reparar com a pompa funebre a injuſtiça, que já reconhecia ter feito á ſua memoria; elle os mandou deſenterrar, e conduzir ao Caſtello de Abrantes, donde a inſtancias do Papa, da Rainha, e dos mais Principes da Europa, que lhe

eſtranhavaõ paſſaſſe o odio com ſeu ſogro além da mórte, os mandou vír a Lisboa para ſerem trasladados ao ſepulchro, que ſeu pai lhe deixára lavrado no Convento da Batalha. Era vulg.

Portugal, que já víra reinar huma Rainha depois de morrer, agora feito em cinza, vio exaltar hum Infante a quem tirou a vida. No anno de 1454, feitas em Santo Eloy Exequias ſolemnes pela Alma do Infante, partíraõ El-Rei, e a Rainha com ſemblante de filhos para o Convento da Batalha a eſperar as reliquias da ſua mortalidade, que com apparato brilhante conduzia o Infante D. Henrique acompanhado de toda a Nobreza, Cléro, e Religiões. Sahíraõ os Reis a recebellas de ceremoria, e as acompanháraõ á Igreja, aonde no dia ſeguinte ſe fez outro Officio, no fim do qual foraõ collocadas no primeiro dos quatro Mauſoleos, que eſtaõ na Capella á maõ direita dos Reis ſeus pais, donde clamaõ á poſteridade com eſtas vozes da Muſa do Doutor Antonio Ferreira,

que

Era vulg. que as gravou em hum dos ſeus Poemas para Epitafio perpetuo:

Filho ſegundo del Rey Joaõ primeito,
Tyo, e ſogro del Rey Affonſo quinto
Vês-me em premio de amor taõ verdadeiro
De pó coberto, de meu ſangue tinto:
De ingratos morto, e em mórte priſioneiro,
Lé minha triſte hiſtoria, que naõ minto.
A Fama dá de mim fé verdadeira;
Do injuſto, e cruel odio Alfarrobeira.

CAPITULO VI.

Como ſe juſtificou a innocencia do Infante; como ſe conduzio a Rainha, e deſtino de ſeus illuſtres filhos.

SUCCEDIDO, e publicado na Europa o cataſtrofe laſtimoſo do Infante, que acabo de eſcrever, toda ella reprehendeó a deshumanidade de D. Affonſo contra hum pai taõ digno de outras attenções. Ainda que nada a faría deſculpar, nem a idade de 17 annos no Rei podia ſervir-lhe de deſculpa; elle quiz aggravar o eſcandalo, naõ ſó com

a

a perseguição inexolaravel contra todas as creaturas do Infante; mas o que tem mais de extraordinario, admittindo cégamente os conselhos perfidos dos seus inimigos na proposta abominavel de repudiar a Rainha, que não podia deixar de esperar conjunctura para vingar nelle a morte de seu pai. Entretanto que laborava esta máquina, se formava o processo do Infante com o maior rigor, para que crimes atrozes fizessem desculpavel a tyrannia. Era vulg.

Porém o vingador Supremo das innocencias, quando pela mórte daquelle Principe havião cessado a lisonja, a dependencia, o obsequio, e as mais razões de interesse, que costumão desfigurar a verdade, elle permittio, que nada se descobrisse, com que levemente o culpassem, que os seus mesmos papeis bem examinados fossem os abonadores da sua candura; que todos os testemunhos acreditassem a sua fidelidade; em fim, triunfante a verdade de todos os esforços, com que os seus emulos quizérão desmentilla. Esta justificação plena, que soou por to-

Era vulg. todo o mundo, naõ os desanimou para suspenderem a perseguiçaõ contra a Rainha, que na fugida de seus irmãos, eraõ objecto unico, que ficava no Reino, de que se podiaõ temer. Elles se servíraõ de huns poucos de Theologos do caracter daquelles, de quem se diz, que tem opiniões para tudo, suggerindo-os persuadissem ao Rei vacillante o perigo, a que estavaõ expostos a sua pessoa, e Reino, senaõ repudiasse a Rainha, que se fazia temivel pela vingança, e pelo crédito, a primeira reconcentrada no animo, o segundo estabelecido em Portugal, e fóra delle. Para o forçarem a determinar sem susto de quebra de representaçaõ, elles coráraõ o pretexto, de que os seus desposorios foraõ contrahidos em huma idade incapaz de consensos livres; e que o que elle entaõ déra, todo o mundo o entendia arrancado com violencia.

Como a equidade de D. Affonso, pelas justificações da innocencia do Infante, se sentia aballada para conhecer as injustiças, que com elle se usáraõ,

raõ: como o ſeu amor á Rainha o enchia de confuſaõ para admittir hum tal conſelho, taõ oppoſto á ſituaçaõ do ſeu coraçaõ, e da ſua alma, elle, naõ ſó teve corage para eſta vez dizer, *Naõ quero*, aos valídos; mas ordenou que a Rainha em continente ſe recolheſſe á Corte para viver com elle nos vinculos doces do matrimonio. Ella entrou em Lisboa ſem a mais ligeira demonſtraçaõ de luto pela morte de ſeu pai, toda veſtida de galla. Que acçaõ neſta Senhora taõ cheia de politica! Penetrou o ſeu eſpirito, que ella eſtava na conjunctura de poſpôr os ſeus deveres reſpectivos ao pai á differença das vontades do eſpoſo. Eſta attençaõ o toca, e ſe a ſua alma ſó tiveſſe huma pequena parte de inclinaçaõ á Rainha, ella lha inclinára toda. Já elle moſtrava o arrependimento de haver differido aos conſelhos deteſtaveis dos inimigos do Infante; e a injuſtiça, que comettera em o crêr culpado, o penetrava de dôr; ſervindo-ſe das ternuras para com a Rainha, como de prepáro para a expiaçaõ de tal delicto. Era vulg.

Era vulg. Ao meſmo tempo naõ ceſſavaõ os clamores da Europa eſcandaliſada, ás inſtancias do Duque de Borgonha, e da Duqueza ſua mulher para o reſtabelecimento da honra, e credito de ſeu irmaõ, e cunhado. Já por toda ella ſe derramára a voz, de que em Portugal ſe deſcobríra a fundo a malicia dos inimigos do meſmo Infante; e elles ſenſiveis ás conſequencias, quizeraõ juſtificar-ſe na preſença do Papa, e adoçar o eſpirito dos Principes, para que elles intercedeſſem pelas ſuas peſſoas ao Rei, que conhecendo a offenſa, poderia ſer inexoravel nos caſtigos. Em todas as Cortes os ſeus Manifeſtos encontráraõ deſpreſos; todas os reprehendêraõ, e o Papa excommungou aos que foraõ cauſa do Rei negar ſepultura ao cadaver do juſtificado Infante.

De ſeus innocentes filhos dei eu já huma breve noticia; mas agora depois da mórte do pai, direi que os tres Varões D. Pedro, D. Joaõ, e D. Jayme, cruelmente perſeguidos, abandonáraõ a Pátria. D. Pedro, que depois foi

reſ-

restituido a ella, aos seus empregos, e que servio a El-Rei seu primo nas expedições de Africa com zelo, e valor correspondentes á sua alta qualidade, no anno de 1464 o elegêraõ Rei de Aragaõ os Catalães, e Grandes deste Reino, descontentes de D. Joaõ II. Rei de Aragaõ, e Navarra, por ser filho da filha mais velha do Conde de Urgel, a quem a Coroa de direito pertencia. D. Fernando, que succedeo a seu pai D. Joaõ, declarou a guerra ao nosso Principe, que a sustentou com os soccorros de seu Tio Filippe, Duque de Borgonha; mas sendo vencido pela fortuna de D. Fernando, houve de se retirar a Manresa em Catalunha, conservando o titulo, e honras de Rei até o anno de 1466, em que dizem morrêra de veneno. Era vulg.

Seu irmaõ D. Joaõ, que casou com Carlota, filha de Joaõ III. Rei de Chypre, e devia herdar o Reino por mórte do sogro, elle foi declarado Regente em 1456. O Duque de Borgonha seu Tio lhe conferio o Collar da Ordem do Tusaõ; mas fallecendo antes

Era vulg. do Rei, Carlota tornou a casar com Luiz de Saboya, filho segundo de Luiz, Duque de Saboya, e de Anna de Chypre sua tia. Ella foi coroada Rainha em Nicosia no anno de 1458; mas seu irmaõ bastardo Jayme, que fora destinado ao serviço da Igreja, e já tinha ordens de Subdiacono, se levantou contra ella, e com as trópas do Soldaõ Melec-Ella a lançou do Reino. Depois da Rainha infeliz empregar sem fruto todos os esforços para o seu restabelecimento, ella se retirou a Saboya, e dahi a Roma, aonde presente o Papa, e Cardeaes, cedeo o Reino em seu sobrinho Carlos, Duque de Saboya: doaçaõ, que a esta Casa deo o direito, que ella tem ao Reino de Chypre, de que até hoje conserva as Armas, e o Titulo.

O usurpador Jayme se casou com Catharina, filha do Veneziano Marco Cornaro, que foi adoptada pelo Senado, e delle recebeo hum grande dote. Ella, que em pouco tempo ficou sem marido, e sem hum filho, que lhe nasceo posthumo, no anno de 1470

em

em demonſtraçaõ de agradecida, cedeo nos Venezianos as ſuas pretençõcs ſobre o Reino de Chypre, vivendo ainda a Rainha Carlota. Elles o poſſuíraõ até o anno de 1571, em que o conquiſtou Selim II. Imperador dos Turcos, e porque hum Portuguez infame foi cauſa deſta conquiſta, eu vou levando o fio neſta paſſagem da Hiſtoria de Chypre. Era vulg.

Fugíra de Portugal hum facinoroſo alentado, que ſe chamava Joaõ Miguens, e ſe retirou a Veneza, aonde viveo ſem deſcobrir caracter honroſo, que a natureza, e os coſtumes lhe negáraõ. A delicadeza dos Venezianos lhe obſervou a conduta, e o condemnou a penas infames, que alteráraõ o animo preſumido de hum Portuguez fóra da Pátria, tranſportado dos flatos de parecer alguem, ainda que nada ſeja. Joaõ Miguens offendido concebeo deſignios de ſe vingar, e para o fazer ſe foi a Conſtantinopla, aonde caſou com huma Judia poderoſa em cabedaes, que com elles lhe abrio a porta para entradas frequentes com o Graõ-

Tur-

Era vulg. Turco Selim. A communicaçaõ degenerou em familiaridade, ſendo Miguens admittido nas occaſiões occultas, em que o barbaro rompia a Lei com as ebriedades na ſua camara. Nos fervores deſtes tranſportes o induſtrioſo lhe propunha a conquiſta de Chypre, que Selim lhe promettia, e batendo-lhe no hombro dizia balbuciante: Eu vencerei Chypre, tu ſerás o Rei. A primeira parte do prognoſtico foi viſto cumprir, á ſegunda faltou Selim já entrado em acordo.

Ultimamente, D. Jayme, filho terceiro do Infante D. Pedro, que ſe achou com ſeu pai na Batalha de Alfarrobeira, e nella ficou priſioneiro, apenas pode obter a liberdade, ſahio do Reino, e foi valer-ſe da protecçaõ de ſua tia a Duqueza de Borgonha, D. Iſabel. A inclinaçaõ para o eſtado Eccleſiaſtico, que ella lhe obſervou, a moveo a mandallo a Roma. O modo, por que elle ſe conduzio na Curia, as qualidades brilhantes, que deſcobrio, as acções ſublimes, que fez, os teſtemunhos, que deo de huma dou-

tri-

trina sólida, de huma humildade profunda, obrigáraõ o Papa Calixto III. a criallo Cardeal do titulo de S. Eustachio no anno de 1456. Esta nova Dignidade foi acompanhada da de Arcebispo de Lisboa, já restituido á graça del Rei seu primo, que a elle em vida, e a seu pai depois de morto perdoára as culpas, que falsamente lhes imputáraõ, e os canonisou innocentes; mas este respeitavel Cardeal, quanto mais o revestiaõ de honras illustres, e de titulos gloriosos na Igreja Santa, tanto mais elle se mostrava nobremente humilde, e heroicamente virtuoso. Era vulg.

El-Rei D. Affonso o chamou de Borgonha a Lisboa para o acompanhar em huma das jornadas de Africa, que naõ teve effeito, e voltou para casa de sua tia, aonde morreo, como dissemos, na flor dos seus annos, por naõ querer contaminar a castidade, que se lhe aconselhava por unico remedio da sua queixa, e por naõ inficionar com esta culpa a graça baptismal, que conservou até a morte, succedida no

an-

Era vulg. anno de 1459. Entre outros muitos Authores, que delle deixáraõ memoria, diz Eneas Sylvio, depois Papa Pio II.: Jayme foi dotado de ſingular mageſtade, e gravidade, de engenho agudo, benemerito das letras, grande amante das virtudes, e taõ digno de altas Dignidades, que a de Cardeal lhe tardou muito, obtendo-a taõ moço.

LIVRO XXVII.
Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da vida, e descobrimentos do Infante D. Henrique, de que fizemos memoria até o anno de 1445, continuando deste dito anno em diante até o de 1460, em que falleceo.

AINDA que nos reinados de D. Joaõ I., e D. Duarte eu deixei escritas até aquelles annos as acções heroicas de seu grande filho, e irmaõ o Infante D. Henrique. Agora continuo a dizer, que como a natureza céga lhe tirou das mãos o Sceptro de Portugal, elle quiz ser herdeiro do valor do pai, concebendo nas primeiras idades espiritos taõ sublimes, que parece se animava o seu coraçaõ com os furores bellicos, de que nós vimos os ensaios na conquista de Ceuta. Nesta empre- Era vulg.

za

Era vulg. za famosa, honrada com a presença de seu grande pai, foi elle dos primeiros, que saltou em terra, que entrou na Cidade, seguido de poucos, e acomettido de muitos, aonde com a voz, e com o exemplo, animou os seus, e confundio os Barbaros, contando na idade de vinte e hum annos por número mais crescido as heroicidades. Nós o vimos segunda vez voltar a Africa na companhia de seu irmaõ o Infante Santo D. Fernando, inflammado no zelo de dilatar a Fé, e ainda que os effeitos naõ correspondêraõ á piedade das intenções, sempre conseguio o credito de constante, a reputaçaõ de Chéfe, a gloria de valeroso.

Nós deixamos dito, como naõ teve menos corage para as armas, que subtileza para as letras, em que fez hum estudo taõ vasto, especialmente nas disciplinas Mathematicas, que se determinou mostrar ao mundo a sua ignorancia na existencia dos Antipodas, no habitavel da Zona-Torrida; sendo a penetraçaõ do seu espirito quem descobrio a vasta extensaõ dos mares,

quem

quem domou o orgulho do Oceano, quem deo a conhecer novas terras, quem domesticou a ferocidade das Nações: intentos santos, que o obrigáraõ a abandonar os tumultos da Corte, e retirar-se para a Villa de Sagres no Algarve para cultivar com maior tranquillidade os estudos, e lançar as quilhas Portuguezas a cortar mares nunca de antes navegados, romper os caminhos incognitos ás gentes da Europa para fazerem o mundo communicavel a si mesmo. Nós temos visto os principios destes descobrimentos do nosso Infante no anno de 1419 continuados até o de 1445, aonde agora vamos atar o nosso fio para o levarmos direito, correndo com o da vida do mesmo Infante. Era vulg.

Descobertas as Ilhas de Porto-Santo, Madeira, Arguim, dobrados os Cabos, Bojador, Branco, e Verde, com a mais cósta de Africa, que fica dita, como havia tempo, que Joaõ Fernandes, camarada de Antaõ Gonçalves, andava pelo Sertaõ do Rio do Ouro informando-se das qualidades daquel-

Era vulg. quelle Paiz, o Infante mandou conduzillo pelo mesmo Antaõ Gonçalves, Garcia Mendes, e Diogo Affonso em tres caravellas, que forçadas de huma tormenta, perdêraõ a conserva, e cada qual seguio o seu destino por differente rumo. Diogo Affonso foi o primeiro que chegou a Cabo-Branco, e sahindo a terra, aonde fez alguns cativos, quando voltava se encontrou na praia com Joaõ Fernandes, que trouxe ao Reino. Delle soube o Infante o que desejava; a qualidade, e producções da terra; os costumes, e trafico da gente, de que dá larga noticia Joaõ de Barros. Elles deixáraõ áquelle sitio o nome de Cabo do Resgate.

Antaõ Gonçalves, e Garcia Mendes, depois de fazerem alguns cativos em Cabo-Branco, e havida porçaõ de ouro, voltáraõ a Portugal. As frequentes noticias dos interesses deste commercio, e os desejos de agradar o Infante, estimulavaõ os homens para se offerecerem voluntarios á continuaçaõ das emprezas. Assim o fez Gonçalo Pacheco, morador rico de Lisboa,

que

que armou á ſua cuſta hum navio, e de Lagos o ſeu Alcaide Mór, Sueiro da Coſta, que em varios Reinos da Europa havia ſervido com valor, ſeu genro Lanſarote, e outros Capitães diſtintos do Algarve, e de Lisboa, ſahíraõ com quatorze embarcações, que unidas a mais doze da Ilha da Madeira, continuáraõ a navegaçaõ da Cóſta de Africa. Diniz Annes da Gran, que mandava o navio de Gonçalo Pacheco, e o Capitaõ Mafaldo corrêraõ oitenta legoas adiante de Cabo-Branco pela terra firme, aonde fizeraõ baſtantes cativos em deſconto da vida de ſete Portuguezes: perda taõ ſenſivel a Diniz Annes, que encontrando-ſe com Lanſarote, e com vários vaſos da fróta de Lagos, lhes pedio foſſem com elle vingar a ſua injúria no meſmo lugar do primeiro combate. Elles achárao a Aldéa deſerta, e Diniz Annes naõ tendo objectos, em que deſaffogar a cólera, veio para Lagos. Era vulg.

Lanſarote com os ſeus camaradas ſe foi á Ilha de Tider, que ſe divide da terra firme por hum braço eſtreito

Era vulg. do mar, aonde pôz ſobre ferro tres embarcações para ao meſmo tempo dominar o continente, e a Ilha. Mas os Barbaros já animados para a defenſa, vieraõ á praia inſultar as tripulações das tres barcas, que ſem temer o ſeu grande número, determináraõ caſtigallos. Diogo Gonçalves, Moço da Camara do Infante, e hum Pedro Alemaõ, natural de Lagos, foraõ os primeiros que ſe lançáraõ a nado a inveſtillos. Apôz eſtes fizeraõ o meſmo todos os que ſe picáraõ da emulaçaõ honrada, e em huma eſcaramuça viſtoſa de poucos contra tantos, os noſſos matáraõ doze, prendêraõ 57, e pozeraõ o reſto em fugida. Sueiro da Coſta, entendendo que na entrada do Inverno naõ tinha mais que fazer naquellas paragens, voltou com alguns dos Capitães para Lagos, e deixou com outros a ſeu genro Lanſarote para ſe empregarem nas expedições, que bem lhes pareceſſe.

Depois de várias tentativas em Tider, e Cabo-Branco, Lanſarote veio ás Ilhas Canarias com intentos de entrar

trar na de Palma, que eſtava em deſconfiança com a da Gomeira, aonde elle aportou. Os noſſos pedíraõ aos moradores de Palma ſoccorro contra os Gomeiros, que lhe foi mandado, e os ajudáraõ no combate, em que prendêraõ a Rainha da Ilha com alguns dos ſeus vaſſallos. Parecendo-lhes ainda pouco o valor da preza, a avareza arraſtou os noſſos para eſquecerem o beneficio recebido dos de Palma, que atacáraõ para prender 21 peſſoas, que trouxeraõ ao Reino. O Infante ſentio tanto eſta rotura da hoſpitalidade, que derrotaria entre os Barbaros o credito das noſſas virtudes, que ordenou foſſem os preſos muito bem veſtidos á cuſta de quem os cativára, e levados ao meſmo lugar, aonde tinhaõ ſido tomados. Acçaõ taõ eſtimada dos Ilheos, que dalli em diante ſenaõ eſcuſáraõ ao ſerviço do Infante com todas as demonſtrações de zelo. Era vulg.

Como fallamos neſtas Ilhas Canarias, ainda que hoje naõ eſtejaõ no dominio da noſſa Coroa, por ſe haver

in-

Era vulg. intereſſado o Infante na ſua conquiſta, nós naõ deixaremos a noſſa Hiſtoria ſem dar dellas individual noticia. As Canarias ficaõ no mar Athlantico, diſtantes 200 legoas de Heſpanha, 57 da Cóſta de Africa, em 28 gráos da parte do Nórte, defronte do Reino de Marrócos. A Ilha principal he a Canaria, e no ſeu número variáraõ os antigos. Proclo diſſe, que eraõ dez, Ptolomeo, que ſeis, e Plutarco, que duas. Nós hoje contamos ſete, a ſaber: Canaria, Tenerife, Palma, a do Ferro, Forteventura, Gomeira, Lancelota. Alguns com erro manifeſto penſáraõ, que ellas eraõ as Ilhas Fortunadas, ſendo-o no conceito de outros as de Cabo-Verde. Os ſeus moradores antigos permitiaõ o uſo das mulheres, comiaõ carne crua, e praticavaõ as abominaçoẽs vulgares á Idolatria, que elles abraçavaõ.

Diz a Tradiçaõ, que o primeiro deſcobridor deſtas Ilhas fora o Cartaginez Hanon, quatro ſeculos e meio antes da vinda de Jeſu Chriſto. Nos annos da noſſa Éra 1344 ſe affirma as

qui-

quizera conquiſtar D. Luiz de la Cerdá em nome de D. Pedro IV., Rei de Aragaõ: que nos de 1363, ou nos de 1405 huma armada Caſtelhana, e Franceza as deſcobríra, e fizera nellas muitos priſioneiros: que a Rainha D. Catharina, viuva do Rei Henrique III. de Caſtella, no anno de 1417 pedíra licença, e ſoccorro a ſeu filho D. Joaõ II. para Monſieur de Bracamonte, Almirante de França, as conquiſtar com o titulo de Rei, nomeando logo Succeſſor a ſeu ſobrinho Joaõ de Betancourt: que ſendo-lhe concedidas huma, e outra couſa, elle ſahíra de Sevilha com huma grande armada, e ganhára a do Ferro, Forteventura, e Lancelote, donde mandára para Caſtella eſcravos, e fructos deſconhecidos: que elle nomeou, e o Papa Martinho V. confirmára ſeu primeiro Biſpo a Fr. Mendo: que o dito Joaõ de Betancourt conquiſtára depois a Gomeira, e que vendo-ſe ſem gente para ſuſtentar eſtas quatro, e render as que lhe faltavaõ, que eraõ a Canaria, Palma, e Tenerife, reſolveo a conquiſta Era vulg.

Era vulg. da Canaria, e que largára ao Infante D. Henrique as quatro, de que já era senhor.

Em recompensa desta cessaõ se affirma, que o Infante lhe déra as Saboarîas, e outras rendas na Ilha da Madeira, aonde Joaõ de Betancourt se fora estabelecer, e casára sua unica filha com Ruy Gonçalves da Camara, filho de Joaõ Gonçalves Zarco; mas que naõ tendo successaõ, a herança passára a seus sobrinhos Henrique, e Gaspar, dos quaes descendem os Betancourts das Ilhas. Outras muitas opiniões trataõ os Authores a este respeito, por que eu devo passar para me contrair aos successos do tempo do Infante, que no anno de 1424 mandou huma armada com 2ϕ500 homens de pê, e 120 cavallos, que commandava D. Fernando de Castro, pai do primeiro Conde de Monsanto, a sustentar as Ilhas ganhadas, e conquistar as outras; mas a muita demóra, que elle teve na expediçaõ, lhe consumio os mantimentos, e apenas pode conseguir a primeira parte da sua commissaõ.

Naõ

Naõ tardáraõ muito as pretenções de Caſtella ſobre eſtas Ilhas, dizendo os ſeus Reis, que lhes tocavaõ, em razaõ dos ſoccorros, e permiſſaõ, que haviaõ dado ao Francez Betancourt para a ſua conquiſta. O Infante, e El-Rei ſeu pai, que por eſta demanda naõ queriaõ embaraçar-ſe com Caſtella, e viaõ que o dominio das Ilhas paſſava para huma Potencia Catholica, que com fervor igual ao ſeu havia promulgar nellas o Evangelho, naõ ſó cedêraõ o direito ſobre as que ainda naõ poſſuiaõ, mas lhes largáraõ as que já tinhaõ em ſeu poder. As meſmas Ilhas tiveraõ ainda outros deſtinos. Quando o Conde de Atouguia D. Martinho de Ataide conduzio a Caſtella a Infante D. Joanna, filha do Rei D. Duarte, para caſar com D. Henrique IV., eſte Rei o gratificou com a mercê dellas. O Conde as vendeo a D. Pedro de Menezes, primeiro Marquez de Villa-Real, que as largou ao Infante D. Fernando, pai del Rei D. Manoel. Depois moſtrou o Caſtelhano Fernando Peres, que elle antes as havia compra- Era vulg.

G ii pra-

Era vulg. prado com licença, e confirmaçaõ dos Reis de Caſtella. Ultimamente, para evitar dúvidas, D. Affonſo V. as cedeo perpetuamente á Coroa do meſmo Reino no Tratado de Paz, que fez com Fernando o Catholico.

CAPITULO II.

Continua-ſe com a meſma materia dos deſcobrimentos do Infante.

AINDA corria o anno de 1446, em que acontecêraõ todos os ſucceſſos, que deixo referidos deſde o deſcobrimento de Cabo-Verde até ſe recolher a Lagos o ſeu Alcaide Mór, Sueiro da Coſta, que diſſemos ordenára a ſeu genro Lanſarote continuaſſe a navegaçaõ pela Cóſta de Africa. Foi eſte Fidalgo ſeguindo a ſua viagem até a demarcaçaõ poſta por Diniz Fernandes nos confins dos Mouros Azenegues, e Negros Jalofos. Daqui embocou adiante o Rio Sanagá, que examinou miudamente, e paſſando avante, lhe ſobreveio hum temporal, que deſagarrou a

ca-

caravéla de Rodrigo Annes Travaços, e de Luiz Dias, que foraõ parar a Lagos. Com cinco que lhe ficáraõ, passou a Cabo de Mastos, e continuando a derrota, padeceo outra tormenta, que lhe separou da conserva as barcas de Lourenço Dias, e de Gomes Pires. Este successo o obrigou a vir á Ilha de Tider, aonde fez vários escravos, que trouxe a Portugal, em quanto Gomes Pires, levado da tormenta ao Rio do Ouro, introduzia commercio, e amizade com os seus moradores. Era vulg.

O célebre Nuno Tristaõ, de que tantas vezes se tem fallado nestes descobrimentos, sahio no anno de 1447 com hum navio para correr além de Cabo-Verde, e o fez 60 legoas até a bocca do Rio Grande, aonde deo fundo. A curiosidade de vêr as suas margens, e a qualidade de gentes, que havia nellas, o obrigou a embarcar na lancha, com 28 companheiros, que huma corrente rápida levou pelo rio dentro a grande distancia do navio. Os negros, que o víraõ dar fundo, armá-

raõ

Era vulg. raõ muitas almadias guarnecidas de grande número dos mais valerosos, que rodeáraõ a lancha, e despedindo huma nuvem de flexas hervadas sobre ella, tiráraõ a vida ao valeroso Nuno Tristaõ, e á maior parte dos seus camaradas. Infortunio, que foi causa daquelle rio dalli em diante ser chamado o Rio de Tristaõ. Ficáraõ para a manobra do navio unicamente quatro marinheiros, nos apertos da necessidade com tanto acordo, que cortando as amarras, felizmente o mareáraõ dous mezes, até chegarem a Lagos, aonde estava o Infante, que remunerou com generosidade a gentileza dos vivos, e honrou a memoria dos mortos.

Como os desejos de levar o nome de Deos ás Regiões remotas, cresciaõ no Infante ao passo, que os descobrimentos se avançavaõ, naõ contente com a posse das Canarias, que por este tempo comprou ao Francez Betancourt, elle mandou a Alvaro Fernandes, que montasse o Cabo de Mastos, e passasse além de Cabo-Verde,

co-

como elle felizmente executou, chegando ás embocaduras do Rio Tabite, trinta legoas avante de Rio Triftaõ. Aqui o recebêraõ Negros valerofos, armados das mefmas fettas hervadas, que tirariaõ aos noffos mais vidas, fe elles naõ foffem prevenidos dos contravenenos, que poderaõ aprender dos mefmos moradores daquelles Paízes. Elle os caftigou com morte de muitos, em que entrou o feu Rei; e naõ encontrando por outros lugares defertos da Cófta objectos, em que exercitar o valor, nem eftimulos para mover a cobiça, defiftio do empenho, e fe recolheo á Patria. Era vulg.

Com pouco intervallo de tempo fahíraõ do Algarve mais dez embarcações, que commandavaõ Gil Annes, o valerofo Fernaõ Valarinho, que na Efcóla de Ceuta aprendêra a perder o medo, Joaõ Fernandes, Lourenço Dias, e Eftevaõ Affonfo, que foraõ á Ilha da Madeira incorporar-fe com mais duas vélas de Triftaõ Vaz, Capitaõ de Machico, e outra de Garcia Homem, que naõ paffáraõ da Ilha da Pal-

Era vulg. ma, aonde deixárão os companheiros, e se recolhêrão á Madeira. Nada importante fez aquella fróta, que correo os pórtos antes descobertos com menos fortuna, que a de Gomes Pires, Chéfe de duas caravélas, com que invadio as praias do Rio do Ouro, e depois de deixar nellas respeitado o seu nome, se recolheo a Lagos com hum bom número de escravos.

He Tradição constante, que neste anno de 1447, huma náo nossa, sahindo do Estreito de Gibraltar, padecêra huma tormenta tão fórte, que perdido o rumo, navegára á discrição das ondas, que a arrojárão a huma Ilha incognita, aonde a gente vio sete Cidades povoadas de Hespanhoes, que perguntárão aos nossos se ainda havião Mouros em Hespanha. Pelas suas informações soubemos, que elles erão descendentes dos nossos predecessores, que naquella invasão formidavel abandonárão a Patria, e se lançárão ás ondas a buscar abrigo em outras partes, como tambem fez o Lusitano

Sa-

Sacaru, que perdida a Cidade de Mérida na mesma invasaõ, veio aos portos de Lisboa, e Setuval, aonde embarcou com os moradores da Capital perdida, e já mais houve noticia destes profugos Lusitanos, que poderiaõ ser os moradores da Ilha, em que estou fallando, chamada Encoberta. Chegáraõ estes navegantes a Lisboa em tempo da Regencia do Infante D. Pedro, e entre outros signaes, que trouxeraõ da nova terra, dizem que fora huma pouca de arêa, de que se tirára ouro: que o Infante mandára fazer assento de tudo o que depozeraõ os navegantes: que ordenára se guardasse na Torre do Tombo; mas nella naõ ha hoje tal noticia, que se devia esconder tanto aos homens, como está encoberta a Ilha. Era vulg.

As acções, e modos com que os Portuguezes se conduziaõ entre as Nações brutas da Cósta de Africa, fizeraõ nascer em algumas o desejo da nossa communicaçaõ, especialmente os Mouros chamados de Méca, naõ a Méça aonde jáz o corpo do seu falso Profe-

fe-

Era vulg. feta na Arabia Feliz, mas outra do mesmo nome doze legoas além do Cabo de Gué, pouco antes de chegar ao de Naõ. Com esta noticia mandou o Infante no anno de 1448 ao experimentado Diogo Gil tratar esta negociaçaõ, que deixou estabelecida, entregando aos dominantes da terra dezoito Mouros, que levava cativos, e foraõ resgatados por 50 Negros, que lhe deraõ. Hum temporal rijo o obrigou a embarcar a gente para correr fortuna; faltando só Joaõ Fernandes, que por este acaso ficou entre os Mouros de Méca, havendo-o antes de proposito deixado entre os de Arguim. Elle trouxe ao Infante hum Leaõ, que foi o primeiro visto em Portugal daquellas partes, de que fez presente a hum Fidalgo Inglez.

Corria este anno para Portugal infeliz pela rotura del-Rei D. Affonso V. com seu Tio, o Infante D. Pedro, que perdeo a vida na fórma já referida; e sendo tantas as perturbações no Reino, ellas naõ impediaõ ao Infante a continuaçaõ dos seus santos designios.

gnios. Como a fama das nossas aventuras nos descobrimentos enchia a Europa de huma emulação gloriosa, muitas pessoas qualificadas de vários Reinos vinhaõ a Portugal ser participantes da nossa reputação. Entre outros, chegou este anno hum Fidalgo illustre da Corte de Dinamarca, chamado Balarte, que se offereceo ao Infante, e lhe pedio quizesse servir-se delle nas suas navegações. O Infante lhe mandou esquipar hum navio, e encarregando-o a hum Cavalleiro distincto da sua Ordem, chamado Fernando Affonso, que hia revestido do caracter de Embaixador ao Rei de Cabo-Verde, ordenou fossem vendo toda a Costa descoberta em Africa. Era vulg.

Esta viagem foi longa, e trabalhosa pelos temporaes contínuos, que sobreviéraõ; mas o maior incommodo foi a ausencia do Rei, que estava occupado na guerra em grande distancia da Corte, e se dilatava a negociação da paz, e commercio, que com elle havia estabelecer Fernando Affonso. Entretanto vinhaõ os Negros fazer cam-

bios

Era vulg. bios com os noſſos, e entre outros generos trouxeraõ alguns dentes de Elefantes, de que ſe admirou tanto o Dinamarquez, que pedio aos naturaes quizeſſem moſtrar-lhe hum vivo. No dia deſtinado por elles para lhe liſongearem o goſto, foi Balarte com vários companheiros no eſquife da Nao a terra; mas ſuccedendo a caſualidade de cahir hum ao mar, para o ſalvarem, todos ſe confundíraõ; foraõ lançando-ſe ao mar, eſquecendo o governo da lancha, que ſe deſgarrou. Os Negros, vendo os noſſos em terra ſem poderem ſer ſoccorridos do navio, ſe lançáraõ a elles, matáraõ o infeliz Dinamarquez, e todos os Portuguezes, menos hum deſtro nadador, que pode recolher-ſe a bordo para dar noticia a Fernando Affonſo da deſgraça dos camaradas. Ella o obrigou a voltar para o Reino, ficando os Negros como dantes obſtinados na defenſa da ſua liberdade, que já ſabiaõ comprar por todo o preço.

Depois que El-Rei D. Affonſo V. conſiderou o Reino em mais ſocego,

e

e meditou nas vantagens das navega- Era vulg.
ções do Infante D. Henrique, quiz estimulallo para novos progressos com as marcas distintas da sua estimaçaõ. Elle lhe fez mercê de huma Carta de Confirmaçaõ á sua Ordem dos descobrimentos feitos até entaõ, e prohibio que pessoa alguma, além delle, podesse passar adiante de Cabo-Bojador, concedendo-lhe os dizimos, e quintos de quanto descobrisse. Foi feita esta doaçaõ no anno de 1449, que he o mesmo em que lhe deo licença para mandar povoar as Ilhas dos Açores, antes descobertas, de que fallaremos adiante, em quanto nos entretemos com as de Cabo-Verde, que dissemos foraõ descobertas por Diniz Fernandes, e já quasi no fim da vida do Infante D. Henrique pelos annos de 1460, ou 1461 foraõ descobertas as Ilhas suas adjacentes, como eu vou a dizer.

O Genovez Antonio Nolle, desgostado da sua Patria, veio a Portugal offerecer-se ao Infante D. Henrique para descobrir as Ilhas de Cabo-Verde, de que havia huma noticia confusa

ex-

Era vulg. extrahida da memoria dos Geografoś antigos. Partio elle em duas náos, s huma embarcaçaõ de remo, acompanhado de ſeu irmaõ, e ſobrinho Bartholomeu, e Rafael de Nolle, em demanda deſte célebre Promontorio de Africa, e ſe engolfou cento e cincoenta legoas em diſtancia delle para a parte do Poente, aonde jazem no mar Atlantico as Ilhas, que tem o nome do meſmo Cabo. Os Portuguezes, primitivos deſcobridores, tambem lhe chamáraõ Ilhas Verdes, em razaõ do mar, que as cinge, eſtar coberto de herva em tanta cópia, que os navios a rompem com trabalho. Pomponio Mella lhes dá o nome de Ilhas Gorgonias, Plinio o de Gorgodas, e os Poetas as fingem a morada das tres irmãs Meduſa, Sthenion, e Euriala, que diſſeraõ Gorgones. Alguns as eſtimáraõ pelas Heſperidas, ditas aſſim do Promontorio Heſperio, em que falla Ptolomeo, que ignorou a exiſtencia das Ilhas.

No ſeu número variaõ todos os Eſcritores; mas a Coroa de Portugal poſ-

possue dez, que saõ, a de Sant-Iago, de S. Nicoláo, de Santa Luzia, de Santa Maria, a do Sal, a do Maio, a da Boa-Vista, a de Santo Antonio, a de S. Vicente, e a do Ferro. A primeira, que foi descoberta no dia de Maio, em que a Igreja celebra a Festa de Sant-Iago Menor, tem o nome deste Apostolo, que he o Patrono da Ilha, e nella celebrado o seu dia com grande applauso. Ella he a maior, e Capital de todas as outras, que successivamente foraõ descobertas. Dellas foi avante Antonio de Nolle, e passou ao Rio Rha, que os Portuguezes chamáraõ Caramansa, por ser o nome do Senhor da terra, donde navegou até Cabo-Vermelho, e voltou a Portugal. Nas duas Historias Insulanas, huma manuscrita do Doutor Gaspar Fructuoso, outra do Padre Antonio Cordeiro, se dá noticia mais larga destas Ilhas, da variedade dos seus nomes, e do seu número, donde Manoel Pimentel extrahio huma recapitulaçaõ das opiniões mais provaveis a respeito deste assumpto. Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se do descobrimento, e povoaçaõ, que nas Ilhas dos Açores, ou Terceiras mandou fazer o Infante D. Henrique.

AS Ilhas, que chamamos dos Açores, em razaõ de muitas destas aves, ou de outras, que foraõ vistas semelhantes a ellas no tempo do seu descobrimento, e que tambem dizemos Terceiras por causa da sua Capital, a que deraõ o nome de Terceira pelo ser na ordem do mesmo descobrimento; os nossos navegantes as avistáraõ, e chegáraõ a ellas muitos annos antes dos penultimos da vida do Infante, quando ellas formalmente vieraõ a ser povoadas. Os Estrangeiros lhe chamáraõ Ilhas Flandricas em memoria do Flamengo Jacome de Bruges, que elles entendêraõ ser o seu descobridor; mas a justiça naõ consente, que a elle só se attribua esta gloria. Nós temos huma constante certeza, de que Gonça-

ça-

çalo Velho Cabral, Commendador de Almourol, no dia da Aſſumpçaõ da Senhora de 1432 deſcobrio a Ilha, que em reſpeito á meſma Senhora fez chamar de Santa Maria, havendo no anno antes deſcoberto o Baixo das Formigas. Era vulg.

Nós contamos as nove Ilhas dos Açores por eſta fórma; a Terceira, a de S. Maria, a de S. Miguel, a de S. Jorge, a Graciosa, a do Faial, a do Pico, a das Flores, e a do Corvo; mas eu ſeguirei neſta narraçaõ a ordem do deſcobrimento. Foi primeira deſtas Ilhas deſcoberta a de Santa Maria, que eſtá aos 37 gráos, apartada do noſſo Cabo de S. Vicente duzentas e cincoenta legoas, e tem quatro de comprido, e tres de largo. A povoaçaõ principal he a Villa do Porto. O Infante D. Henrique deo a Capitania della ao meſmo Gonçalo Velho, ſeu deſcobridor; da qual a Infante D. Brites, Viuva do Infante D. Fernando, fez depois mercê a Joaõ Soares de Albergaria por Carta paſſada em Evora a 12 de Maio de 1473, que El-

Era vulg. Rei D. Affonſo V. confirmou em Santarem a 13 de Julho de 1474.

Já eſtava povoada a Ilha de Santa Maria, quando o Infante foi aviſado, que de hum monte mui alto, que fica ao Nórte da meſma Ilha, apparecia huma ſombra, que ſem dúvida era outra terra. No anno de 1444 ordenou o Infante a Gonçalo Velho, que foſſe examinar eſta ſombra, e no dia da Appariçaõ de S. Miguel felizmente deſcobrio a Ilha, a que pôz o nome do meſmo Arcanjo, e lhe foi dada a ſua Capitania em remuneraçaõ deſte ſerviço. Elle a povoou no anno ſeguinte, e com muita gente aportou nella o dia fauſto, em que fazia o anno do deſcobrimento. A Ilha de S. Miguel he a primeira, que encontraõ os que ſahem da barra de Lisboa para as Terceiras. Diſta della 212 legoas para o Cabo de Eſpichel. As ſuas povoações principaes ſaõ, a Cidade de Ponte-Delgada, as Villas do Campo, Ribeira grande, Villa Franca, Villa de Nordeſte, a de Agoa de Páo, a da Lagoa, e outros vinte Lugares bem povoados.

A Ilha de S Miguel he a mais populoſa das ſuas viſinhas, e nós ignoramos a cauſa, por que taõ bem a poſſuio o dito Fidalgo Joaõ Soares de Albergaria, que a vendeo a Ruy Gonçalves da Camara, com confirmaçaõ da meſma Infante D. Brites, paſſada no primeiro de Março de 1474. Como de Ruy Gonçalves deſcende a Caſa dos Condes da Ribeira, nella ſe conſerva eſta Capitania com grandes juriſdições, e regalias. Ella tem de comprimento dezoito legoas, de largura duas, e o ſeu terreno he o mais fertil de todas as Terceiras. No mundo ha outras Ilhas chamadas de S. Miguel, a ſaber, huma na India entre os Calamianos, ou Paraguaya, e Borneo; outra dos Venezianos no mar Adriatico, a que alguns chamaõ a Ilha Ugliana. Era vulg.

He terceira Ilha deſcoberta, a que em razaõ deſta ordem do deſcobrimento chamamos Terceira. Nós ignoramos o anno, e o Author do meſmo deſcobrimento, ainda que alguns entendem fora o dito Gonçalo Velho Ca-

Era vulg. bral. Outros, porque o Infante D. Henrique fez della mercê ao Flamengo Jacome de Bruges, entendem, que elle sería o ſeu deſcobridor. O certo he, que eſta doação foi feita na Cidade de Sylves, aonde eſtava o Infante, a 2 de Março de 1450, para Jacome de Bruges, e ſeus deſcendentes ſem excluſaõ das femeas, e elle a povoou. A Terceira eſtá diſtante de Lisboa 245 legoas; tem de comprido treze, de largo ſeis, e ſe divide nas Capitanias de Angra, e da Villa da Praia. Na primeira eſtá a Cidade Epiſcopal de Angra, com a Villa de S. Sebaſtiaõ, e os Lugares do Raminho, de S. Antonio, da Ribeirinha, de S. Mattheos, de S. Bartholomeo, de Santa Barbora, e de S. Jorge. Na ſegunda ſe comprehendem a meſma Villa da Praia, e os Lugares de S. Roque, de S. Pedro, das Quatro Ribeiras, d'Agoa-Alva, de Villa-Nova, e outros. O Fidalgo Flamengo a poſſuio poucos annos, e depois da ſua mórte, a Infante D. Brites, que dividio as duas Capitanias, que deixo referidas, deo a de Angra

a

a João Vaz Corte Real, Fidalgo bem conhecido pelo ſeu illuſtre appellido; e a da Praia a Alvaro Martins, por Carta paſſada em Evora a 2 de Abril de 1464. Era vulg.

A Ilha de S. Jorge dizem huns, que a deſcobríra o meſmo João Vaz Corte Real, outros que o Flamengo Jacome de Bruges no anno de 1450, e que ſe lhe déra eſte nome por apparecer no dia, em que a Igreja faz memoria de S. Jorge. Ella tem onze legoas de comprido, e huma e meia de largo, menos nas duas pontas, aonde a terra ſe eſtreita. A ſua Capitania ſe unio á de Angra, em razaõ da pequena diſtancia de oito legoas ao Les-Sueſte Oes-Norueſte da Terceira, e a poſſuíraõ os ſeus dous Donatarios Jacome de Bruges, e depois João Vaz Corte Real. As ſuas povoações ſaõ, a Villa de Vellas, que he a Capital, a de Topo, a da Calheta, e os Lugares da Ribeira Secca, de Sant-Iago, das Manadas, e da Senhora do Roſario. Dizem, que o ſeu povoador fora outro Fidalgo Flamengo, chamado Gui-

Era vulg. Guilherme Vandagara, se illustre no sangue, muito mais nas virtudes, que vendo-lhe naõ correspondiaõ os interesses ás despezas, foi estabelecer-se na do Fayal.

Esta Ilha, quinta na ordem do descobrimento, tomou o nome das muitas Fayas, que havia nella, fica dezoito legoas da Terceira, tem nove de comprido com tres de largo. Verdadeiramente senaõ sabe o anno do seu descobrimento, nem quem fosse o descobridor, ainda que se attribua ao mesmo Gonçalo Velho, e se aponte o anno de 1449. O Infante D. Henrique deo a Capitania ao Flamengo Joaõ, ou Jorge de Utra, que alguns querem fosse o seu descobridor, e que na sua povoaçaõ o ajudára muito o seu nacional Guilherme Vandagara, quando abandonou a de S. Jorge. Outros entendem, que os Mareantes da Terceira, de S. Jorge, ou da Graciosa foraõ os descobridores do Fayal, que tem por Capital a Villa de Horta, e outros lugares populosos.

Tambem se attribue aos mesmos Ma-

Mareantes o deſcobrimento da ſexta Ilha, que foi a do Pico, aſſim chamada do altiſſimo monte, que dizem ter tres legoas de eminencia, e ſe deſcobre de muitas ao mar, e do ſeu cume todas as Ilhas viſinhas em diſtancia de 40 legoas. Affirma-ſe, que o Infante D. Henrique dera a ſua Capitania a Jorge de Vtra, ou que o encarregára do governo della, por eſtar pouco mais de huma legoa diſtante do Fayal, e que tem de comprimento dezaſeis, e cinco de largura. O modo, e tempo da ſua povoaçaõ he incerto, ainda que diga hum Eſcritor noſſo, que Fernando Alvares Evangelho, apartando-ſe de ſeus companheiros por huma tormenta, ſaltára nella com hum caõ: que ſe ſuſtentára hum anno da caça, que eſte lhe matava: que tornando os camaradas áquelle pórto, lhes propozera a bondade do Paiz, que de acordo commum elles povoáraõ. Tem eſta Ilha Lugares ricos, eſpecialmente a Villa das Lagens, que fica na face do Sul, o da Magdalena fronteiro á Villa de Horta, e a Villa de S. Roque. Era vulg.

A

Era vulg. A Ilha Graciosa, que foi a septima descoberta, fica na altura de trinta e nove gráos, e hum quarto, estendida de Leste a Oeste, por treze legoas de comprido, e duas na maior largura. Ella teve aquelle nome em razaõ da sua planicie agradavel, fertil, e deliciosa. Dizem que fora descoberta no anno de 1453, sem sabermos nada do seu descobridor, e que pelos annos de 1455 a principiára a povoar Gonçalo Velho Cabral; mas o Infante D. Henrique fez mercê da metade da sua Capitania a Vasco Gil Sodré, natural de Monte-Mór o Velho, que vivia na Terceira, e da outra metade a Duarte Barreto seu cunhado, dos desta familia no Algarve, e elles a povoáraõ. As suas habitações principaes saõ as Villas de Santa Cruz, e da Praia, com outros Lugares, que cultivaõ o seu terreno fertil.

Na altura de trinta, e nove gráos, quarenta minutos está situada a Ilha das Flores, que se estende Nórte-Sul pelo espaço de dez legoas de comprido, e tres de largo. Aquelle nome lhe foi pos-

poſto pela muita variedade de flores, que nella ſe criaõ, e a habitaõ os moradores das Villas de Santa Cruz, e das Lagens, com os de varios Lugares. Nós ignoramos o ſeu deſcobridor, e quanto della ſe diz a eſte reſpeito ſaõ conjecturas, ſem mais certeza, que a de eſtar ella deſpovoada até o tempo del Rei D. Manoel, que a mandou povoar por Antaõ Vaz, morador na Ilha Terceira, donde aviſtou a do Corvo, que he a ultima das Ilhas dos Açores. Com eſta noticia veio Antaõ Vaz ao Reino, e pedio ao meſmo Rei a Capitania de ambas, que lhe foraõ dadas, e paſſáraõ depois para a Caſa dos Marquezes de Gouvea. Era vulg.

A Ilha do Corvo, que fica ao Nórte da das Flores ſeparada por hum canal, tem tres legoas de circunferencia, e na ſua cóſta huns altos rochedos, que ſó ſe abrem nos dous portos pequenos, que chamaõ o Peſqueiro Alto, e o Porto da Caſa. Há nella o Lugar da Senhora do Roſario, que depende da Ilha das Flores. Eſte dominio de ambas as Ilhas vendeo Antaõ

Vaz

Era vulg. Vaz a Gonçalo de Souſa, hum Fidalgo honrado, que ſe intitulou Capitaõ da Ilha das Flores, e Senhor da do Corvo, como depois fizeraõ os ſeus deſcendentes.

Em fim, o Infante D. Henrique, além de todas as Ilhas do Mar Atlantico, que eu deixo eſcritas, elle deſcobrio, quanto vai do Cabo-Bojador, que fica em trinta e ſete gráos de altura do Nórte, até a Serra Leoa, que eſtá aos ſete, e dous terços, correndo 370 legoas de Coſta: deſcobrimentos, que lhe leváraõ mais de 40 annos, em que elle adquirio ſeculos de gloria. Se nós houvermos de crêr opiniões vulgares, ha quem nos diga, que o Infante intentára eſtas emprezas guiado por hum Mapa, que lhe dera ſeu irmaõ o Infante D. Pedro, quando ſe recolheo das ſuas viagens, que continha o ambito da terra, e nelle ſe chamava ao Eſtreito de Magalhães a Cola do Dragaõ, ao Cabo da Boa-Eſperança a Fronteira de Africa. Que tambem no Cartorio de Alcobaça ſe achara outro Mapa, que continha a navega-

gaçaõ da India pelos meſmos rumos, Era vulg.
que hoje ſe ſeguem. Mas ſe iſto aſſim foſſe, e as Regiões do mundo já eſtavaõ deſcobertas, e conhecidas; donde naſceo a ſua admiraçaõ, quando o Infante avançou eſtes deſcobrimentos; quando Bartholomeo Dias montou o Cabo de Boa-Eſperança; quando Vaſco da Gama deſcobrio a India; quando Pedro Alvares Cabral deo novas da America; quando Fernaõ de Magalhães embocou o Eſtreito do ſeu nome? Veneramos a Antonio Galvaõ, naõ duvidamos da fé de Franciſco de Souſa Tavares, eſtimamos ao Padre Fr. Luiz de Souſa; mas as ſuas opiniões naõ ſaõ as que baſtaõ para privarmos ao noſſo Infante D. Henrique da juſta gloria, por nos enſinar a deſcobrir o mundo, ſem mais ſoccorros, que os do ſeu illuminado entendimento, com que penetrou os arcanos reconditos da ſua coordinaçaõ, que ignoravaõ todos os Antigos mais bem illuſtrados.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Conclue-ſe o mais que pertence á vida, e morte do Infante D. Henrique.

TODA a vida deſte bemaventurado Infante foi hum tecido de heroicidades; emulas entre ſi meſmas as virtudes ſobre qual dellas havia levantar na ſua peſſoa o trofeo da ſublimidade. Apparecia a piedade, e ſobrepojava a Religiaõ; luzia a prudencia, e ſcintilava raios a juſtiça, esforçava-ſe a fortaleza, e apparecia coroada de triunfos a temperança; ſoffria reſignada a conſtancia, e movia ambos os braços a magnanimidade; queria deixar-ſe vêr a parcimonia, e corria ſolta a liberalidade. Neſte combate viſtoſo toda a alma do Infante ſe repreſentava hum theatro de idéas puras ſem paixões, que ſe eſcuſavaõ em negar precedencias á primeira das imagens virtuoſas, que ſahia a fazer o ſeu papel. Tantas qualidades infuſas ſe acompanhavaõ dos habitos das ſciencias adqui-

quiridas, que o faziaõ reſpeitavel entre os Principes do ſeu tempo. Na Mathematica, e Coſmografia foi de tal ſórte eminente, que fez conhecer ao mundo a ſua cegueira na ignorancia da poſitura do Globo terraqueo; da differença dos habitadores das Zonas, quero dizer, os Antipodas, os Antecos, os Periecos, os Anficios, os Heteroſcios. Elle nos ſoube moſtrar, que nos ſeios dos mares havia pedaços de terra ſoltos dos continentes, que chamamos Ilhas, deſtinados para refugio dos perſeguidos pelos ambicioſos, que ſe naõ fartaõ de mundo. Elle o que apontou com o dedo os lugares, aonde a Providencia havia tantos ſeculos tinha eſcondido o ouro, a prata, os diamantes, as perolas para utilidade dos mortaes. Era vulg.

O Infante D. Henrique moſtrou, que era domavel o orgulho do Oceano, a ferocidade das Nações Africanas, e Aſiaticas: que os navegantes podiaõ perder de viſta hum continente para buſcarem o outro: que das producções de humas Provincias deviaõ

Era vulg. viaõ participar as outras ; communicar-ſe o mundo a ſi meſmo, os ſeus generos , as ſuas riquezas , o que ha em humas partes para as outras, que naõ as tem ; de ſórte que o Commercio faça ver ao Univerſo huma Pátria commua , como ſe tantas gentes , que o habitaõ, naõ compozeſſem mais que huma ſó Naçaõ. Eſte beneficio univerſal lhe levou os cuidados maiores da melhor parte da vida ; applicações immenſas, eſtudos frequentes , deſpezas enormes , taõ cheio dos eſpiritos do valor , que parece communicava aos homens novas almas para arroſtarem intrepidos os maiores perigos , a furia dos Elementos, a ſoberba dos mares, o impeto dos ventos, a voracidade do fogo , a furia das féras, a raiva dos homens.

D. Henrique fundou como diſſemos , a Villa de Sagres no Algarve, aonde reſidia a maior parte do tempo para dar calor aos ſeus deſcobrimentos. Augmentou a Ermida de noſſa Senhora de Reſtello no lugar do meſmo nome , que nós hoje em Lisboa chama-

mamos Belém, para ser a sua Protecto Era vulg.
ra nos mesmos designios, juntamente com os Santos Reis Magos; ella como Estrella dos mares, que descobrisse os rumos; os Magos como observadores da Estrella, que lhe mostrou o Sol nascido nas Regiões incognitas, no seu Oriente, nos braços da Aurora: idéa sublime, ou allusaõ brilhante, de que se serviria o Infante para esperar com os influxos da Estrella, e illuminaçaõ dos Magos conseguir por meio das suas viagens deixar aos homens o caminho aberto para resistarem todo o curso do Sol, desde o berço, aonde nasce, até ao tumulo, em que morre.

A Ermida de Restello, que disseraõ de N. Senhora da Estrella alguns Escritores, o Infante a deo á Ordem Militar de Christo, de que era Graõ-Mestre, e ordenou aos Cavalleiros, que nella fossem servir a Santa Virgem, como especial Protectora das suas navegações: que alguns Freires Sacerdotes assistissem nella para hospedarem os navegantes, e os soccorre-

rem

Era vulg. rem conforme foſſem as ſuas neceſſidades, para o que edificou hoſpicios, e conſignou rendas, que forneceſſem os meios neceſſarios para o exercicio de huma caridade contínua. Aſſim ſe conſervou a memoravel Ermida de Reſtello até ao tempo del Rei D. Manoel, que a trocou pela Igreja da Conceiçaõ Velha, aonde mandou reſidir os Freires, para fundar naquelle ſitio o magnifico Moſteiro dos Monges de S. Jeronymo. Mas naõ querendo que eſqueceſſe a memoria do Infante, ou a da ſua devoçaõ alluſiva á Senhora, que os Magos adoráraõ guiados pela Eſtrella, fez chamar Belém ao Moſteiro, que honrou com a precioſa Imagem da Senhora da meſma Invocaçaõ; deixando a antiga de Reſtello, ou da Eſtrella, que he admiravel, na Capella collateral, defronte do Altar, em que eſtá o Vulto de S. Joſé.

Para ſe conſervar mais viva a lembrança do Infante, o meſmo Rei mandou levantar no Moſteiro a ſua Figura ſobre a columna, que fica no meio da porta traveſſa, que faz frente ao mar, for-

formada da mesma pedra com as insignias, que indicaõ a sua gloria nas emprezas honradas, que intentou, e conseguio, como Principe, Guerreiro, e Argonauta. Entre tantas qualidades luminosas, que illustráraõ este ornamento magestoso da nossa Pátria, a nenhuma cedia a sua constancia inalteravel, e serenidade mais que humana em tantos infortunios, que o combatêraõ na vida. Firmeza, e robustez de espirito, que o fizeraõ parecer insensivel nas calamidades lastimosas de seus dous irmãos os Infantes D. Fernando, e D. Pedro. O coraçaõ sempre intrepido, se servio dos máos successos de humas emprezas para fortificar em outras as esperanças; Heróe, que nada o perturbou; que naõ estimou difficuldade por invencivel; que fazia das ruinas argumento para as victorias; sempre elevada a alma sobre a instabilidade da fortuna para mostrar, que de nada mais se fiava, além da Providencia Suprema, que regula os destinos. Era vulg.

Elle amplificou as Escólas Geraes,

Era vulg. que inſtituíra o Rei D. Diniz, e lhes deo as proprias caſas, em que vivia em Lisboa, para ſe aprenderem as Leis, que depois ſe ouviaõ concordes pelos Tribunaes. O Meſtrado da ſua Ordem de Jeſu Chriſto lhe deveo as mais diſtinctas applicações na conſervaçaõ do reſpeito, das regalias, e augmento das rendas pelas mercês dos Reis ſeu pai, irmaõ, e ſobrinho, confirmadas pela authoridade do Papa Eugenio IV. Nós diremos deſte bravo, e illuminado Chéfe da ſua Ordem, que elle com o écco do Nome Auguſto do Redemptor, que a honra, domou as gentes, conquiſtou as Praças, fez tremer a terra, aſſuſtou os mares, domeſticou os Elementos, illuminou as trévas, levantou Padrões no Oceano, Trofeos nos Pólos, e diſſe ao mundo quem era. Elogio diminuto, toſco, balbuciente de hum Principe a quem o Orbe deve tanto, e Portugal deve tudo.

O ſeu corpo foi talhado para depoſito de taõ grande alma; na grandeza proporcionado; nos membros

groſ-

grosso, e forte, no rosto branco, e córado; a gravidade o seu ornato, para a virtude benigno, para o vicio terrivel; taõ circunspecto nas palavras, como modesto nas acções, sem luxo, sem vaidade, na pessoa, e na casa tudo moderaçaõ, exemplos de virtude, e santidade. A Villa de Sagres no Algarve tem a honra de ser o lugar, donde o nosso Infante passou da vida mortal para a eterna a 15 de Novembro de 1460, cheio de virtudes, e merecimentos, donde o seu corpo foi transferido para o Convento da Batalha. Com morte preciosa acabou o liberal para com os pobres, o compassivo para os afflictos, o suavemente affavel para todo o genero de pessoas, como significava a sua Coróa tecida, e enlaçada de ramos de carrasco, que tomou por empreza animada com a letra em Francez: *Talent de bien faire.* Era vulg.

Eu coroarei estas noticias do Infante D. Henrique com os elogios, que lhe fazem Authores veneraveis, e seja o primeiro o Papa Nicoláo V.

Era vulg. na Bulla, em que confirma a conquiſta de Africa pelos Portuguezes, aonde diz: Á noſſa noticia chega, naõ ſem goſto eminente, e alegria completa da noſſa alma, que o amado filho, nobre Varaõ Henrique, Infante de Portugal, Tio do noſſo cariſſimo em Chriſto filho Affonſo, Rei de Portugal, e dos Algarves, ſeguindo os veſtigios de ſeu pai Joaõ, Rei dos ditos Reinos, de memoria preclara, o ſeu zelo pela ſalvaçaõ das almas, elle abraſado no muito fogo da Fé, como Catholico, o mais verdadeiro dos ſoldados do Creador Jeſu Chriſto, da ſua Fé o mais acerrimo, fortiſſimo, e intrepido Defenſor, &c.

Vaſconcellos no Anacephaleoſes dos Reis de Portugal reſolutivamente affirma, que D. Henrique em nada he inferior aos Principes primitivos, em nada ſegundo aos poſteriores, ou nós o conſideremos pelo ardor da ſua fé, ou pela magnanimidade do ſeu eſpirito. Faria, com a eloquencia coſtumada na Eſtancia 35 ao Canto oitavo de Camões, diz: Que foi o Prometheo

de

de Hespanha, porque se aquelle desde o monte Caucaso investigou o curso, e virtude dos Planetas, este (o Infante) deixando a Corte, se foi a viver só em o Promontorio de Sagres, e dalli investigando as Estrellas achou o descobrimento dos nossos mares, e conquistas, de que he pai unico. O mesmo Faria no primeiro Tomo da Asia Portugueza: O Infante D. Henrique Author memoravel da Milicia Austral, e Oriental; nas Artes, e Letras foi versado; nas Mathematicas superior a todos os que as manejárao na sua idade. Na Europa Portugueza conclue o mesmo Author: Valeroso Principe, Sábio, Santo, digno da sua origem. Era vulg.

O Padre Joaõ Mariana, a quem Portugal he taõ pouco devedor, diz do Infante na Historia de Hespanha: Henrique, irmaõ del Rei Duarte, Varaõ dotado de hum espirito eminente, foi o primeiro, que teve a cogitaçaõ sublime de buscar pelo mar Regiões novas, e com frótas cada anno mandar investigar as partes Austraes do

Ceo

Era vulg. Ceo até as praias mais remotas da Africa, as quaes abatendo as ondas empoladas do Oceano inchado, descobríraõ gentes incognitas, e novas Ilhas. Maffeo na Historia da India, fallando do Infante, decide: Que nada ha mais illustre, seja para a fama do nome Lusitano, seja para a gloria de Deos immortal, que devaçar os mares incognitos, mandar armadas a Regiões novas, e levar a Religiaõ Santa até aquellas partes, aonde pode chegar o esforço, e diligencias humanas. Arnoldo na Arvore da Vida: Com os desejos de ampliar o Reino paterno, elle principiou a illustrar as praias de Africa com as suas esquadras, e no mar Atlantico descobrio Ilhas novas, que já mais foraõ habitadas pelos homens.

Pacheco na vida da Infante D. Maria confessa: Que Hespanha deve as suas navegações ao Infante D. Henrique. Pedro Opmero no Opusculo Chronologico do Universo: Que elle transmittiria por fundo hereditario á Coroa Lusitana a vastidaõ do Oceano com as

suas

Ilhas, Enceadas, e Recostos. D. Francisco Manoel nas Epanaforas o representa Mestre insigne de toda a Arte militar, que na Milicia de Jesu Christo se assignalou em valor, e disciplina, por ser vantajosamente affeiçoado a emprezas difficultosas, cujos intentos cresciaõ em virtuosa emulaçaõ do que via conseguir a seu pai, e em si mesmo se estava cada hora ensaiando para maiores effeitos. Monsieur de la Clede na Historia de Portugal lhe chama Principe piedoso, valeroso, e sábio. Le Quien de la Neufville na mesma Historia Portugueza, que consagrou ao Rei D. Pedro II., persuade a sua alta distinçaõ nos seus felices talentos pelas sciencias, nas suas audazes navegaçoẽs, nas suas gloriosas emprezas. Finalmente, entre muitos de que podéra formar hum Catalogo longo, diz o Padre D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica da Casa Real dos nossos Soberanos: Que do valor do Infante D. Henrique saõ testemunha as Praças de Ceuta, Arsila, Alcacere, e Tangere, e das suas vir- Era vulg.

Era vulg. virtudes o ſerá eternamente a Hiſtoria, em que he univerſalmente louvado, naõ ſó na Portugueza, mas na das outras Nações com memoria immortal do ſeu nome.

CAPITULO V.

Trata-ſe de D. Affonſo, filho natural del Rei D. Joaõ I., Conde de Barcellos, e tronco da Real Caſa de Bragança.

COMO eu me determinei a concluir eſte Tomo com a narraçaõ dos filhos del Rei D. Joaõ I., tive por juſto dar aqui lugar a D. Affonſo, Conde de Barcellos, primeiro Duque de Bragança, tronco illuſtriſſimo deſta Real Caſa. Todos os noſſos paſſados entendêraõ, que El-Rei D. Joaõ, ſendo Meſtre de Avís, tivéra a D. Affonſo de Ignez Pires, e que ella era filha de Fernaõ Eſteves, vulgarmente chamado o Barbadaõ de Veiros. Os noſſos Genealogicos modernos, os Monumentos deſcobertos na Torre do Tombo, no

Car-

Cartorio da Caſa de Bragança, e os Era vulg.
Eſcritores de boa critica bem reflexionados, deſtroem inteiramente eſta fabula, que tantos annos trouxe allucinados os maiores homens. De tudo, e de todos eu extrahirei a verdade para a minha narraçaõ fiel, ſem a embaraçar com diſputas, citas, e diſcuſſaõ de opiniões.

D. Affonſo, Conde de Barcellos, e ſua irmã D. Brites, mulher de Thomaz, Conde de Arondel, naſcêraõ de D. Joaõ, Meſtre de Avís, depois Rei de Portugal, e de D. Ignez Pires, ou Peres, filha de pais diſtinctos, que foraõ Pedro Eſteves, e Maria Annes, neta de Eſtevaõ Pires, e de Leonor Annes, que lhe communicáraõ a muita nobreza herdada dos ſeus maiores. Depois de ter eſtes filhos, foi ella Commendadeira do Real Convento de Santos, aonde ſe naõ admittiaõ, nem hoje admittem peſſoas, que naõ ſejaõ de qualidade notoria ſem diſpenſa eſpecial. Por iſſo Brandaõ diz della, que ſe lhe teve grande reſpeito por ſer tal peſſoa, e que querendo

mu-

Era vulg. mudar-ſe do Convento para a Cidade, o Infante D. Duarte lhe largou os Paços do Limoeiro, que eraõ ſeus, e que aqui eſteve o Convento algum tempo, como ſe vê de hum afforamento de caſas no beco do Reymondo deſta Cidade, que diz deſta maneira: Na Cidade de Lisboa nos Paços do Infante herdeiro, que ſaõ a par de Saõ Martinho, onde ora pouſaõ as Donas do Moſteiro de Santos, ſendo hi a honrada Religioſa Cmmendadeira D. Ignez.

Eſtevaõ Peres, que foi pai deſta ſenhora, e Commendador da Commenda de Santos, que ſó ſe dava a peſſoas de qualidade, e he diſtinta da Commendadoria de Santos, que obteve D. Inez: elle tambem foi pai de D. Guiomar Eſteves, Covilheira da Rainha D. Leonor Telles, o que tudo ſe próva com documentos irrefragaveis, que derrotaõ as antecedentes preoccupações. Entre elles he bem formal a juſtificaçaõ de Lopo Vaz Folgado, primo-irmaõ da dita D. Ignez, na qual o Duque de Bragança D. Jayme,

me, D. Affonſo, Biſpo de Evora, e Era vulg.
o Marquez de Villa-Real, que dá a ſeu pai o Appellido de Pedro Eſteves Fonteboa, atteſtaõ, e affirmaõ, que ella era ſua parenta, e a trataõ com grande reverencia, e reſpeito. Depois diſto ſe ſabe, que o Barbadaõ de Veiros, chamado por todos os noſſos Chroniſtas Fernando Eſteves, elle tinha o nome de Joaõ Barbadaõ, ſem que a hum, ou outro nome correſponda em D Ignez o patronimico de Pires, que correſponde ao de ſeu verdadeiro pai, Pedro Eſteves: uſo louvavel, que naquellas idades naõ ſó practicavaõ as peſſoas da maior grandeza; mas ainda os filhos dos Principes, como conſta de todas as Hiſtorias de Heſpanha.

Duas vezes foi caſado o Conde de Barcellos D. Affonſo; e porque de ſua ſegunda mulher D. Brites, filha de D. Affonſo, Conde de Gijon, e de ſua prima D. Iſabel, filha baſtarda de ſeu tio El-Rei D. Fernando, elle naõ teve geraçaõ; ſó trataremos do ſeu primeiro caſamento, donde deſcende a

Real

Era vulg. Real Caſa de Bragança, levando a ſua deſcendencia até ao Duque D. Joaõ, que foi entre os Reis de Portugal o quarto do nome.

No anno de 1401 eſtando El-Rei D. Joaõ I. em Leiria, ajuſtou a caſar primeira vez a ſeu filho natural D. Affonſo com D. Brites Pereira de Alvim, filha unica do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, havendo-o antes legitimado. O Condeſtavel dotou ſua filha com a Villa, e Caſtello de Chaves, e ſeus termos, com a terra, e julgado de Monte-Negro, com o Caſtello de Monte-Alegre, terras de Barroſo, Baltar, Paços, e Batellos Entre-Douro-Minho, e Tras-os-Montes, com ſeus termos, honras, coutos, e juriſdições civís, e criminaes; com os Padroados das Igrejas, Quintas da Carvalhoſa, de Canedo, das Covas, de Godinhaes, de Sarrações, de Moreiras, Pouſada, Sanfins, e outras muitas; com Pena-Fiel, Baſto, Guimarães, Portello, Arco de Baulhe, Caſtello de Pinhoca; ultimamente com o Condado de Barcellos, que cedeo em

em ſeu genro voluntariamente, para Era vulg.
El-Rei cumprir a palavra, que lhe déra de naõ criar em ſua vida outro Conde além delle Condeſtavel. Depois, no anno de 1442, governando eſte Reino ſeu irmaõ o Infante D. Pedro na menoridade de D. Affonſo V., ſendo elle já caſado com a ſegunda mulher, o dito Infante o criou primeiro Duque de Bragança; mercê retribuida com a ingratidaõ enorme, e perſeguiçaõ inexoravel, que eu deixo referida na vida do meſmo Infante.

Do matrimonio de D. Affonſo, e de D. Brites Pereira de Alvim naſcêraõ filhos a Infante D. Iſabel, que caſou com ſeu tio o Infante D. Joaõ, como fica dito: D. Affonſo, que foi Conde de Ourem, Marquez de Valença, e morreo em vida de ſeu pai, ſendo dotado de grande talento, e tendo viſto boa parte do mundo, por muitas qualidades eſtimavel, ſenaõ as tiſnára com a perſeguiçaõ injuſta contra ſeu tio o Infante D. Pedro, de que ſe lhe originou a morte injurioſa, que parece caſtigou o Ceo com o privar

da

Era vulg. da primogenitura da ſua grande caſa, morrendo no eſtado de ſolteiro, ainda que de D. Brites de Souſa, filha de Martim Affonſo de Souſa, Fronteiro Mór do Algarve, e de ſua mulher D. Violante Lopes de Tavora, deixou filho natural a D. Affonſo de Portugal, que he o tronco da Caſa de Vimioſo, bem digna deſta Real Origem: D. Fernando, que em vida de ſeu pai foi Conde de Arrayolos, depois Marquez de Villa-Viçoſa, ſegundo Duque de Bragança, e ſenhor da Caſa de ſeu pai pela ſua mórte ſuccedida no anno de 1461, ou 1462.

O Duque D. Fernando caſou com D. Joanna de Caſtro, filha herdeira de D. Joaõ de Caſtro, ſenhor do Cadaval, da qual teve a D. Fernando: A D. Joaõ, que foi Marquez de Monte-Mór, Senhor das Alcaçovas, Condeſtavel de Portugal, e naõ teve geraçaõ de ſua mulher D. Iſabel de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa, irmaõ da ſegunda mulher de ſeu pai: A D. Affonſo, que caſando com D. Maria de Noro-

nha, filha herdeira de D. Sancho de Noronha, irmaõ do dito Arcebiſpo, foi por eſte caſamento Conde de Fáro, e de Odemira, Senhor de Aveiro, de Mortagoa, do Vimieiro, e Alcaide Mór de Eſtremoz: A D. Alvaro, Progenitor da caſa dos Duques de Cadaval: A D. Iſabel, que naõ tomou eſtado: A D. Brites, mulher de D. Pedro de Menezes, primeiro Marquez de Villa-Real: A D. Guiomar, que caſou com D. Henrique de Menezes, Conde de Loulé: A D. Catharina, que naõ chegou a receber-ſe com D. Joaõ Coutinho, Conde de Marialva, com quem eſteve deſpoſada, por morrer eſte Fidalgo no eſcalamento de Arzila. Era vulg.

D. Fernando, ſegundo do nome, em vida de ſeu pai foi Duque de Guimarães, depois de Bragança o terceiro, Marquez de Villa-Viçoſa, Conde de Ourem, de Barcellos, de Arrayolos, de Neyva, de Pena-Fiel, e ſenhor de trinta Villas, que compunhaõ o Eſtado da ſua grande Caſa. Elle naõ teve filhos de ſua primeira mulher

Era vulg. lher D. Leonor de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e de Villa-Real; mas da Senhora D. Isabel, segunda esposa, irmã del Rei D. Manoel, e filha do Infante D. Fernando, lhe nascêraõ D. Filippe, que morreo minino: o Duque D. Jayme: D. Diniz de Portugal, que foi Conde de Lemos em Castella por casar com a Condeça D. Brites de Castro Osorio, filha herdeira do Conde D. Rodrigo de Castro Osorio: D. Margarida, que morreo moça.

D. Jayme foi quarto Duque de Bragança, senhor dos Estados da sua Augusta casa, e marido de D. Leonor de Mendoça, filha de D. Joaõ de Gusmaõ, terceiro Duque de Medina-Sidonia. Este Principe foi designado Rei de Portugal por seu tio El-Rei D. Manoel no anno de 1498, se elle viesse a morrer sem filhos, com exclusiva do Imperador Maximiliano por estrangeiro, ainda que filho da Infante D. Leonor de Portugal. O mesmo Rei o nomeou General da armada, que mandou a Africa no anno de 1513. Elle teve

ve filhos da Duqueza ſua primeira mu- Era vulg.
lher ao Duque D. Theodoſio : a D. Iſabel, mulher do Infante D. Duarte, que levou em dote a Villa, e Ducado de Guimarães, que por eſte caſamento ſe ſeparou da Caſa de Bragança.

Segunda vez caſou o Duque D. Jayme por juſtos reſpeitos com D. Joanna de Mendoça, filha de Diogo de Mendoça, Alcaide Mór de Mouraõ, da qual teve a D. Jayme, que foi Clerigo, e morreo moço : a D. Conſtantino de Bragança, Camareiro Mór del Rei D. Joaõ III., ſeu Embaixador Extraordinario a França, e Vice-Rei da India, do qual fallaremos a ſeu tempo, e caſou com D. Maria de Menezes, filha de D. Rodrigo de Mello, primeiro Marquez de Ferreira, ſem geraçaõ: a D. Fulgencio de Bragança, que foi Prior de Guimarães, Commendatario de S. Salvador de Travanca na Ordem de S. Bento, e deixou filhos baſtardos a D. Franciſco de Bragança, Conego na Sé de Evora, e a D. Angelica de Portugal, Abbadeça no

Era vulg. Convento de Villa-Viçoſa: a D. Theotonio de Bragança, que foi Arcebiſpo de Evora, em que ſuccedeo a ſeu tio o Cardeal Rei D. Henrique: a D. Joanna de Bragança, e Mendoça, que caſou em Caſtella com D. Bernardino de Cardenas, terceiro Marquez de Elche, filho do Duque de Maqueda: a D. Eugenia de Bragança, mulher de D. Franciſco de Mello, ſegundo Marquez de Ferreira: a D. Maria, e D. Vicencia, que foraõ Freiras no Convento das Chagas de Villa-Viçoſa.

D. Theodoſio I. foi em vida de ſeu pai Duque de Barcellos, e depois V. de Bragança. Caſou com ſua prima D. Iſabel de Caſtro, filha de ſeu tio D. Diniz, Conde de Lemos, de quem teve unico filho ao Duque D. Joaõ. Caſou ſegunda vez com D. Brites de Lancaſtro, filha de D. Luiz de Lancaſtro, Commendador Mór de Avís, e della lhe naſcêraõ D. Jayme, Commendador de S. Martinho de Moreira, que morreo na batalha de Alcacere: D. Iſabel de Lancaſtro, mulher de D. Miguel de Menezes, ſexto Marquez de

Vil-

Villa-Real, Duque de Caminha, ſem geraçaõ. Era vulg.

D. Joaõ I. foi VI. Duque de Bragança, II. de Barcellos, Condeſtavel de Portugal, Senhor da ſua grande caſa com o tratamento de Alteza em razaõ da ſua alta qualidade, e caſamento com a Senhora D. Catharina, indiſputavel herdeira de Portugal depois da morte del Rei D. Sebaſtiaõ, por ſer filha legitima do Infante D. Duarte, e de ſua mulher a Infante D. Iſabel, filha do Duque D. Jayme, e neta del Rei D. Manoel, ainda que ſeu marido por naõ ter forças para reſiſtir ao maior poder de D. Filippe II. de Caſtella, houve de ſe compôr com elle ſobre as pretençoes ao Reino. O Duque foi Cavalleiro da Ordem do Tuſaõ, que ſe lhe conferio no anno de 1581, e da Senhora D. Catharina teve filhos ao Duque D. Theodoſio II. a D. Duarte, tronco da Caſa dos Duques de Oropeſa pelo ſeu caſamento em Caſtella com D. Brites de Toledo, filha herdeira de D. Joaõ Alvares de Toledo, Conde de Oropeſa,

Era vulg. de Deleitoſa, ſenhor de muitas terras, e de ſua mulher a Condeça D. Luiza Pimentel, filha de D. Antonio Affonſo Pimentel, ſexto Conde de Benavente.

Teve mais o Duque D. Joaõ I. filhos a D. Alexandre, Arcebiſpo de Evora, Inquiſidor Geral, que morreo moço em 1608: a D. Filippe, que foi Commendador de S. Pedro de Monſaraz, e outras na Ordem de Chriſto: a D. Serafina, mulher de D. Joaõ Fernandes Pacheco, quinto Duque de Eſcalona, Marquez de Vilhena, deſcendente do Fidalgo Portuguez do meſmo nome, de que tantas vezes ſe falla neſte Tomo, filho de Diogo Lopes Pacheco o matador da Rainha D. Inez de Caſtro: a D. Maria, que falleceo eſtando deſpoſada com o Duque de Parma: e mais tres Senhoras, que morrêraõ mininas.

O Duque D. Theodoſio II., ſenhor da ſua Auguſta Caſa, VII. na ordem, que naſceo em 1566, e morreo em 1630, caſou com D. Anna de Velaſco, filha de D. Joaõ Fernandes de Velaſ-

lasco, VI. Duque de Trias, Condestavel de Castella, e de sua mulher a Duqueza D. Maria Giron, filha de D. Pedro Giron, Duqueza de Ossuna, da qual teve ao Augusto Rei D. Joaõ IV. de Portugal, como diremos em seu lugar: ao Senhor D. Duarte, de quem faremos memoria no seu devido tempo: ao Senhor D. Alexandre, que morreo moço: a Senhora D. Catharina, que falleceo de pouca idade. Esta he a preclarissima descendencia de D. Affonso, Conde de Barcellos, filho natural do grande Rei D. Joaõ I., que felizmente vai continuando na posteridade de seu neto El-Rei D. Joaõ IV. no Throno da nossa Monarquia. E porque de D. Alvaro, filho quarto do Duque de Bragança, D. Fernando I. descende a Casa dos Marquezes de Ferreira, Duques do Cadaval, eu farei memoria desta grande Casa no Capitulo seguinte. Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Descendencia de D. Affonso, Conde de Barcellos, na Casa dos Duqnes do Cadaval.

DOM Alvaro, que vulgarmente dizemos o Senhor D. Alvaro, filho quarto do II. Duque de Bragança D. Fernando I., e neto de D. Affonso, Conde de Barcellos, I. Duque de Bragança, foi senhor de Tentugal, do Cadaval, Alvayazere, Rabaçal, e outras terras, Regedor da Justiça, Chanceller Mór do Reino. Quando succedeo a morte tragica de seu irmaõ o Duque D. Fernando II. se ausentou para Castella com permissaõ del Rei D. Joaõ II.; mas porque este lhe ordenára naõ ficasse naquelle Reino, nem estivesse em Roma, e elle o fez pelo contrario, ficando em Castella, para onde mandou ir sua mulher, e filhos, o mesmo Rei lhe mandou confiscar os bens, occupado do espirito de dureza, que o transportou a ex-

ces-

ceſſos demaſiados contra taõ altas peſ- Era vulg.
ſoas.

Reinavaõ entaõ em Caſtella os Catholicos Fernando, e Iſabel; eſta Rainha, por parte de ſeu Avô, o Infante D. Joaõ, prima ſegunda do perſeguido D. Alvaro; pela de ſua Avó a Infante D. Iſabel, ſua ſobrinha, filha de ſua prima-irmã: ella, e o Rei ſeu eſpoſo o tratáraõ com grandes honras, e o fizeraõ Preſidente do Conſelho Real, ſeu Contador Mór, Alcaide Mór de Sevilha, de Andujar, e lhe déraõ o Eſtado de Gelves. El-Rei D. Manoel lhe reſtituio todas as terras, que tinha em Portugal, e os bens, que haviaõ ſido de ſeu Sogro, o Conde de Olivença, excepto o Titulo; mas elle até a mórte quiz moſtrar a Caſtella com a aſſiſtencia da peſſoa a gratidaõ aos beneficios.

Caſou o Senhor D. Alvaro com D. Filippa de Mello, ſenhora de Ferreira de Aves, de Arega, e agoa de Peixes, filha herdeira de D. Rodrigo Affonſo de Mello, Conde, e Alcaide Mór de Olivença, primeiro Capitaõ,

e

Era vulg. e Governador de Tangere, e de ſua mulher D. Iſabel de Menezes, filha de Aires Gomes da Sylva, ſenhor de Vagos, e Unhaõ, e teve filhos: a D. Rodrigo de Mello: a D. Jorge de Portugal, que foi Conde de Gelves em Caſtella, aonde caſou, depois de viuvo de huma Senhora da Caſa dos Condes de Penela ſem geraçaõ, com D. Iſabel Colon, filha de D. Diogo Colon, primeiro Duque de Veragua, Marquez da Jamaica, ſegundo Almirante, e Vice-Rei das Indias, neta do famoſo Chriſtovaõ Colon, que as deſcobrio, e delle deſcendem os Condes de Gelves: a D. Iſabel de Caſtro, que caſou em Caſtella com D. Affonſo de Sotomayor, quarto Conde de Belarzalazar: a D. Brites de Vilhena mulher do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra: a D. Joanna de Vilhena, que foi ſegunda mulher de D. Franciſco de Portugal, primeiro Conde do Vimioſo: a D. Maria Manoel de Vilhena mulher de D. Joaõ da Sylva, ſegundo Conde de Portalegre.

D. Rodrigo de Mello, filho pri-

meiro do Senhor D. Alvaro, foi Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira por mercê del Rei D. Manoel, Senhor de Cadaval, e mais terras, Alcaide Mór de Olivença, e marido de D. Leonor de Almeída, viuva de Francifco de Mendoça, Capitaõ de Ormuz, e filha herdeira do grande D. Francifco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, da qual teve filhos: a D. Alvaro de Mello: a D. Francifco de Mello, de quem logo fallaremos: a D. Filippa de Vilhena, primeira mulher de feu primo D. Alvaro da Sylva, Conde de Portalegre: a D. Joanna de Vilhena, Freira em Setuval. Cafou fegunda vez o Conde de Tentugal D. Rodrigo de Mello com D. Brites de Menezes, filha de D. Antaõ de Almada, Capitaõ Mór de Lisboa, e teve unica filha a D. Maria de Menezes, que cafou com D. Conftantino, filho do Duque de Bragança D. Jayme. Era vulg.

D. Alvaro de Mello, filho primeiro de D. Rodrigo de Mello, naõ poffuio a Cafa por morrer em vida de

feu

Era vulg. ſeu pai; mas foi caſado com ſua prima D. Maria de Vilhena, filha de D. Joaõ da Sylva, Conde de Portalegre, da qual teve unico filho a D. Alvaro de Mello, que pretendeo ſucceder na Caſa de ſeu Avô. A eſte reſpeito teve elle demanda com ſeu tio o Marquez D. Franciſco de Mello, que a poſſuia; mas El-Rei D. Joaõ III. os compôz, ordenando a D. Franciſco, que largaſſe a ſeu ſobrinho as terras de Arega, Carapito, Villa-Maior, Carvalhal, Meaõ, Minhocal, e outras, e que elle ficaſſe com o reſto, que era a maior parte da Caſa. Tudo herdou depois o dito D. Franciſco; porque ſeu ſobrinho D. Alvaro naõ teve filhos de D. Maria de Alcaçova, filha de Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas, Védor da Fazenda, e do Conſelho de Eſtado, com quem foi caſado.

O ſobredito D. Franciſco de Mello, filho ſegundo de D. Rodrigo de Mello, foi ſenhor das muitas terras da Caſa de ſeu pai, II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, que

ca-

casou com D. Eugenia de Bragança, filha do Duque D. Jayme, que foi jurado successor de Portugal, quando El-Rei D. Manoel passou a Castella no anno de 1498, e por esta nova alliança participou a Casa de Ferreira segunda vez do sangue Real dos nossos Principes. Della nascêraõ filhos D. Rodrigo de Mello: D. Nuno Alvares Pereyra de Mello, que seguirá logo: D. Joaõ de Bragança, Bispo de Viseo: D. Constantino de Bragança, que em Castella he tronco da Casa dos Marquezes de Vilhescas: D. Joanna de Mendoça, que se metteo Freira nas Chagas de Villa-Viçosa por morrer o Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, com quem ella estava desposada: D. Maria, Religiosa no mesmo Convento. D. Rodrigo de Mello, primogenito do II. Marquez de Ferreira, em vida de seu pai, morreo sem geraçaõ na batalha de Alcacere, sendo casado com D. Catharina Deça, Dama da Rainha D. Catharina, e filha de D. Affonso de Noronha, Vice-Rei da India. Era vulg.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello,

Era vulg. lo, filho ſegundo do Marquez D. Franciſco, ſuccedeo na Caſa de ſeu Pai, foi III. Conde de Tentugal, e caſou com D. Marianna de Caſtro, filha de D. Rodrigo de Moſcoſo Oſorio, IV. Conde de Altamira, e de D. Iſabel de Caſtro da Caſa dos Condes de Lemos, da qual teve filhos a D. Franciſco de Mello: a D. Rodrigo de Mello, Clerigo, Sumilher da Cortina del Rei D. Joaõ IV., que morreo eleito Arcebiſpo de Evora a 28 de Novembro de 1652: a D. Leonor de Mello, mulher de D. Manoel de Moura Corte-Real, II. Marquez de Caſtello Rodrigo: a D. Joanna de Caſtro, ſegunda mulher de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea.

D. Franciſco de Mello, filho primeiro de D. Nuno Alvares Pereira, naſceo a 5 de Agoſto de 1588., foi III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, ſenhor das muitas Villas da ſua Caſa, do Conſelho de Eſtado, e Guerra del Rei D. Joaõ IV. Mordomo Mór da Rainha D. Luiza, e fez o officio de Condeſtavel, quando o dito Rei

foi

foi jurado a 15 de Dezembro de 1640. Era vulg.
Casou a primeira vez em 1609 com D. Maria de Sandoval, e Moscoso, sua prima-irmã, filha de D. Lopo de Moscoso, VI. Conde de Altamira, da qual teve unica filha a D. Maria, que morreo minina. Casou segunda vez em 1635 com sua sobrinha D. Joanna Pimentel, filha de D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavara, e de D. Isabel de Moscoso, irmã de sua primeira mulher. Della teve filhos a D. Nuno Alvares Pereira de Mello: a D. Theodosio de Mello de Bragança, que foi Conego na Sé de Lisboa, Sumilher da Cortina do Rei D. Affonso VI. e morreo com a esperança de grandes dignidades a 9 de Julho de 1672: a D. Isabel de Moscoso, que falleceo de 10 annos.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello nasceo a 4. de Novembro de 1638; foi I. Duque de Cadaval, IV. Marquez de Ferreira, V. Conde de Tentugal, senhor dos Estados da sua grande casa, de muitas comendas, dos Conselhos de Estado, e guerra dos Reis D. Affon-

so

Era vulg. ſo VI. D. Pedro II. e D. Joaõ V. do Deſpacho das Mercês, e Expediente; Meſtre de Campo General da Corte, e Eſtremadura junto á Peſſoa, com outros muitos empregos, e o de Embaixador extraordinario ao Duque de Saboya para o conduzir a Portugal no anno de 1682, quando eſteve ajuſtado o ſeu caſamento com a Infante D. Iſabel herdeira do Reino. Caſou primeira vez a 29 de Dezembro de 1660 com D. Maria de Faro, viuva de D. Joaõ Frojaz Pereira, VIII. Conde da Feira, filha de D. Franciſco de Faro, VII. Conde de Odemira, da qual teve a D. Joanna de Faro, que morreo ſem eſtado.

Segunda vez caſou o Duque D. Nuno a 2 de Fevereiro de 1671 com a Princeza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, filha de Franciſco de Lorena, II. Conde de Rieux, Principe de Harcourt, caçador mór de França, e de Catharina Henriqueta, filha natural do Rei Henrique IV. de França, e teve della a D. Franciſco de Mello, que morreo minino: a D. Iſabel de

Lo-

Lorena, mulher de Rodrigo Eanes de Sá, III. Marquez de Fontes. Era vulg.

Terceira vez casou o Duque tambem em França a 25 de Julho de 1675 com a Princeza Margarida Armanda de Lorena, filha de Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, e de Harcourt, Estribeiro Mór de Luiz XIV. Rei de França, da qual nascêraõ filhos D. Francisco de Mello, que morreo de hum anno: D. Luiz Ambrosio de Mello, que casou com a Senhora D. Luiza, filha legitimada del Rei D. Pedro II. sem geraçaõ: o Duque D. Jayme de Mello, que segue: D. Alvaro de Mello, que morreo moço: D. Rodrigo de Mello, que casou com sua sobrinha D. Anna de Lorena, filha dos III. Marquezes de Fontes: D. Catharina de Lorena, que morreo de poucos dias: D. Anna de Lorena, mulher de Luiz Bernardo Alvares de Tavora, V. Conde de S. Joaõ: D. Eugenia de Lorena, que casou com Manoel Telles da Sylva, III. Marquez de Alegrete: D. Joanna de Lorena, mulher de Bernardo Antonio de Tavora, II. Conde de Al-

Era vulg. Alvor: D. Filippa de Lorena, que casou com ſeu ſobrinho D. Joaquim de Sá, VII. Conde de Penaguiaõ.

O Duque D. Nuno teve baſtardos a D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que foi Sumilher da Cortina dos Reis D. Pedro, e D. Joaõ V. Conego de Evora, Deaõ de Portalegre, ultimamente Biſpo de Lamego no anno de 1710: a D. Maria Thereſa de Mello, Freira em Santa Clara de Lisboa, e a D. Thereſa Maria de Mello, que foi deſcalça no Moſteiro das Flamengas.

D. Jayme de Mello, III. Duque do Cadaval, V. Marquez de Ferreira, VI. Conde de Tentugal, que ſuccedeo em toda a Caſa, e Commendas de ſeu pai, e foi Eſtribeiro Mór del Rei D. Joaõ V., Mordomo Mór da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e Preſidente da Meſa da Conſciencia: caſou primeira vez com ſua cunhada a Senhora D. Luiza, viuva de ſeu irmaõ o Duque D. Luiz Ambroſio ſem deixar geraçaõ. Caſou ſegunda vez com a Princeza Henriqueta Julia Gabriela de Lorena, ſua ſobrinha, filha

de

de Luiz de Lorena, Principe de Lambeſe, Conde de Brione, e de Braine, Graõ Seneſcal hereditario de Borgonha, Governador de Anjou, e de ſua mulher a Princeza Joanna Henriqueta de Durfort, filha de Henrique, Duque de Duras, da qual teve a D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, que hoje he ſenhor da ſua grande, e reſpeitavel caſa, e tem ſucceſſaõ dilatada da Duqueza D. Iſabel Rita da Cunha, filha de Miguel Carlos da Cunha, V. Conde de S. Vicente: a D. Margarida de Lorena, mulher de D. Diogo de Menezes, VII. Conde de Cantanhede: a D. Luiza de Lorena, que caſou com Manoel Carlos da Cunha, VI. Conde de S. Vicente. Baſtardos teve o Duque D. Jayme dezaſete filhos. Era vulg.

LIVRO XXVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e obras de D. Affonso V. depois de declarado Maior, Rei XII. de Portugal.

Era vulg 1449

NO Livro XXVI., aonde escrevi a vida do Infante D. Pedro, Regente de Portugal, tratei os successos da Menoridade del Rei D. Affonso V. desde o seu nascimento até ao anno de 1449, em que morreo aquelle Infante benemerito na batalha triste de Alfarrobeira, ás mãos do mesmo Rei seu sobrinho, e genro. Contava elle entaõ dezasete annos, e havia tres, que fora declarado Maior; que o Infante lhe entregára o governo; que todo aquelle espaço elle gastára em ouvir as suggestões dos inimigos do mesmo Infante, em lhe traçar a sua ruina, em pre-

preparar as armas para lhe dar a morte, em buſcar pretextos para juſtificar a iniquidade: Época memoravel, donde eu continúo a narraçaõ da vida, e ſucceſſos do Reinado de D. Affonſo V. pelas ſuas expedições além do mar chamado o Africano. Era vulg.

Caſou El-Rei D. Affonſo a 6 de Maio de 1448 com ſua Prima-Irmã D. Iſabel, filha de ſeu Tio o Infante infeliz D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reino, e de ſua mulher a Infante D. Iſabel, filha de D. Jayme II., Conde de Urgel. Viveo a Rainha D. Iſabel caſada ſete annos, e falleceo em Evora a 2 de Dezembro de 1455 Teve filhos ao Principe D. Joaõ, que naſceo em Coimbra a 29 de Janeiro: a Infante D. Joanna, que naſceo em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452, e regeitando o matrimonio com os maiores Principes, por ſe haver unido ao Eſpoſo das almas, viveo ſantamente no Convento de Jeſus de Religioſas Dominicas de Aveiro, aonde falleceo a 12 de Maio de 1490. A inſtancias del Rei D. Pedro II. o Papa Innocen-

Era vulg. cio XII. lhe confirmou o culto immemorial por Breve de 4 de Abril de 1693: ao Principe D. Joaõ, que ſuccedeo no Reino, e naſceo em Lisboa a 3 de Maio de 1455. Determinou ſeu pai, que foſſe bautiſado na Sé de Lisboa, e logo reconhecido Principe.

1452 A primeira acçaõ glorioſa do Rei D. Affonſo depois da morte do Infante ſeu Tio, foi a do caſamento de ſua irmã a Infante D. Leonor com o Imperador Frederico III., mandado propor na noſſa Corte por Affonſo V., Rei de Napoles. Huma alliança taõ favoravel a ambos os contrahentes, o meſmo acto de propôr, foi o de concluir. O Imperador neſta occaſiaõ enviou a Portugal a Eneas Silvio, e a Bartholomeo Picolomini, ſeu primeiro Miniſtro. Depois elevado ao Pontificado com o nome de Pio II. em remuneraçaõ de vír ajuſtar as formalidades do matrimonio, Eneas Silvio, que na mocidade eſcrevêra Obras, de que houve de ſe retratar, elle dizia: crede ao velho; naõ deis ouvidos ao moço; naõ tenhais em maior conſidera-

çaõ

çaõ ao homem privado, que ao Papa: regeitai a Eneas, recebei a Pio. O Imperador querendo apreſſar a inteira concluſaõ do ſeu conſorcio feliz, havia dado a eſte Miniſtro os poderes neceſſarios para deſpoſar a Infante: ceremonia, que ſe celebrou entre magnificencias, e no meio dellas embarcou a nova Imperatriz na armada Real para ſer conduzida, pelo Biſpo de Coimbra, pelo Marquez de Valença, por grande número de Fidalgos, e Senhores ao porto de Liorne. Era vulg.

Entre os Senhores da comitiva da Familia Imperial, ha quem faça memoria de Joaõ de Menezes da Silva, que nós hoje conhecemos pelo nome do Beato Amadeo. Eſte Fidalgo era filho quinto de Ruy Gomes da Silva, Alcaide Mór de Campo Maior, e de D. Iſabel de Menezes, filha do grande Conde de Vianna D. Pedro de Menezes, primeiro Governador de Ceuta. Elle ſe deixou arrebatar cégamente do amor da Infante, e ſem violar o decóro, que era devido a taõ alta quali-

Era vulg. lidade, elle lhe ſacrificou o coraçaõ. Conhecendo a impoſſibilidade do intento, ſem deixar de amar, occultou a paixaõ violenta, que o conſummia debaixo da figura ſymbolica de hum Altar com a letra *Ignoto Deo.* Alguns Authores attribuem menos a curioſidade de Joaõ de Menezes aos deſejos de vêr Roma; á de eſtar preſente á celebraçaõ do caſamento da Imperatriz, que á paixaõ occulta, que tinha concebido por ella. Quando a vio em poder do Imperador, o ſeu eſpirito muda de objecto, e as faiſcas do amor profano ſopradas pelas inſpirações da graça, ellas ardem incendios de caridade Divina. Elle muda o nome de Joaõ no de Amadeo; troca os veſtidos Aulicos por hum ſayal humilde; eſconde-ſe em Caſtella no Convento de N. Senhora de Guadalupe de Frades Jeronymos, e entra a caſtigar em ſi com aſperas penitencias a ocioſidade dos cultos antes dados á Deidade deſconhecida.

Daqui o mandou huma voz ſuprema profeſſar na Religiaõ de S. Franciſco, já deſtinado para fazer a Reforma

ma dos Claustraes, que confirmou o Papa Paulo II. no anno de 1469. Este Santo Varaõ compôz hum Livro de Revelações respectivas ao estado da Igreja, e a mudança da Religiaõ dos Reinos, e dos Reis com este façanhoso Titulo: *Jesus Mariæ filius Salvator hominum Apocalypsis nova sensum habens apertum, & ea, quæ in antiqua Apocalypsi erant intus, hic ponuntur foris. Hoc est, quæ erant abscondita, sunt hic aperta, & manifestata.* Sabem os instruidos o estrondo, que estas Revelações fizeraõ entre os homens de erudiçaõ do XIV. Seculo. Esta Obra está adulterada com diversos erros, e deve ser lida com huma grande cautela. O seu Original se conserva no Convento do Escurial, donde o Arcebispo de Granada, e Sevilha, D. Pedro de Castro extrahio huma cópia, que pôz na Biblioteca do Sacro Monte de Granada. Montfaucon diz, que no Vaticano se guarda outra; mas se alguma existe sem estar adulterada, he a do Collegio de S. Boaventura de Barcellona, que tem no fim hum teste-

Era vulg.

te-

Era vulg. temunho de ſer a legitima, eſcrita pela propria maõ de S. Pedro de Alcantara.

Naõ ha dúvida, que dous homens taõ conhecidos como o Cardeal Caetano, e Bzovio pretendêraõ macular a opiniaõ do B. Amadeo, affirmando ſer ſua a Obra contaminada com as revelações falſas, opiniões erroneas, e erros groſſeiros, que nella tem notado a boa critica. Outros eſpiritos eſtimaveis, como Samaniego, Alva, e Wandingo defendêraõ com doutas Apologias a fama ſantificada de Amadeo; e convencem aos dous adverſarios da precipitaçaõ céga, com que inveſtiraõ a hum Varaõ reſpeitado das Nações. Fr. Jacynto Libello, Arcebiſpo de Avinhaõ, communicou a D. Julio Bartoloci as ſete Cenſuras Manuſcritas do Cardeal Bellarmino, que guardava na ſua Biblioteca para teſtemunhos da innocencia do B. Amadeo; e os meſmos Chroniſtas Franciſcanos, que advertíraõ com prudencia a reflexaõ neceſſaria para a ſua Obra ſer lida; elles a ſentenceaõ, naõ parto do

eſ-

eſpirito illuminado do Servo de Deos ; Era vulg.
mas aborto de algum eſpirito impoſtor, que quiz fazer eſtimar Visões as viſagens da ſua depravada fantazia.

O Imperador Frederico veio a Liorne alguns dias antes da chegada da Imperatriz, acompanhado de Ladisláo, Rei de Ungria, de ſeu irmaõ o Archi-Duque Alberto, e de outros grandes Principes, que ſe demorárao até a vinda da armada. Immediatamente partio a Familia Imperial para Roma, ſeguindo ainda Amadeo melhor illuminado os movimentos do Sol, que ſe lhe punha. O Papa mandou receber os Ceſares por treze Cardeaes, pelo corpo do Cléro, pelos Magiſtrados da Cidade, que lhes vieraõ precedendo na marcha, e os conduzíraõ aos degráos da Igreja de S. Pedro, aonde lhes tinhaõ armado hum docel ſoberbo. O Papa, veſtido nos ornamentos pontificaes, e aſſentado em huma cadeira de marfim, eſperou ao Imperador, que fez a ceremonia edificante de lhe beijar o pé. No dia ſeguinte, que era o de 15 de Março, o Santo Padre cele-

Era vulg. lebrou a Miſſa, confirmou o matrimonio, e cingio á Imperatriz a meſma Coroa, que em acto ſemelhante ſervíra á mulher do Imperador Sigiſmundo I.

Gozava Portugal de hum profundo ſocego; mas eſtimulados os animos com as noticias dos progreſſos vantajoſos, que obravaõ os noſſos Fronteiros de Africa, ellas fizeraõ tal impreſſaõ no eſpirito marcial do Infante D. Fernando, que ſem o embaraçar a falta de licença del Rei ſeu irmaõ, ſem o prenderem as ternuras de recemcaſado com D. Brites, filha de ſeu Tio o Infante D. Joaõ, elle mandou com todo o ſegredo eſquipar huma caravella, em que ſe embarcou para ir aſſignalar a ſua corage em Ceuta na guerra contra os Mouros. Eſta reſoluçaõ do Infante, quando eſtava taõ freſca a memoria da infelicidade de ſeu Tio o Infante do meſmo nome, naõ pode deixar de affligir o animo del Rei ſeu irmaõ. Elle lhe ordenou, que ſem perda de tempo ſe recolheſſe á Corte; como executou promptamente para conſe-

ſeguir na obſervancia da obediencia hum triunfo mais glorioſo, que o das armas. Era vulg.

Foi recebido o Infante com as demonſtrações do maior agrado; e o Rei querendo dar próvas ſignificantes da ſua eſtimaçaõ para com elle, naõ ſó o nomeou Mordomo Mór da Caſa Real, mas lhe deo a propriedade das Villas de Serpa, e Moura, e a da Cidade de Béja, aonde elle, e a Infante ſua mulher fundáraõ o grande Convento da Conceiçaõ da Ordem de Santa Clara, rico, e bem patrimoniado. Mas quando D. Affonſo refreava os ardores marciaes do Infante, elle nada deſejava tanto como empregar o ſeu zelo, e a ſua corage contra os Infieis. O Papa Nicoláo V. tanto a elle, como aos mais Principes Catholicos, offerecia huma bella occaſiaõ para naõ terem ocioſos os eſpiritos; publicando hum Breve, em que invitava a todos para unirem as ſuas forças contra Mahomet II. inimigo formidavel, que acabava de deſcarregar na Chriſtandade hum golpe ſenſivel na tomada de Conſtanti- 1453

ti-

Era vulg. tinopla. Eſta Capital famoſa do Imperio do Oriente, depois de hum ſitio de cincoenta e oito dias, ſe ſobmetteo ao jugo barbaro, malogrados os
1453 inimitaveis esforços do Imperador Conſtantino Paleologo, que na ſua defenſa perdeo a vida.

O Papa fez eſta exhortaçaõ ſenſivelmente tocado das indignidades abominaveis, que os Turcos comettiaõ em tudo, quanto na Religiaõ havia de mais ſagrado. Todos os Principes prometteraõ acodir á reſtauraçaõ do Emporio, que fizera naſcer glorioſo hum Conſtantino, e nas mãos de outro Conſtantino eſpirára com laſtima; mas de todos os chamados, ſó D. Affonſo ſe pôz preſtes com huma numeroſa eſquadra, em que elle havia mandar em peſſoa 12$000 homens de deſembarque. Se os outros Reis cumpriſſem a palavra, e ſe moveſſem, D. Affonſo naõ abateria os eſpiritos no empenho, para que naõ baſtavaõ ſó as ſuas forças. A ſua actividade, o ſeu zelo, a ſua promptidaõ lhe adquiríraõ o credito, que lhe podiaõ dar os triunfos;

cer-

certo o mundo, que era digno de glo- Era vulg.
ria o Rei, que qualificava o valor na mesma falta dos conflictos.

Destinos differentes, interesses par- 1454
ticulares embotáraõ as armas da Europa para naõ se empregarem em promover os negocios da Religiaõ, reduzidos no Oriente a estado de naõ se poderem levar, senaõ por força. Elles eraõ taõ puramente temporaes, como aquelles, que ao mesmo tempo tratava na nossa Corte a do Rei D. Joaõ II. de Castella. Elle mandou Embaixadores a D. Affonso, que lhe propozessem da sua parte quizesse interromper por algum tempo o progresso das suas conquistas em Africa, e se escusasse de mandar fazer a navegaçaõ de Guiné. Estes officios foraõ acompanhados da arrogancia, que ameaçava a D. Affonso como rotura da paz, que unia as duas coroas, se a resoluçaõ naõ fosse em tudo conforme com a proposta. Os Embaixadores a avançavaõ, cobrindo o seu ciume com o pretexto especioso da usurpaçaõ do direito de seu amo, que cria naõ a poder tolerar

mais

Era vulg. mais tempo ſem damno dos ſeus interesſes. O prejuiſo verdadeiro, em que ſe fundava a alternativa da repreſentaçaõ, elle naõ era outro além dos grandes zelos, que ao Rei de Caſtella cauſavaõ as vantagens das armas do de Portugal, a felicidade dos ſeus Capitães, os avances nas conquiſtas, e no commercio.

Penetrou D. Affonſo o fundo da negociaçaõ, e em tom mageſtoſo fez reſponder aos Embaixadores: Que elle naõ mandaria as ſuas náos a Guiné, ſenaõ entendeſſe, que tinha hum direito bem firme para o poder fazer: Que as conquiſtas em Africa, directa, ou indirectamente nada tinhaõ de relativo com a coroa de Caſtella, antes lhe eraõ de tanto maiores intereſſes, quanto mais fechavaõ os mares para daquella parte do mundo naõ poder receber ſoccorros ſeu inimigo implacavel o Rei de Granada: Que El-Rei eſtava muito mal informado por alguns intereſſados particulares, aos quaes faria conta a rotura da paz, cujas conſequencias devia meditar antes de empre-

prehender a guerra: Que se queria Era vulg.
obrar prudente, se compromettesse em arbitros, que sobre estes assumptos discutissem os direitos, e conveniencias de ambas as coroas. Nesta figura se achavaõ os nossos negocios com Castella, que pouco antes tinha concluido outro interior de naõ menos gravidade, que fazer julgar nullo por commissaõ do Papa Nicoláo V. o casamento do Principe D. Henrique com D. Branca, filha del Rei de Navarra, sendo o fundamento a impotencia affectada no Principe, defendida pelos Historiadores Castelhanos, e posta em público na primeira sentença, que publicou D. Luiz da Cunha, Governador da Igreja de Segovia, a 23 de Novembro do anno antecedente de 1453. A morte, que pouco depois sobreveio ao Rei D. Joaõ, deixou o negocio com Portugal indeciso, e elle por successor á Coroa ao mesmo impotente Henrique, quarto do nome na série dos Reis de Castella.

Morreo o Papa Nicoláo, que te- 1455
ve por Successor a Calixto III., que

ha-

Era vulg. havendo naſcido vaſſallo de Aragaõ, deveo muito, e dizem que pagou mal o quanto por elle ſe intereſſára o ſeu Rei. Para com eſte Principe, o ſeu primeiro máo paſſo foi naõ lhe querer confirmar a Inveſtidura do Reino de Napoles, que lhe havia dado o ſeu predeceſſor. O impotente de Caſtella, como já ſe via Rei com poder, quiz moſtrar ás outras Cortes a ſolidez dos fundamentos da ſentença do ſeu divorcio, naõ ſó em entretenimentos indecentes com multiplicados objectos do outro ſexo; mas contraindo ſegundas vodas com a Infante de Portugal D. Joanna, irmã do Rei D. Affonſo. Os intereſſes dos Reinos neceſſitavaõ deſta alliança; mas os póvos credulos ao eſtrondo da ſentença do divorcio, ſe laſtimavaõ, de que a D. Joanna ſuccedeſſe o meſmo, que a D. Branca, ſem que já mais mereceſſe ouvir o doce nome de mãi. Sobre eſte ponto foi conſultada a Infante, que pondo na balança da conſideraçaõ ſe peſava mais a mageſtade da Coroa, que a ternura de hum nome ſuave, reſolveo expôr-

ſe

ſe ás contingencias de naõ ſer mãi, antes que privar-ſe da certeza de ſer Rainha. Era vulg.

Ella caſou, e teve huma filha, que he aſſumpto alto na Hiſtoria. Os Eſcritores Caſtelhanos, que eſtendem ao largo os vicios do ſeu Rei com outras Damas, e tanto o apertaõ para os actos licitos do matrimonio, dizem que elle tratava taõ mal a Rainha, que chegára a arraſtalla pelos cabellos: que ella eſcandaliſada, de palavra, *puſo obſtaculo en las puntas de las Coronas*. Outros menos eſcrupuloſos naõ pozeraõ o obſtaculo na volubilidade da palavra; mas na conſtancia da obra, de que fizeraõ author a Beltraõ de la Cueva, Mórdomo da Caſa Real, e naõ ſe envergonháraõ de imprimir no ſeu Rei o caracter infame de hum concurrente com o material para ella; conſentindo, que o Beltraõ lhe deſpicaſſe a importancia na mulher propria, como ainda ſe repetirá neſta Hiſtoria. Que juizo prudente acreditará, que hum Soberano rompeſſe taõ inconſiderado o decóro da Mageſtade, e que premiaſſe

Era vulg. o inſtrumento da ſua affronta com o Meſtrado da Ordem de Sant-Iago, o fizeſſe Duque de Roa, e lhe déſſe as Villas de Albuquerque, Molina, Atienza, Cuellar, e outros muitos Póvos, e mercês?

CAPITULO II.

Morte da Rainha D. Iſabel, e primeiras expedições del Rei D. Affonſo a Africa.

AMAVA D. Affonſo com muita ternura a Rainha D. Iſabel, ſua eſpoſa, que o fizera pai de tres filhos. Na flor dos ſeus annos, com ſaude robuſta, quando menos ſe penſava, morreo eſta Senhora com dôr inconſolavel de ſeu marido, que olhava para a ſua mórte como hum effeito das más intenções, que contra ella tinhaõ concebido os inimigos inexoraveis de ſeu pai o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Viviaõ ainda todos eſtes adverſarios, e ninguem duvidou, que a Rainha morrêra do veneno, que el-

elles lhe propináraõ. El-Rei desaffogou o seu justo sentimento com a pompa magnifica das exequias, que mandou fazer na Cidade de Evora, aonde a Rainha fallecêra a 2 de Dezembro de 1455, e donde foi levado o seu cadaver para o Real Convento da Batalha. Foi obra sua a reedificaçaõ do Convento de S. Bento de Xabregas para os Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, que reconhecidos a esta sua bemfeitora, fazem della lembrança illustre na Chronica da sua Congregaçaõ. Era vulg.

El-Rei occupado entaõ das imagens tristes da morte, quiz continuar as honras aos cadaveres Reaes; e celebradas as da esposa, determinou fazer o mesmo, transferindo para nova sepultura o corpo da Rainha D. Leonor sua mãi, que sem razaõ foi morrer a Castella, e estava enterrada em Toledo. D. Affonso pedio este deposito ao Rei D. Henrique, que com pompa brilhante o veio acompanhando até a Cidade de Elvas, aonde ambas as Magestades se avistáraõ, e a Portugueza

Era vulg. o foi conduzindo ao Convento da
1456 Batalha. D. Henrique, que na volta para o ſeu Reino emprehendeo a guerra de Granada com o poderoſo exercito de 14$000 cavallos, e 50$000 infantes, pelo pouco que obrou com elle, de tal ſórte deſagradou aos Grandes, que D. Pedro Giron fazendo-ſe cabeça de huma conjuraçaõ, quizeraõ prender o ſeu Soberano. Pelo meſmo tempo tomáraõ tanto corpo as ſedições de Navarra, que o Principe de Viana D. Carlos, deſigual no poder a El-Rei D. Joaõ ſeu pai, ſe vio obrigado a deſamparar a Patria, e paſſar a Napoles com o Rei de Aragaõ, ſeu tio.

1457 O de Portugal, que gozava o bem da tranquillidade, com o deſejo ardente de ganhar fama, que o fizeſſe immortal na poſteridade, eſcreveo ao Papa Calixto III. inſtando-o a que colligaſſe todos os Principes Catholicos contra o Turco, offerecendo para eſta empreza a ſua peſſoa com todas as forças do Reino. Eſtimou o Pontifice offerta taõ generoſa, que toda ce-

dia

dia em obſequio da Religiaõ, e man- Era vulg.
dou a Portugal ao Biſpo de Sylves, que eſtava em Roma, com a Bulla da nova Cruzada, concebida ſegundo as intenções, que o Papa Nicoláo V. tinha formado antes da tomada de Conſtantinopla por Mahomet. Do meſmo modo ſe conduzio Calixto com os outros Reis Catholicos; exhortando-os de huma maneira paternal, e terna para ſe unirem, e emprehenderem huma guerra ſanta. Bem conhecia o Papa o zelo, e o valor de D. Affonſo; e elle, que de tudo queria dar próvas conſtantes, a penas lhe foi notificada a Bulla, ordenou ſe levantaſſem trópas, entregue todo á execuçaõ das idéas da expediçaõ religioſa. Entaõ mandou cunhar a moeda, que fez chamar *cruzados*, para pagamento dos gaſtos da guerra taõ importante, e nomeou por Chéfe do exercito a D. Pedro, filho do Infante do meſmo nome Duque de Coimbra, que para eſſe fim mandou vir de Caſtella, aonde eſtava refugiado depois da mórte de ſeu pai.

A do Papa, que ſobreveio pouco de-

Era vulg. depois, fruſtrou deſignios taõ ſantos, e o ciume dos outros Principes pretendeo com máquinas intrigantes, que o zelo piedoſo de D. Affonſo tiveſſe por premio abatimentos da reputaçaõ, injúrias do caracter. A prudencia prevenio o golpe peſado; e fazendo o Rei tremolar em Africa victorioſas as ſuas bandeiras, obrigou aquellas Regiões a tremer com ſuſto, a callar-ſe a Europa com reſpeito. Elle propoem eſte deſignio ao ſeu Conſelho, que o approva, e em Setuval, que eſcolhêra para Quartel General, paſſa reviſta ás trópas, e á armada. Eſta ſe compunha de 200 navios, e aquellas de 20$000 homens de equipagem com o ſeu Rei na téſta, acompanhado do Infante D. Fernando, Duque de Viſeo, do Marquez de Villa Viçoſa, dos Grandes da Corte, e muita parte da Nobreza do Reino. Para que as ſuas armas mereceſſem a bençaõ do Ceo, El-Rei mandou fazer preces públicas, e ſolemnes; fez celebrar o Sacrificio de Conforto, e acabado elle, no meſmo ponto ſe levou toda a armada, nave-

vegando com vagar até ao Cabo de S. Era vulg.
Vicente para ſe lhe irem ajuntando as náos, que haviaõ ſahido dos pórtos das Provincias do Nórte.

O grande Infante D. Henrique, tio 1458
del Rei, que depois da ſua expediçaõ infeliz ſobre Tangere viera reſidir na Villa de Sagres, logo que aviſtou a armada, em que ſe havia embarcar para authoriſar com o veneravel dos annos, do conſelho, e do valor eſta empreza, elle partio para Lagos. Até chegar a armada a eſte porto, D. Affonſo havia tratado a viagem como hum dos Sacramentos dos Reis; mas nelle revelou a todos, que o ſeu deſtino era marchar ſobre Tangere para deſpicar a injúria de ſeu tio o Infante Santo D. Fernando no meſmo lugar, aonde ella lhe fora feita; que eſperava moſtrar nelle as Quinas de Portugal aos Mouros temeroſas, a nós alegres; que hia certo, em que os ſeus vaſſallos ſaberiaõ procurar no meſmo acto com valor ſublime os creditos da Religiaõ, a gloria do Eſtado, a vingança juſta dos deſpreſos do Infante. O

gol-

Era vulg. golpe porém, que ameaçava a Tangere, foi descarregar em Alcacer Ceguer: Praça, que desmentía o nome, que significa pequeno, com o forte da contextura, e com ter a grandeza de ser huma Cidade do Reino de Féz, fronteira ao Estreito de Gibraltar, que fortificou Jacob Almançor, Rei de Marrocos.

A noticia deste projecto, e a vista da armada obrigou os Mouros a entrincheirar-se na praia para fazerem a primeira opposiçaõ ao desembarque; mas naõ podendo soffrer o fogo continuado das náos, elles abandonáraõ o entrincheiramento, e D. Affonso, postada a gente em terra, sem perda de tempo mandou levantar huma bateria, que duas horas naõ cessou de bater a Praça. O vigor deste ataque de sórte atemorisou a guarniçaõ, que resoluta a naõ esperar segundo, capitulou, e se rendeo salvas as vidas. Com gloria semelhante á de seu Avô sobre Ceuta, D. Affonso no mesmo dia desembarcou, e sobmetteo Alcacer. No meio desta prosperidade o valor do Rei se

ſe ſentio da pouca reſiſtencia, que encontrára nos Barbaros. Entendeo, que huma victoria taõ barata tirava boa parte á plauſibilidade do triunfo; mas eſte ardor naõ lhe impedio, que elle eſtimaſſe o ſucceſſo feliz das ſuas armas por effeito de huma protecçaõ eſpecial do Ceo. Occupado deſte ſentimento Catholico, determinou primeiro que tudo dar graças ao Author da victoria, fazendo conſagrar a Meſquita maior debaixo da Invocaçaõ da Senhora da Miſericordia, aonde logo ſe celebrou o Sacrificio Incruento com ternura inexplicavel dos corações pios. Era vulg.

Guarnecida Alcacere, Praça forte, e porto rico, tres legoas apartado da cóſta de Heſpanha, encarregada a ſua defenſa ao valor provado do grande D. Duarte de Menezes, filho do Conde D. Pedro, Capitaõ de Ceuta; El-Rei ſe embarcou para eſta Praça dous dias depois daquella conquiſta. O Rei de Marrocos com a noticia da ſua perda, e da retirada de D. Affonſo para Ceuta, veio a Tangere determinado a reconquiſtar Alcacere,

Era vulg. Das ſuas forças formidaveis, que cobriaõ os campos, foi El-Rei aviſado pelos eſpias, que os batiaõ, e nada quiz reſolver ſem ouvir os votos do ſeu Conſelho. Advertiaõ os prudentes, que as vidas, e a reputaçaõ naõ ſe deviaõ arriſcar á viſta de huma deſigualdade taõ notavel. Os intrepidos, que eraõ os mais, ſuggeriaõ o conceito que faria o mundo, ſabendo que o Rei paſſára a Africa para ſuſtentar contra os Barbaros huma guerra defenſiva: que naõ era decente ao ſeu decóro eſtar com a eſpada na bainha, vendo os Mouros degollar-lhe os vaſſallos, naõ fazendo caſo da ſua preſença; que baſtava eſta injúria para tudo ſe expôr a fim de a vingar.

Prevalecêraõ eſtes votos por mais guapos, e reſoluto hum combate geral ſuſtentado na idéa, de que Portuguezes mediaõ o valor, e naõ contavaõ número: foraõ eſcolhidos Martim de Tavora, e D. Lopo de Almeida para levarem ao Rei de Marrocos o Cartel de deſafio. O Barbaro tranſportado do furor, naõ quiz ouvir os

Emiſ-

Emiſſarios; mandou fazer fogo ſobre elles, e continuou a marcha para Alcacere na teſta de 30$000 cavallos, e de huma quantidade prodigioſa de Infantaria. Eſta reſoluçaõ do Rei de Marrocos deſconcertou as medidas tomadas para a batalha, que ſería temeraria ſe os Portuguezes houveſſem de lhe ſeguir a marcha pelo Paiz inimigo para irem atacar dentro das linhas do ſeu campo ſobre Alcacere hum exercito duas vezes reſpeitavel, pela ſituaçaõ, e pelo número. Entaõ foi determinado em Ceuta, que os esforços ſe applicaſſem a ſocorrer a Praça, para onde o Rei ſe fez á véla com toda a armada; mas elle encontrou para o deſembarque tantas difficuldades invenciveis, que concebeo a idéa de vir a Portugal para refazer o exercito, e voltar a combater os Mouros, que davaõ á Praça aſſaltos temeroſos. Era vulg.

Naõ conſentio o valor na retirada, que poderia parecer fugida, antes ſe mandou poſtar em terra a todo o riſco hum corpo conſideravel de trópas com o deſtino, ou de entrar na Praça,

Era vulg. ça, ou de suſtentar aquella parte da campanha para facilitar qualquer tentativa, que podeſſe occorrer: poſtado porém de fórma, que ſe os Mouros vieſſem atacallo com vantagem, elle foſſe ſoccorrido, e facilmente ſe reembarcaſſe ſem damno. Em quanto na armada ſe faziaõ eſtes movimentos, os Mouros ſem ceſſar atacavaõ Alcacere com hum fogo igual de cincoenta canhões. A tudo reſiſtia a corage inimitavel de D. Duarte de Menezes, que na face dos maiores perigos tirava toda a eſperança aos Barbaros de aballarem no ſeu peito o promontorio immovel da conſtancia. Já eraõ paſſados dias baſtantes de ſitio para na Praça eſtarem conſummidas as munições, e os viveres: já ſe haviaõ comido os cavallos, menos trinta deſtinados para alguma ſahida, que a guarniçaõ já meditava como refugio na ultima extremidade, em que o valor a acabaſſe no campo, naõ a fome na Praça.

D. Duarte antes de emprehender eſta gentileza, ultima das militares a que ſe arrojaõ os corações magnanimos, pa-

para que os inimigos ſe deſvaneçaõ de render paredes, e naõ homens, elle quer primeiro aviſar o noſſo campo entrincheirado em terra. Como todas as avenidas eſtavaõ tomadas pela multidaõ dos Mouros, D. Duarte prende a carta na ponta de huma ſetta; mas deſpedida com ponto taõ errado, que foi cahir entre os Barbaros, e os inſtruio do eſtado triſte da Praça. Concebe eſperanças de rendella o Rei de Marrocos, e pelo meſmo correio reſponde a D. Duarte: Que elle ſe laſtimava da miſeria dos Portuguezes, e que della participaſſe hum homem do ſeu tamanho: que naõ quizeſſem perecer todos como Leões famintos enterrados na cova, quando podiaõ ſoltos multiplicar aſperezas: que naõ merecia gloria, antes reprehenſaõ acabar deſeſperados ás mãos do inimigo mais inexoravel da natureza, qual era a fome: que lhe entregaſſe a Praça debaixo do ſeguro, de que na ſua benignidade encontrariaõ os Portuguezes hum acolhimento bem differente daquelle, que os Mouros acháraõ no ſeu Rei, quando a ganhou.

Era vulg.

Ou-

Era vulg. Outro eſpirito, que naõ foſſe o do grande D. Duarte, poderia ſobprender-ſe por conſtar aos ſeus inimigos a ſituaçaõ fatal, a que eſtava reduzido; mas a eſperança de ſer tratado com humanidade, tanto o naõ tocou para faltar em hum ponto ao cumprimento dos ſeus deveres, que esforçou o valor para remediar o erro da ſetta com eſta reſpoſta penetrante: Que a carta, que elle acabava de receber a devia preſumir reſpoſta de alguma, que ſe mandára da Praça ao ſeu campo: que hum de dous eſpiritos bem oppoſtos a haveria eſcrito; ou algum covarde taõ infame, que ſe quereria prevenir com aquelle ſerviço para no caſo de render a Cidade, elle lho remunerar benefico; ou de outro valente taõ generoſo, que por aquelle modo o deſafiava para lhe facilitar arrojar-ſe aos combates, e elle ter a complacencia de vêr o deſtroço dos Mouros: que eſte ſegundo era o ſeu conceito, e para dar as provas da verdade delle, e de que nada faltava em Alcacere para huma defenſa longa, e vigoroſa, lhe pedia ſe deixaſ-

xaſſe eſtar todo o tempo, que lhe pareceſſe; que multiplicaſſe os aſſaltos, e os contaſſe pelas horas do dia, até chegar a ultima, em que tiveſſe o goſto de ſer neceſſario offerecer-lhe huma eſcolta da ſua guarniçaõ para o conduzir a Marrocos, naõ ſendo toleravel a D. Duarte de Menezes, que hum Rei do ſeu caracter, que viera a Alcacere com tanto ſequito, ſe recolheſſe ſem companhia. Era vulg.

Huma reſoluçaõ taõ viva imprimio no Rei Mouro o terror, que elle preſumia ter derramado entre os Portuguezes, e paſſando aos membros o ſuſto da cabeça, esfria o vigor das operaçoẽs, começa a deſertar a trópa, e he a comoçaõ taõ ſenſivel, que D. Duarte a percebe. Eſte eſpirito ſó a ſi igual, reſolve-ſe a fazer hum esforço, que teſtemunhe ao Rei inimigo o ſério da reſpoſta, que acaba de lhe dar, e leve o ſeu temor a tocar as ſegundas balizas da covardia. Elle chama a ſeu filho D. Henrique de Menezes; entrega-lhe o melhor da guarniçaõ, os robuſtos, os façanhoſos; ordena-lhe ſaia

Era vulg. ao campo, ſe lance ſobre as linhas dos Mouros, e moſtre que he filho de D. Duarte, neto do Conde D. Pedro. Os ſitiantes já occupados do pavor, na face do novo Heróe elles recuaõ; largaõ as trincheiras depois de deixarem mil e duzentos degollados; D. Henrique céga as linhas, crava os canhões, faz que cem mil Barbaros abandonem o campo; paſſa á eſpada quanto reſiſte; enche a Praça de priſioneiros; e unidas
1459 as palavras da carta do pai aos golpes da eſpada do filho, por hum modo incrivel elles fazem levantar o ſitio de Alcacere.

Retirado o Rei Mouro, elle ſe confunde da ſua fraqueza, e com o exercito recrutado, volta a reparar a nóta, ou a morrer na empreza. Os proteſtos das trópas, que ſe reveſtem do ſemblante do Principe, lhe mitigaõ a cólera, e dando lugar ao valor, depôz a triſteza; que o eſpirito ſe deſaffoga, quando huma eſperança bem fundada o anima. Com grande circunſpecçaõ mandou o Rei de Marrocos trabalhar em novas trincheiras, levantar baterias,

fa-

fazer fogo, aſſaltar a Praça, e ſem ſe embaraçar com a grande perda de gente, levar avante o projecto. Cincoenta dias diſputáraõ entre ſi a corage racional dos ſitiados com a deſeſperaçaõ barbara dos ſitiantes. Em fim, aos olhos deſtes já ſe faziaõ intoleraveis os eſpectaculos da carnagem, que os forçou a pedirem ao ſeu Rei deſiſtiſſe dos empenhos, que tinhaõ por conſequencia multiplicar a elles as perdas, aos Portuguezes redobrar a gloria. Segunda vez ſe retira de Alcacere o Rei de Marrocos confuſo, e outras tantas ſe arrepende, já fóra do perigo, de naõ fazer os ultimos esforços até largar a vida. Era vulg.

Como a dôr dos Barbaros ſó ſe deſaffogava em fazer apreſtos, receoſos de entrar em novas idéas; D. Duarte teve tempo de aviſar do eſtado da Praça a El-Rei, que o mandou ſocorrer com gente eſcolhida, com munições, e viveres em abundancia, com quantidade de cantaria lavrada para augmentar as fortificações. O Governador incanſavel lhes accreſcentou novas

Era vulg. obras, e com o material vindo do Reino, em poucos dias fez huma meia lua de reforço taõ confideravel, que naõ fó affegurava a navegaçaõ do porto; mas pela terceira vez obrigou o Rei de Marrocos a retirar-fe com igual perda ás precedentes. Entaõ quiz El-Rei faber de D. Duarte os modos excellentes com que elle fe tinha conduzido, e o mandou vír á Corte, aonde foi recebido entre agrados, e beneficencias; nos vaffallos da honra de D. Duarte mais eftimaveis os primeiros, que as fegundas Se com eftas, em que fe incluio o Titulo de Conde de Viana, El-Rei lhe premiou a relevancia dos ferviços, com os outros fez publico, que lhe fabia avaliar o merecimento.

Os Mouros tinhaõ ficado taõ cortados do noffo ferro, que quando D. Duarte fe recolheo a Alcacere elle pode vifitar os contornos diftantes da Cidade para cortar todos os padraftos, que lhe impediffem a defenfa. Mandou foffe arrazado hum Forte, de que nós nos ferviamos, por fer pofto, que poffuindo-o os Mouros, incommodaria

a navegaçaõ, lhes facilitaria as emboscadas, e se contentou com fortificar todas as avenidas, por onde elles podiaõ chegar ao corpo da Praça. Em quanto os nossos Chéfes assim se conduziaõ em Africa, El-Rei D. Affonso, que dilatava os pensamentos muito além de ser senhor de Ceuta, e Alcacere, naõ cessava de formar resoluçőes, e fornecer preparos, que o conduzissem intrépidos a ir bater ás portas de Féz. Com este designio firme, e animoso, até se resolveo a fazer huma grande promoçaõ de Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago, que desde entaõ tomáraõ o nome da Espada, em allusaõ ao destino para que o Rei os criára; que era marcharem ás portas de Féz a buscar a espada de hum dos nossos Chéfes, que o Rei Mouro mandára enterrar junto a ellas, ou guardava nas suas torres. Era vulg.

Quando estes eraõ os cuidados de Portugal, sobrevieraõ conjuncturas, que despertáraõ outros. Nelle se ouviaõ com desagrado os desmanchos do Rei Henrique de Castella, que tratava

Era vulg. a Rainha com menos decencia ; que a hum homem baixo, natural de Belmonte , chamado Lucas Itanzu , nomeára Condeſtavel de Caſtella ; que a Gomes Solís, outra figura ſemelhante ao Itanzu, fizera Meſtre da Ordem de Alcantara : deſconcertos intoleraveis no meio de hum Reino cheio de homens benemeritos, que naõ podiaõ deixar de dar o nome de fatuidade a provimentos ſemelhantes, e diſpôr-lhes as conſequencias. Por outra parte os coſſarios de Bretanha , que prevertiaõ o noſſo commercio , deraõ cauſa a D. Affonſo para repreſentar ao ſeu Duque Franciſco II. remediaſſe aquelles inſultos , ſem o pôr na preciſaõ delle o fazer com as armas. O Duque prevenio o reſentimento do Rei com huma ſatisfaçaõ completa, que acalmou a deſordem , e ſuſpendeo os effeitos do rompimento.

1460 A eſtas, e outras occurrencias, que levavaõ as attenções da Corte, ſe ſeguíraõ duas mortes, ambas dignas de ſentimento. A primeira foi a de D. Affonſo, filho do primeiro Duque de

Bra-

Bragança, Conde de Ourem, Marquez de Valença, ſem deixar geraçaõ legitima, que ſuccedeſſe na ſua grande caſa. Foi perda conſideravel a da vida deſte Principe, que era dotado de grande engenho, diſtincto entre todos os homens pelas ſuas viagens, pela ſua dexteridade nos negocios, pelo ſeu conſelho no Gabinete: circunſtancias, que unidas ao alto naſcimento, o fizeraõ digno da grande Embaixada ao Concilio de Baſiléa, e de ſer o Conductor da Infante D. Leonor, quando foi a caſar com o Imperador Frederico III. Era vulg.

Mais que todas ſenſivel a morte do Infante D. Henrique ſuccedida a 15 de Novembro deſte anno, como eu já diſſe na ſua vida, aonde teci o elogio bem deſigual ao ſeu alto merecimento. O ſeu cadaver veneravel foi transferido de Sagres para Lagos, aonde eſteve hum anno. Seu ſobrinho, e herdeiro o Infante D. Fernando o conduzio em peſſoa com a pompa devida para o Convento da Batalha. Naõ ficou delle geraçaõ, por haver coroado as

ſuas

Era vulg. ſuas virtudes com a pureza virginal, em que ſe conſervou ſempre, para que foſſem boas todas as obras de hum
1460, Principe com tanta caſtidade. Com
e pouco intervallo de tempo o acompa-
1461, nhou na meſma jornada ſeu irmaõ na-
ou tural D. Affonſo, primeiro Duque de
1462 Bragança, que antes fora Conde de Ourem, e de Barcellos, e que deixaría memoria muito mais illuſtre, ſenaõ a manchára ingrato com a perſeguiçaõ inexoravel, calumnioſa, e injuſta contra ſeu irmaõ, e bemfeitor o ſempre lembrado Infante D. Pedro, como fica dito.

1462 Neſte anno appareceo em Heſpanha o Aſtro, que tinha de vír encontrar a interpoſiçaõ em Portugal para eclypſes mutuos. Naſceo dos Reis de Caſtella D. Henrique, e D. Joanna huma Princeza do nome de ſua mãi, á qual a malevolencia, em deſpique de nós chamarmos baſtarda á Rainha D. Brites. accreſcentou a alcunha poſtiça de Beltraneja para a dar a conhecer por filha de Beltraõ de la Cueva. Naſcida a Princeza, os Eſtados a juráraõ her-

herdeira do Reino, e ſeu pai putativo El-Rei D. Henrique, dizem os Eſcritores Caſtelhanos, que honrára logo o pai verdadeiro Beltraõ de la Cueva com o titulo novo de Conde de Ledeſma. E naõ ſe cobrem de pejo eſtes grandes homens, de que nós, prevertida a ſeriedade da Hiſtoria, lhes reſpondamos: Que ſe podiaõ fazer ao ſeu Rei muitos deſtes ſerviços, pois elle taõ bem os pagava? Do maior inſenſato ſe naõ profere deſatino ſemelhante, quanto mais de hum Principe. Porém o famoſo Mariana diz: Grande mingoa, enxerir na ſucceſſaõ Real eſſa, que o vulgo eſtava perſuadido fora havida em má parte, ſendo certo, que a bondade, e clemencia del Rei (note-ſe que clemencia, e que bondade) fez demaſiados os tempos, que alcançou. Depois de fallar aſſim eſte grande homem, e de lhe terem reſpondido outros do ſeu tamanho, a minha pequenhez ſe ſatisfaz com repetir eſtas ſuas expreſsões, que em ſi meſmas encerraõ a convicçaõ da calumnia. Era vulg.

Ora

Era vulg. Ora para eu deſcobrir neſte theatro as repreſentações de Heſpanha, e deixar preparada a ſcena para as que tem de vêr Portugal depois de treze annos por cauſa deſta Princeza infeliz, deve-ſe ſaber, que depois della jurada herdeira, e Succeſſora de ſeu pai D. Henrique, os Grandes clamáraõ contra eſta deliberaçaõ, e tranſportados do odio, que tinhaõ a Beltraõ de la Cueva, entráraõ a publicar que a Princeza era ſua filha, e o Rei para elles o meſmo que hum phantaſma. Por outra parte o Infante D. Affonſo, irmaõ de D. Henrique, aproveitou as agoas envoltas para nellas peſcar a Coroa; convocou os meſmos Eſtados, que reconhecêraõ por legitima a D. Joanna, e os fez declarar que ella era incapaz da ſucceſſaõ, que ſó pertencia ao Infante.

Dado eſte primeiro paſſo taõ eſtranho, e violento, os conjurados junto á Cidade de Avila, além do rio Adar, levantáraõ hum cadafalço, em que collocáraõ a Eſtatua do Rei Henrique ornado das inſignias Reaes. Havia concor-

corrido ao espectaculo hum número immenso de vassallos infames, que ouvíraõ com todo o socego pregoar hum porteiro os crimes imputados ao Original da Imagem, e contra elle a Sentença de privaçaõ dos Reinos. Seguiose a esta ceremonia execravel sobirem ao cadafalço quatro Grandes, que despojáraõ a Estatua dos paramentos Regios, e depois a deitáraõ a terra com despreso, e complacencia; o primeiro do decóro devido á Magestade, a segunda dos assistentes ao sacrilegio. Consentio o Infante D. Affonso, que esta injúria atroz de seu irmaõ fosse o prologo elegante da sua acclamaçaõ de Rei; que a tanto se arrasta hum ambicioso, quando estraga a honra, ou perde o juizo. A seu tempo veremos o premio do Infante, que naõ podia deixar de ser correspondente a hum tal merecimento. Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Segunda expediçaõ do Rei D. Affonſo a Africa, e continuaçaõ dos ſucceſſos de Caſtella a reſpeito da Princeza D. Joanna.

EM quanto os eſpiritos revoltoſos ſe preparavaõ para as enormidades, que ficaõ enunciadas, El-Rei D. Affonſo, que eſtava em paz com os viſinhos, ſem ſe embaraçar com as muitas inquietações, que por eſte tempo laboravaõ entre todos os Principes dos Reinos de Heſpanha, elle determina paſſar ſegunda vez a Africa. Com o aviſo, que teve, de que a Cidade de Tangere eſtava em ſituaçaõ favoravel de poder ſer atacada, o Rei naõ quiz depois arrepender-ſe de perder a conjunctura, e diſpoem-ſe para a aproveitar. Com deſejos de augmentar o Eſtado, e acreditar o valor, a potencia fez oſtentaçaõ bizarra da generoſidade Portugueza. Em huma armada conſideravel ſe embarcou El-Rei, acompa-

panhado do Infante Duque de Viſeo Era vulg.
ſeu irmaõ, de D. Pedro, Condeſtavel
de Portugal, ſeu primo, e cunhado,
de D. Duarte de Menezes, Conde de
Viana, dos Condes de Marialva, Vil-
la-Real, Monſanto, e outros muitos
Fidalgos ambicioſos de ganhar honra
neſta campanha, que teve mais de apa-
ratoſa, que de feliz; nem ſempre pro-
picios os Fados ás reſoluções magna-
nimas, nem favoravel a Providencia
aos deſtinos, que nos parecem juſ-
tos.

Ferrou a armada o porto de Alca-
cere, donde El-Rei deſtacou ao In-
fante D. Fernando com algumas náos,
ſem mais deſignio, que o de reconhe-
cer o eſtado de Tangere. He difficul-
toſo reprimir o ardor em Principes mo-
ços, quando mandaõ em Chéfe. Quiz
o Infante alterar as ordens Reaes mu-
dando a obſervaçaõ em ataque, con-
tra o parecer dos Officiaes experimen-
tados, que lhe propunhaõ a temerida-
de de inveſtir com hum punhado de
homens a Praça cheia de mundo. Eſ-
ta reflexaõ, e a dos riſcos da ſua peſ-
ſoa

Era vulg. ſoa foraõ os eſtimulos mais fortes, que picáraõ a corage do Infante para ſobrepaſſar o difficultoſo muito além do magnanimo. Elle ſe reſolve; marcha a Tangere, e a facilidade induſtrioſa dos inimigos, que elle acha até chegar ás ſuas viſinhanças, o Infante a crê preſagio conſtante da victoria. Huma eſperança taõ equivoca os Mouros a deſvanecem no meſmo acto, em que elle tinha por infallivel a ſobpreza. Tantos, e com tanto vigor atacáraõ elles a pequena trópa, que naõ valendo aos Portuguezes huma reſiſtencia façanhoſa das que poucas vezes ſaõ viſtas no mundo, a maior parte delles cahe opprimida aos lados do Infante, e elle ſe ſalva com trabalho.

Eſperava El-Rei em Alcacere a vinda do Infante para o inſtruir; mas vê, que chega em eſtado de o laſtimar. O intento de lhe deſaggravar a injúria, arrojou D. Affonſo a outra reſoluçaõ com tanto de brioſa, como de menos bem penſada. Rompeo o exercito a marcha por terra para talar a campanha; para abrir caminho á ponta da eſ-

eſpada para Tangere, ou Arzila; para levar ſobre a marcha ambas, ou huma deſtas importantes Praças. Os Mouros, que eſtavaõ prevenidos, e eraõ muitos, a cada paſſo, eſpecialmente nos mais difficultoſos, e eſtreitos, poſtáraõ groſſos deſtacamentos, que mutuamente podeſſem ſoccorrer-ſe, e foi ſendo a noſſa marcha huma batalha contínua. Quanto mais os Barbaros diſputavaõ a paſſagem, o Rei mais ſe empenhava em vencella: taõ picado o decóro Real da oppoſiçaõ dos inimigos, como ſe ella fora injúria da Mageſtade, que ſe havia deſaggravar a todo o perigo. Tantos correo a peſſoa do Rei, que eſteve muitas vezes perdido, como qualquer ſoldado vulgar. Era vulg.

No mais trabalhoſo de hum deſtes lances, para ſalvar o ſeu Principe acabou de moſtrar quem era o grande D. Duarte de Menezes, Conde de Viana. Os Barbaros o fariaõ priſioneiro, ſe eſte bravo General ſe naõ lançaſſe intrepido a elles, ſuſtentando o campo em quanto o Rei ſe retirava; com todo

Era vulg. do o peſo dos Mouros ſobre ſi ; já roto em feridas ; o cavallo morto ; montado em outro ; falto de ſangue ; o eſpirito animado em ſi meſmo , cançado de matar, cahio morto. A trópa vil vinga no Heróe ſem alma os eſtragos , que nella fizera toda a vida. Do ſeu corpo veneravel apenas appareceo huma das mãos heroicas , que veio a ſepultar em Santarem no monumento dos ſeus Maiores. Em Africa ſe criou no berço o valor de D. Duarte , em Africa eſpirou , e ſe lhe desfez o corpo : a ſua fama vive gravada em Epinicios fauſtos nas laminanas immortaes.

Deſtino ſemelhante tiveraõ os Officiaes de mais honra , que ſe lançavaõ intrépidos a offerecer as vidas para ſalvar a liberdade do Rei da multidaõ barbara , que o rodeava ; a ſua Real peſſoa das mãos da anguſtia , que o opprimia. Aqui obrou a fé Portugueza os esforços , que lhe ſaõ naturaes, quando vê ultrajados os ſimulacros a quem rende os cultos. O Conde de Villa-Real , que do ſeu poſto obſerva-

va

va esta revolta, o perigo do Rei, a corage dos nossos, a resoluçaõ dos Mouros, elle o abandona, e com tanta presença de espirito, como temeridade de valor, ordena as trópas desmandadas, reanima o combate, faz suspender a intrepidez dos Barbaros, e merece ouvir ao seu Rei, que elle naquelle dia era o Escudo da Fé, e do Estado. Alto elogio, mas bem digno de tal vassallo, que tinha a felicidade de obrar as suas gentilezas na face do mesmo Remunerador, sem necessidade de que passassem os informes por outros canaes menos puros, que os viciassem. Entre outros Fidalgos, que se distinguíraõ neste lance, foi hum Gomes Freire, que mostrou nelle os brios do seu appellido, e o Conde de Marialva, que se conduzio com valor heroico. Ambos perdêraõ a liberdade para impedirem a prisaõ do Rei; mas elle lha resgatou por hum preço posto em equilibrio com o terror, que estes dous Fidalgos haviaõ derramado entre os Mouros. Era vulg.

O Rei naõ quiz, que instantes depois

Era vulg. pois de tal ſerviço pareceſſe a Mageſtade eſquecida, a peſſoa ingrata. Elle premiou ao Conde de Villa-Real com gratificações ſólidas; a D. Henrique de Menezes, filho do Conde D. Duarte, encarregou o governo de Ceuta, deo-lhe os Titulos de Conde de Valença, e de Loulé, aſſegurou-lhe que tomava á ſua conta o commodo de ſeus irmãos, e diſtribuio outros premios conformes á ſua grandeza por muitos dos ſeus vaſſallos benemeritos, que tiveraõ a honra de ſer o ſeu Soberano a teſtemunha da relevancia dos ſerviços. O Rei de Caſtella D. Henrique, que em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ em Africa, ſoffria no ſeu Reino infelicidades com muitos dobros de calamitoſas, ſabendo que D. Affonſo na volta para Portugal havia ir a Ceuta, o rogou quizeſſe vir a Gibraltar para conferir com elle materias intereſſantes a ambas as Mageſtades, á ſegurança dos ſeus Eſtados, ao decóro neceſſario á Soberania. D. Affonſo conſentio neſtas viſtas, aonde o Rei afflicto lhe fez huma narraçaõ longa das

ſuas

ſuas laſtimas, lhe propôz huma liga para caſtigar a facçaõ dos ſeus vaſſallos atrevidos, e offereceo a Princeza D. Joanna ſua filha para eſpoſa do Principe D. Joaõ. Nós veremos a ſeu tempo o exito deſta negociaçaõ. Era vulg.

Por eſtes tempos florecia o Eſtado Eccleſiaſtico em Portugal, que ſe ornava de Prelados dignos de ſuſtentarem a venerabilidade do Sacerdocio, e a inteireza da Diſciplina da Igreja. Nós tinhamos Cardeaes a D. Jayme de Portugal, filho do Infante Duque de Coimbra D. Pedro, de cujas virtudes ſublimes já eu fiz memoria; a D. Antaõ Martins de Chaves, que fora Biſpo do Porto, e depois a D. Jorge da Coſta, que occupou as Cadeiras de Coimbra, Sylves, Ceuta, Porto, Viſeo, Evora, e os Arcebiſpados de Braga, e Lisboa. Neſte ultimo era Arcebiſpo, antes do Cardeal D. Jorge, D. Affonſo Nogueira, neto de Joaõ das Regras, que havia ſido Biſpo do Porto. Regía a Igreja Metropolitana, Primáz de Braga D. Luiz Pires, depois de haver ſido Biſpo no Porto, e

Era vulg. em Evora: a de Lamego D. Fernando Coutinho, Regedor da Casa da Supplicaçaõ: a da Guarda D. Fr. Joaõ Manoel, filho natural del Rei D. Duarte, que fora Bispo de Tiberiades, e de Ceuta, Primáz de Africa, que teve por Successor a D. Joaõ Affonso Ferraz: a do Porto D. Joaõ de Azevedo, filho do valeroso Luiz Gonçalves Malafaya: a de Coimbra D. Joaõ Galvaõ, que foi o primeiro criado Conde de Arganil por El-Rei D. Affonso: a de Viseo D. Joaõ Gomes de Abreo, que foi Confessor del Rei D. Joaõ II.: a de Evora D. Alvaro II. do nome, que fora Bispo de Sylves: a desta Cidade, e Reino do Algarve D. Alvaro, Conego Regular de Santo Agostinho, que como Legado Apostolico absolveo os moradores da Capital do seu Bispado das censuras, e maldições, que lhes lançára D. Fr. Alvaro Pelagio, havia cem annos, quando nas festas do Entrudo elles desattendêraõ, e profanáraõ o seu caracter respeitavel.

Das Ordens Militares de Christo, e Sant-Iago era Graõ-Mestre o Infante D.

D. Fernando, e da de Avís seu sobri- Era vulg.
nho o Principe D. João. Capellaõ Mór
era D. Fernando de Miranda, Bispo
de Viseo; Graõ-Prior do Crato D.
Vasco de Ataide, filho de Alvaro Gon-
çalves de Ataide; Prior Mór da Colle-
giada de Guimarães D. Affonso Gomes
de Lemos, filho de Lourenço Martins
de Lemos, dos Senhores da Trofa.
Nos Officios da Casa Real, e do Rei-
no occupavaõ o cargo de Condestavel
D. Pedro, filho do Infante, Duque de
Coimbra D. Pedro, que logo ouvire-
mos ser acclamado Rei de Aragaõ; o
de Mordomo Mór Alvaro de Sousa,
Alcaide Môr de Arronches; o de Es-
tribeiro Mór Alvaro de Faria; o de
Védor Joaõ Vaz de Almada; o de Ca-
mareiro Mór D. Alvaro de Castro, I.
Conde de Monsanto; o de Guarda Mór
D. Rodrigo de Mello, Conde de Oli-
vença; o de Mestre-Sala Gonçalo Vaz
de Mello; o de Reposteiro Mór Alva-
ro Pires de Tavora, Senhor de S. Joaõ
de Pesqueira; o de Porteiro Mór Gon-
çalo Borges, senhor de Ilhavo; o de
Trinchante Joaõ de Sousa Falcaõ; Es-

Era vulg. crivaõ da Puridade Gonçalo Vaz de Caſtello-Branco ; o de Copeiro Mór Joaõ de Mello , Alcaide Mór de Serpa ; o de Apoſentador Mór Joaõ Freire de Andrade ; o de Provedor das Obras Diogo da Silveira ; o de Caçador Mór Fernando Affonſo Pereira ; Armeiro Mór Vaſco Annes Corte-Real ; Almotacel Mór Pedro Vaz de Caſtello-Branco ; Alferes Mór D. Henrique de Menezes ; Almirante Lançarote Peſſanha ; Monteiro Mór Nuno Vaſques de Caſtello-Branco , Alcaide Mór de Moura ; Coudel Mór Nuno Martins da Silveira : Marichal D. Fernando Coutinho ; Meirinho Mór D. Gonçalo Coutinho ; Capitaõ Mór do Reino , e do mar D. Fernando de Almada ; Capitaõ Mór dos Ginetes Gonçalo Rodrigues de Souſa ; Adail Mór Pedro de Barros ; Anadel Mór Duarte Furtado ; Chanceller Mór Joaõ de Ocem ; e Secretario de Eſtado , o primeiro de que eu tenho noticia com eſte nome , Lopo Affonſo.

1464 Neſte anno ſobíraõ a alto ponto as deſordens de Caſtella , em que ſe princi-

ci-

cipiou a intereſſar Portugal. Os Catalães foraõ os primeiros, que preparáraõ o theatro para as repreſentações, que eu ſou obrigado a moſtrar neſta Hiſtoria. Elles propozeraõ a El-Rei D. Affonſo a mórte violenta do Principe D. Carlos, filho de D. Joaõ II., Rei de Aragaõ: que olhando a Coroa como vaga, elles queriaõ eleger Rei ao Condeſtavel D. Pedro, filho do Infante do meſmo nome, e que tambem o era de huma Princeza da Caſa de Urgel, donde vinhaõ os Condes de Catalunha: que permitiſſe ao Principe ſahir de Portugal para tomar poſſe do Reino de Aragaõ, que por direito lhe tocava. Eſta repreſentaçaõ naõ foi bem ouvida, por ſer feita em tempo taõ critico, que D. Affonſo naõ queria divertir-ſe para outros negocios alheios ao deſaggravo, que intentava tomar da quebra antes ſuccedida em Africa, e para eſta expediçaõ ſe lhe fazia neceſſaria a peſſoa do Condeſtavel D. Pedro. Elle, que ſentia a repulſa, e os Catalães, qus a percebêraõ, uſáraõ da induſtria, mandando eſtes a Portugal huma náo, em

Era vulg.

Era vulg. em que o Principe naõ duvidou embarcar-se, e navegar para Barcelona, aonde foi coroado Rei de Aragaõ com grande magnificencia.

Mas esta pretençaõ sem forças para rebater as de hum concurrente poderoso, teve por consequencia a perda de huma batalha; e dous annos depois a da vida do Principe, se lhe sepultou as esperanças, naõ fez perder corage aos bravos Catalães. Elles fizeraõ huma Junta em Barcelona, na qual elegêraõ para seu Conde a Renato, Duque de Lorena, sem se molestarem com mais averiguaçaõ, que a de saberem era inimigo dos Aragonezes. Por morte do Principe de Viana D. Carlos, pertencia a Coroa a sua irmã D. Branca, que fora repudiada por D. Henrique de Castella; mas como esta senhora pouco depois da falta de seu irmaõ foi preza, e logo mórta no Castello de Orestes, com veneno; nada embaraçou o Rei de Aragaõ para fazer jurar Principe herdeiro a seu filho D. Fernando, que conhecemos com a devisa de Catholico, e unio felizmen-

te

te na ſua peſſoa os Reinos de Heſpa- Era vulg.
nha.

Por eſtes tempos foraõ feitos a D. 1466
Henrique de Caſtella os deſpreſos, que eu já diſſe, e acclamado Rei na ſua face ſeu irmaõ o Infante D. Affonſo. Alguns Fidalgos vieraõ ſervir ao ſeu legitimo Soberano; mas os effeitos moſtráraõ, que vinhaõ ſervir-ſe a ſi, e aproveitarem-ſe das deſgraças do Rei para fomentarem mais a ambiçaõ. A de D. Joaõ Pacheco foi taõ deſmedida, que lhe pedio approvaſſe o caſamento de ſua irmã a Infante D. Iſabel, deſtinada pela Providencia para columna da Religiaõ de Heſpanha, com ſeu irmaõ D. Pedro Giron, Meſtre de Calatrava. Faltou valor a El-Rei para dizer que naõ a hum vaſſallo. Na Infante ſobrou para formar a intençaõ de ſer ella o verdugo illuſtre, que na noite das vodas o eſpoſo a encontraſſe eſpoſa ornada para o ſeu Varaõ, que havia ſentir o thalamo convertido em tumba. Maõ mais poderoſa, que a da Infante a livrou deſte cuidado; morrendo o Calatrava em Villa-Rubia,

quan-

Era vulg. quando vinha de jornada para dar a maõ á futura Rainha dos Reinos de Hespanha.

Tudo revolviaõ os Grandes, que mandavaõ despoticos. O Conde de Benavente, que fazia alta figura, e queria que El-Rei lhe désse o lugar de Portilho em remuneraçaõ de se ter levantado com elle, agora se lhe offereceo occasiaõ para allegar hum serviço importante. Viera o chamado Rei D. Affonso pernoitar áquelle lugar, aonde o agasalhou o Conde. No outro dia, querendo D. Affonso com o Arcebispo de Toledo, que o seguia, continuar a jornada, o Conde lhe embargou os passos com o fundamento, de que naõ havia dar hum na sociedade do Arcebispo. Immediatamente avisou a D. Henrique da preza importante, que tinha nas mãos para della lhe fazer entrega, se lhe pagasse adiantado com o Mestrado da Ordem de Sant-Iago. O Marquez de Vilhena, Sogro do Benavente, que queria para si este emprego, teve mais industria para salvar o Infante, que seu irmaõ D. Hen-

Henrique actividade para ſegurallo. Em fim o negocio chegou a termos de huma batalha, em que o Rei, e o Infante ſe acclamáraõ vencedores; mas eſte, marchando pouco depois para Avila, de repente cahio morto: ultimo auto da Tragedia, com que Deos quiz moſtrar o quanto zela nos Soberanos o decóro devido ao caracter de chriſtos do Senhor. Era vulg.

Morto o Infante, ainda os trahidores quizeraõ avançar a loucura, e foraõ propôr á Infante D. Iſabel, que para ſocegar tantas perturbações, tomaſſe o nome de Rainha. Ella lhes reſpondeo cheia da magnanimidade, que ſempre lhe foi iſſeparavel. Reſtitui o Reino a meu irmaõ D. Henrique, e com iſto dareis paz á Patria: eu terei eſte pelo maior ſerviço, que vós me podereis fazer, e elle ſerá o fructo mais feliz, o mais ſazonado de quantos a voſſa affeiçaõ me poderá offerecer. Entre tantas calamidades penſava D. Henrique quanto lhe ſería conveniente ajuſtar o caſamento de ſua filha D. Joanna com Principe pode-

Era vulg. deroſo, que tomaſſe parte nos ſeus interesſes. Lembrou-lhe Carlos de França, Duque de Berry, irmaõ do Rei Luiz XI., que naõ quiz embaraçar-ſe nas contingencias de huma guerra para ſuſtentar as pretenções da eſpoſa. O Conſelho de Caſtella mudou de negociaçaõ, e ſe propôz ao Rei viuvo de Portugal o matrimonio com a Infante D. Iſabel, o de ſeu filho o Principe D. Joaõ com a Princeza D. Joanna, que ſe arbitravaõ dous paſſos excellentes, ſe a Providencia naõ fizera delles huma contramarcha para outros deſtinos ſó a ella preſcrutaveis.

1470 Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ em Portugal, e Caſtella, El-Rei D. Affonſo, que tinha a conquiſta de Africa, naõ ſó por empenho digno de valor, mas por acçaõ como neceſſaria á Mageſtade; em quanto ſe apreſtava para terceira expediçaõ em peſſoa, mandou ao Infante D. Fernando com déz mil homens inveſtir a Cidade de Anafe, ſituada no Reino de Féz ſobre a cóſta do mar Atlantico. Ella foi hum deſpojo miſeravel da noſſa

có-

cólera, aonde ſó deixámos o pavimento dos edificios para teſtemunhos da grandeza, ou do caſtigo. Tanto foi do agrado do Rei eſte bom ſucceſſo do Infante, que elle o acabou de determinar para a empreza de Tangere, e Arzila. Antes que elle fizeſſe públicas as ſuas intençőes, mandou Engenheiros, e Officiaes a informar-ſe da ſituaçaő das Praças referidas, naő eſtimando por grandes as ſuas acçőes precedentes, em quanto naő as viſſe ſugeitas ao ſeu jugo. Era vulg.

CAPITULO IV.

El-Rei D. Affonſo marcha terceira vez a Africa, e conquiſta as Cidades de Arzila, e de Tangere.

SEMPRE foraő os intentos del Rei D. Affonſo expugnar a Tangere, e ſentiaő os esforços das armas as Cidades ſuas viſinhas. A difficuldade eſtimulava os deſejos, que nós vimos conſeguidos a troco de ſangue, vida, trabalhos, e deſpezas, tudo ſublime,

Era vulg. e magnanimo, para hoje ſentirmos de tudo a perda, entaõ de poucos tida por politica, dos mais por frouxidaõ. Nada mais eſperava D. Affonſo para partir, que chegarem os Officiaes mandados a Africa, que o haviaõ de informar. Tanta impreſſaõ fizeraõ nelle as informações ouvidas, que reanimada a eſperança de fazer huma campanha feliz, mandou eſquipar a numeroſa armada de trezentas, e trinta náos, em que embarcou a groſſa equipagem de mais de trinta mil homens de deſembarque, e ſe diſpôz a partir acompanhado do Principe D. Joaõ ſeu filho, do Duque de Guimarães, do Conde de Marialva, D. Joaõ Coutinho, de D. Alvaro de Caſtro, Conde de Monſanto, de D. Henrique de Menezes, Conde de Valença, da maior parte da Nobreza da Corte, e do Reino ambicioſa de ganhar honra nos exercicios do valor, que entaõ eraõ a primeira marca da fidalguia.

1471 Como o Rei conhecia os altos talentos, de que a maõ liberal de Deos dotára a ſua filha a Infante D. Joanna,

el-

elle a encarregou do Governo do Reino, durante a ſua auſencia, nomeando ao Duque de Bragança por ſeu principal Conſelheiro. Fez-ſe á véla a formidavel armada, que navegou empavezada, e guerreira na volta de Tangere, aonde era o primeiro deſtino; mas poſto o caſo em Conſelho á viſta deſta Praça, que eſperava o golpe para o rebater bizarra, foi reſoluto principiaſſe a abertura da campanha pelo ſitio de Arzila, que ficava ſete legoas ao Poente de Tangere. Houve difficuldade em tomar terra por cauſa da alteraçaõ das ondas, que leváraõ parte das náos á altura do mar, e o reſto chocando humas com outras, padeceo o contratempo da perda de 200 homens, que ſe ſobmergíraõ. Eſta perturbaçaõ movida pelo eſpirito das tormentas, que acodiría a ſoccorrer o ſeu imperio do erro ameaçado, naõ fez eſmaiar a noſſa corage, que eſperou a bonança para a armada com apparato pompoſo, e arrogante dar ferro ſobre Arzila. Era vulg.

Nada demorou El-Rei o deſembarque,

Era vulg. que, que com movimento boliçoſo chamou os Mouros á defenſa gentil, que ſe promettiaõ fazer em huma Praça de tanta conſideraçaõ. Vencido elle, e tomada terra, o exercito cingio Arzila de mar a mar com trincheiras, foços, baterias, máquinas, e inſtrumentos bellicos enunciativos do furor, da vingança, hum apparato que animava as eſperanças dos ſitiantes; que cauſava deſeſperaçaõ aos ſitiados. Sem perder tempo para o primeiro avance, o Rei ſe preparou para elle, empenhando com votos a Mãi das miſericordias, que he o auxilio dos Chriſtãos, e eſta grande confiança do Principe chamou a bençaõ do Ceo ſobre as ſuas armas. Os Portuguezes arremettêraõ á Praça com tal corage, que a preſſa, a confuſaõ, o ardor do repelaõ naõ deixou ouvir os Barbaros, que no meio de huma dura reſiſtencia, com vozes, e ſignais pediaõ partidos honrados. Os noſſos entendiaõ eſtes movimentos na força do combate por deſpreſo feito ao ſeu valor, de que reſultou os noſſos dobrarem os esforços,

ços, os Mouros abandonar-se á obstinaçaõ, huns para triunfarem gloriosos, os outros para morrerem desesperados. Era vulg.

Banhados em sangue, os Portuguezes montáraõ de assalto os muros da Cidade, e entrando-a espada em maõ, os Mouros se fizeraõ fórtes no Alcaçar, e na Mesquita. Aqui foi hum segundo combate mais horrendo, aonde o Principe D. Joaõ mostrou a seu pai com elegancia, que se o gerára da sua natureza sem concurso da vontade propria, que elle agora com eleiçaõ livre se regenerava filho da sua disciplina. Aqui obrou a magnanimidade acções, que as gentes costumaõ chamar sublimes; mas na presença dos seus Principes, ellas nos Portuguezes saõ vulgares. Aqui cahiraõ mórtos, cobertos de gloria immortal, os Condes de Monsanto, e Marialva, depois de obrarem proezas, que a penna teme referillas, ou por naõ ser diminuta, ou por naõ parecer encarecida. Aqui se desenfreou o furor Lusitano á vista de dous Heróes sem alma, e sem re-

Era vulg. reparar na perda do ſangue, a troco delle foi comprando vidas de Mouros, que offerecia por holocauſtos á vingança. Em fim, depois de huma carnage horrivel, aqui ficáraõ ſobmettidos ao noſſo jugo o Alcaçar, a Meſquita, Arzila na noſſa obediencia.

A immenſidade dos deſpojos igualou a grandeza da victoria, e podendo elles deſpertar a cobiça dos Diogenes, o Rei ordenou ſe repartiſſem pelos braços fórtes, que os ganháraõ. A maior parte dos Mouros foi paſſada á eſpada; poucos ficáraõ priſioneiros, e recreſceo o noſſo júbilo, quando vimos cinco mil eſcravos Chriſtãos com liberdade. Acabava de ſe render a Praça, quando Mulei-Xeque, Rei de Féz, apparecia no campo em ſeu ſoccorro. O temor, que o occupou, nada mais o deixou obrar, que pedir a El-Rei huma trégoa, e contentar-ſe com duas mulheres, e dous filhos, que na Praça lhe fizemos priſioneiros, e foraõ reſtituidos em cambio dos oſſos do Infante Santo D. Fernando na forma, que eu referi *no Tomo VI. Liv. XXV. C. VI.*

El-

El-Rei immediatamente ſe vio ſenhor de Arzila, ordenou ſe purificaſſe a grande Meſquita das expiações ſordidas, e ridiculas dos Agarenos immundos, e a conſagrou a Deos com o Titulo de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, ſua admiravel Protectora neſta conquiſta. Era vulg.

No novo Templo foraõ dadas ao Ceo as devidas acções de graças, com que ſempre ſe diſtinguio a piedade Portugueza. Nelle jazia o cadaver do Conde de Marialva, quando paſſava El-Rei, que voltando para o Principe ſeu filho, lhe diſſe: Deos vos faça taõ bom Cavalleiro como o Conde, que ahi vedes morto. Já elle pelas obras merecia a meſma deviſa, e ſeu pai o armou naquelle lugar, antes das façanhas do valor, agora dos cultos da Religiaõ. O governo de Arzila, juntamente com o de Alcacer, El-Rei o proveo em D. Henrique de Menezes, que como tinha o valor proprio acompanhado da memoria do pai, com eſtas duas forças bem podia defender duas Praças.

Era vulg. Sempre os eſtragos alheios fizeraõ grande impreſſaõ nos animos, ainda que ſejaõ generoſos; ſempre para perſuadirem com efficacia os exemplos. Se antes havia reſiſtido bizarra aos esforços dos Portuguezes, agora com o golpe de Arzila cahio Tangere. Como ſe ella viſſe já triunfantes os noſſos Labaros ſobre os muros, cortados do temor, os ſeus defenſores abandonaõ a Praça, primeiro rendida, que aſſaltada. El-Rei informado do terror dos Barbaros, ſe aproveitou da ſua conſternaçaõ, mandando ao Marquez de Monte-Mór foſſe tomar poſſe de Tangere, em quanto elle expedia os negocios de Arzila para ir fazer eſte acto em peſſoa. No dia 28 de Agoſto entrou El-Rei na Praça, aonde ſem demora ordenou ao Prior de S. Vicente, que ſe intitulava Biſpo de Tangere, purificaſſe a Meſquita para nella ſe darem cultos ao Deos Verdadeiro. O governo da Praça foi entregue a D. Rodrigo de Mello, depois Conde de Olivença, pelo valor, e pelo ſangue digno da mercê, que ſe lhe fez.

Eu

Eu disse, que quando El-Rei houve de assaltar Arzila, fizera hum voto se ganhasse a Cidade, e elle exactamente o cumprio. Reduzia-se a promessa a mandar lavrar de prata com o maior primor da arte a sua Estatua equestre para a collocar no Templo de Nossa Senhora de Evora em memoria perpetua do beneficio, que esperava. Naõ quiz Portugal que este monumento veneravel durasse nelle, nem ainda o tempo, que estiveraõ no seu dominio os Lugares de Africa; estes perdidos, aquelle desfeito, ambos com lastima. Entaõ foraõ taõ estimaveis estas conquistas, que ellas deraõ a El-Rei o nome de *Africano*, novo Scipiaõ daquellas idades sem arruinar Carthago, e em atençaõ a ellas se chamou Senhor de Alcacer, e Arzila. Depois reparando, que o seu poder estava dilatado até ás duas margens oppostas do Atlantico, elle, e os seus Successores até agora ajuntáraõ aos seus titulos o *Dáquem dálem mar em Africa*, que parece fazer huma allusaõ ao *Non plus ultra* de Hercules no Estrei- Era vulg.

Era vulg. to, que neſtas expedições embocavaõ as noſſas frotas.

Humas acções taõ bellas, dignas da corage da Naçaõ mais intrépida, que entaõ levava as attenções de todas as gentes; nós deſejavamos eternizallas em medalhas para deſpertárem as memorias nos futuros. Marmores, jaſpes, e bronzes tudo fallava em Inſcripções elegantes as façanhas da corage, da fé, da conſtancia Portugueza. O Rei ainda naõ ſatisfeito com eſta lembrança geral, para individuar as peſſoas, que nas facções ſe aſſignaláraõ, foi o primeiro no invento de mandar tecer em pannos de raz as ſuas conquiſtas, as imagens, os nomes dos conquiſtadores: modelo honroſo, e para honrar, que depois imitáraõ o Imperador Carlos V. eſpecialmente a invaſaõ de Tunes, ſituada no Lago da Goleta: Henrique III. Rei de França, que eſculpio em tapiçarias toda a Hiſtoria do ſeu reinado: Iſabel, Rainha de Inglaterra, que figurou nellas a derrota da armada *Invencivel* de Caſtella, que mais deſtroçáraõ as ondas, que os Inglezes:

zes: Luiz XIV. de França, que fez ornato do Paço as ſuas grandes batalhas, e conquiſtas. Era vulg.

Eſtes progreſſos de Africa, a que ſe ſeguio a guerra com Caſtella, impedíraõ o avance dos noſſos deſcobrimentos no reinado de D Affonſo. Neſte anno porém, Fernaõ Gomes, que lhe tinha arrendado o Commercio de Guiné, deſcobrio a Cóſta da Mina por meio de Joaõ de Santarem, e de Joaõ de Eſcovar. Foi muito util ao Reino eſte deſcobrimento, que deo a Fernaõ Gomes honras novas, e novo Appellido. Fernaõ Pó tambem deſcobrio a Ilha, a que pôz o ſeu nome, e o meſmo Fernaõ Gomes da Mina a de S. Thomé, que por ordem del Rei D. Joaõ II. povoou depois Alvaro de Caminha. Dizem, que por eſte tempo, navegando alguns Portuguezes pelo Eſtreito de Gibraltar, e correndo tempo a Loeſte foraõ dar á Ilha Encoberta, em que eu já fallei neſta Hiſtoria, e que eſtiveraõ nella em ſete Cidades de Portuguezes, que lhes perguntáraõ por Heſpanha, donde ſeus pais haviaõ

ſa-

Era vulg. ſahido, quando os Mouros a conquiſtáraõ. Muito occulta Deos aos olhos dos mortaes eſte milagre contínuo da ſua Providencia, que talvez o ſeja da credulidade fatua da plebe, que ſe ſerve della para nutrir huma eſperança indiſcreta, que nós ſem deformidade na applicaçaõ das vozes podemos reprehender com as de hum Profeta: Eſpera, torna a eſperar, daqui a pouco, naõ tardará muito.

Com a preſſa de Ceſar, que foi, vio, e venceo, dentro de trinta dias voltou El-Rei D. Affonſo de Africa a Lisboa triunfante, já ſenhor naquelle Continente de Ceuta, Alcacer, Anafe, Arzila, e Tangere, huma deſtas forças deſtruida, as quatro bem capazes para fundamento firme de hum novo Eſtado. Sua filha a Infante D. Joanna, que ficára encarregada da Regencia, lhe deo conta miuda de como cumpríra os ſeus deveres, novamente admirado o Rei de tantas virtudes ſaſonadas em annos taõ verdes. Além das qualidades da natureza, o Ceo abençoava eſta Senhora com graça taõ parti-

ticular, que depois de attrahir todos os Era vulg.
corações, a fama das ſuas heroicidades ſobia a todos os Thronos, que deſejavaõ vêr collocado em ſi o ſimulacro da perfeiçaõ. Eſte applauſo geral moveo os principaes Monarcas da Europa a ſolicitalla para eſpoſa com as inſtancias vivas, que já mais ſe haviaõ viſto em pretenções ſemelhantes. Taes foraõ as do Rei dos Romanos, depois Imperador Maximiliano I.; as de Carlos VIII. Rei de França; as de Ricardo III., Rei de Inglaterra. Ouvia a virgem pura eſtas propoſtas como inſenſivel, fixo o coraçaõ no Ceo, aonde lhe parecia eſtar vendo para ſi guardada, naõ a Coroa de ouro, mas a de Juſtiça, que lhe havia dar o Eſpoſo, muito maior Senhor, como juſto Juiz no ſeu dia.

Quando a Infante Santa levava 1472.
tantas attenções eſtrangeiras, ſeu pai andava perplexo na eſcolha, que faria entre Principes taõ poderoſos para declarar hum por ſeu genro, ſem offenſa dos outros. Elle quiz ouvir o voto da Infante em materia taõ deli-

Era vulg. cada, e nomeando-lhe os pretendentes, lhe persuade, e deixa livre a escolha, com tanto que lhe dê huma reposta precisa. Depois que a modestia deixou pôr natural a côr do rosto, e socegárão os movimentos de espito, a Infante respondeo a seu Pai: Que ella já tinha dado a mão de esposa ao Rei dos Reis, com o qual estava unida em espirito, e verdade para o servir o resto da vida escondida entre as paredes de hum Mosteiro: Que esta era a reposta terminante, e cathegorica, que logo dava, e daria sempre, sem lhe ficar mais sentimento, que o de não haver para seu pretendente hum Rei senhor do mundo todo, para fazer delle o mesmo sacrificio de abnegação aos pés do seu Esposo, como o fazia do Imperio de França, e de Inglaterra. Sobprendeo-se D. Affonso, e esta resolução abalou toda a sua constancia. Elle persuade, insta, róga com ternura, com agrados de pai, sem poder já mais servir-se do respeito, do sério, da magestade de Rei. A Infante chora a es-

eſte eſpectaculo; mas o ſeu coraçaõ arde em amor Divino, que a tudo reſiſte; que a arranca dos braços do pai; que a ſepára do thalamo dos Reis; que a tira das delicias da Corte; que a eſconde no clauſtro do Convento de Aveiro; que a alenta na vida; que a coroa de gloria na eternidade. Era vulg.

CAPITULO V.

Continua-ſe com as revoluções de Heſpanha até a môrte del Rei D. Henrique, e ſe trata do caſamento de ſua filha D. Joanna com o Rei D. Affonſo, e reſultas das ſuas pretenções áquella Corpa.

AS deſordens em que fluctuava Heſpanha, e já imprimiaõ os ſeus reflexos em Portugal, punhaõ os animos attentos ás conſequencias, que naõ podiaõ deixar de ſer fataes. El-Rei D. Affonſo, e ſeu filho o Principe D. Joaõ, naõ ſei por que fundamentos, eſquecêraõ o ajuſte antes celebrado de caſar eſte Principe com a

Prin-

Era vulg. Princeza D. Joanna, ſua prima, herdeira preſumptiva dos Reinos de Heſpanha, e ſe ajuſtou com D. Leonor, filha de ſeu tio o Infante D. Fernando, Duque de Viſeo. Por outra parte, El-Rei ſeu pai concorria com vários Principes nas pretenções do matrimonio com a Infante D. Iſabel, irmã do Rei D. Henrique, que indiſputavelmente havia ſer Rainha de Heſpanha, no caſo de ſe dar embaraço invencivel na peſſoa da Princeza D. Joanna. Sobre todos os oppoſitores prevaleceo D. Fernando, que negociou dando, quando os outros inſtavaõ promettendo. Para agentes dos ſeus intereſſes eſcolheo a Guterre de Cardenas, Meſtre-Sala da Infante, e a Gonçalo Chacon, ſeu Mordomo Mór, brindando ao primeiro com a Villa de Maqueda, ao ſegundo com as de Caſarruvios, e Arroyo Molinos.

Inclinou-ſe para eſta parte o Arcebiſpo de Toledo, e unido o cordaõ triple, naõ poderaõ rompello o Marquez de Vilhena com todos os Grandes do ſeu partido. D. Fernando, que eſ-

eſtava Rei de Sicilia, teve modo de entrar em Heſpanha, e em Oſma o eſperava D. Diogo Manrique, Conde de Triviño. Daqui paſſáraõ a Dueñas, aonde D. Fernando vio a Infante, que recebeo por mulher em Valhadolid. O Rei D. Henrique ſe eſtimulou deſta reſoluçaõ de ſua irmã, e aproveitando a conjunctura da chegada de Embaixadores de França, negociou com elles o caſamento do Duque de Guiena, irmaõ do ſeu Rei, e da Princeza D. Joanna, ſua filha, que fez novamente jurar herdeira. Receou França, como diſſemos, os perigos deſte matrimonio já antes tratado; mas agora outra vez desfeito por cauſa da morte do Duque, e do naſcimento de hum filho ao Rei ſeu irmaõ, que havia ſucceder na Coroa. O Rei afflicto andava de humas para outras Cidades, vendo arder a Monarquia em bandos, e ſedições. Elle deſejava aviſtar-ſe com El-Rei de Portugal, e veio a Badajóz, aonde o Duque de Feria teve o atrevimento de lhe fechar as pórtas, e negar a entrada. Era vulg.

Na-

Era vulg. Nada proveitoſo reſultou deſtas
1474. viſtas, e D. João Pacheco, que não podia diſſimular o odio contra a Infante, mais vivo depois que a vio caſada, mandou á Corte a ſeu filho D. Diogo Pacheco, em quem havia renunciado o Marquezado de Vilhena, para plantar no animo del Rei os ſeus meſmos ſentimentos. Elle eſtimou as inſpirações por hum avultado ſerviço; mas D. André de Cabreira, que era eloquente, e para ſe fazer reſpeitado ajuntou muitas forças, na téſta dellas marchou á preſença do Rei, e o perſuadia, que ſe viſſe, e reconciliaſſe com a Infante ſua irmã. Preparado El-Rei por convencido, ou por temeroſo, para concluir com ſegredo a importancia do negocio, o déſtro Cabreira mandou a ſua mulher D. Brites de Bobadilha em trajes de Lavradora a Aranda, aonde eſtava a Infante, para lhe dar parte do que paſſava, e dizer-lhe vieſſe a Segovia, aonde El-Rei ſeu irmão lhe queria fallar. Sahio de Aranda a desfarçada Lavradora na ſua azemela, a Infante ſeguindo-lhe

os

os passos, e seu marido D. Fernando Era vulg.
chegando-se a hum Lugar visinho de Segovia. para observar as resultas da visita.

Avisado das ternuras, da complacencia, com que a Infante sua mulher fora recebida por El-Rei D. Henrique, seu irmaõ, D. Fernando partio para Segovia, aonde se vio huma uniaõ externa de affectos, que promettia felicidades a Hespanha. A pouca saude del Rei, e as intrigas de D. Joaõ Pacheco tudo perturbáraõ, e sobrevindo a morte áquelle Principe pouco depois, ficou preparado o theatro para se verem em Hespanha resuscitadas as idades do Rei D. Joaõ I. Mestre de Avís em Portugal. Elle nomeava no Testamento por filha, e herdeira dos seus Estados a Princeza D. Joanna; pedia a El-Rei D. Affonso seu tio se casasse com ella, e unisse os Reinos de Hespanha ao de Portugal. Esta foi a occasiaõ, em que se acabáraõ de soltar as lingoas; depois a em que se molháraõ as pennas; e assim como no tempo do Mestre de Avís os Portuguezes, para im-

Era vulg. impedirem a uniaõ de Portugal a Caſtella, affirmáraõ que a Rainha D. Brites naõ era filha legitima de D. Fernando; agora os Caſtelhanos, para embaraçarem a uniaõ de Caſtella a Portugal, clamavaõ que D. Joanna chamada Princeza era huma baſtarda da Rainha, mulher de D. Henrique.

Naſcêraõ as duas Princezas Joanna de Caſtella, e Brites de Portugal, naõ ſó para Cometas funeſtos ás ſuas Pátrias, mas para interpoſições, que eclypſáraõ na Esféra do Throno as luzes do primeiro Aſtro. Haja quem conſidere mais medonho o aſpecto da Mageſtade perturbado em D. Joanna, mulher de D. Henrique, por ſer huma Rainha filha, e neta de Reis, que em D. Leonor Telles, mulher de Rei, Rainha por fortuna; que a nós ſó nos pertence indagar a verdade dos ſucceſſos ſem medirmos nas peſſoas deſigualdades, que naõ ſe encontraõ nos ſceptros. Nós ſabemos, que Author algum nomeia, nem celebra excellencia deſtas duas mãis Rainhas além da formoſura, que com ellas quiz repartir a

na-

natureza, mostrando-as como despidas Era vulg.
dos dotes, que se recebem da graça. Mas naõ sendo possivel affirmar que ellas deraõ ás filhas pais, que naõ foraõ seus maridos, justamente merecem reprehensaõ os que resolutivamente falláraõ, e escrevêraõ contra o decóro da Magestade. Como por hora eu fallo na Rainha de Castella, só direi para credito da sua memoria perguntando: como será possivel, que hum Rei taõ escrupuloso nos pontos da honra, como era o mesmo D. Fernando o Catholico, elle depois pretendesse casar o Principe seu filho com a Princeza D. Joanna, sendo ella filha de Beltraõ de la Cueva? Ainda que senaõ coucluio o casamento, elle que queria socegar os escrupulosos, naõ teve dúvida em affirmar, que pretendia o matrimonio para o filho; porque D. Joanna era legitima herdeira de seu pai D. Henrique.

Pondo de parte esta materia, lo- 1475
go que espirou este Principe infeliz, os Grandes do Reino se dividíraõ em bandos, huns a favor de D. Joanna,

ou-

Era vulg. outros de D. Isabel. Esta Senhora estava em Segovia, aonde os do seu partido a juráraõ Rainha de Hespanha; e seu marido, que entaõ celebrava Cortes em Çaragoça, veio a receber a mesma inauguraçaõ na presença da Rainha a 2 de Janeiro, vinte e dous dias depois da mórte de seu conhado. As Cidades principaes da Monarquia enviáraõ Deputados aos nóvos Reis, para lhes assegurarem a sua obediencia, e para lhes pedirem a protecçaõ nas revoluções, que esperavaõ. Contra estes sentimentos se declaráraõ abertamente na tésta de muitos Grandes o Arcebispo de Toledo, e o Marquez de Vilhena, que era hum dos executores do testamento de D. Henrique. O Arcebispo sahio logo da Corte, e por mais que seu irmaõ o Conde de Buendia pretendeo socegallo, como os Reis desejavaõ, elle nada conseguio do constante Prelado, tenaz em sustentar o partido, que escolhêra.

Cuidáraõ estes Fidalgos em promover os interesses da Princeza D. Joanna, e porque lhes naõ era facil dar pas-

paſſo vantajoſo ſem o apoio de Portugal, tratárão de inclinar a vontade do Rei D. Affonſo a favor de ſua ſobrinha. Elles lhe eſcrevêrão propondo-lhe, que ou caſaſſe com a Princeza, como era vontade expreſſa de ſeu pai, ou como tio a defendeſſe de duas ordens de inimigos, huns que lhe declararião a guerra com as armas, outros que já lha fazião com as lingoas. Inſtava o Vilhena, que os inſtrumentos deſtes ultimos adverſarios não devião fazer eſpecie ao decóro da ſua Mageſtade; porque o Rei D. Henrique no teſtamento declarava a Princeza por ſua filha legitima, herdeira dos Reinos de Leão, e Caſtella: que o Cardeal deſte nome, juntamente com elle, erão os executores da ultima vontade do ſeu Soberano; que ambos o metterião logo de poſſe daquelles dous Reinos, ſe elle, caſando com a Princeza, quizeſſe fazer proprios os ſeus direitos; que elle tinha a ſeu favor para o ajudarem com os ultimos esforços ao Meſtre de Calatrava, aos Duques de Arevalo, e Albuquerque, a hum número avul- Era vulg.

Era vulg. tado de outros ſenhores na frente de muitas trópas, que para ſe declararem a favor da Princeza, nada mais eſperavaõ, que a ſua reſoluçaõ.

Ainda aos que já ſe cingem com os Diademas ſaõ doces as promeſſas de novas Coroas. Naõ deſagradáraõ a D. Affonſo eſtas propoſtas, nem elle erraria em convir nellas, ſe tiveſſe probabilidades prudentes com firmeza de fé nos Caſtelhanos, de que elle havia entrar por Heſpanha com a meſma fortuna, que levou a Africa. Liſongeou-ſe o goſto nas eſperanças de huma eſpoſa minina, de nóvos Eſtados reſpeitaveis, de huma reputaçaõ brilhante, elle inclina a vontade; mas a prudencia perſuade o Rei naõ ſe conduza ſó homem, e que ouça as deliberações do ſeu Conſelho ſobre as propoſtas do Marquez de Vilhena. Nelle ſe encoſtáraõ os mais votos ao do Duque de Bragança D. Fernando, que repreſentou ao Rei, como elle devia coartar a credulidade a reſpeito das promeſſas, da fé, da conſtancia dos Caſtelhanos, de que Portugal tinha ex-

experiencias anteriores, eſpecialmente Era vulg. no Rei D. Fernando, para ir com elles a paſſo muito lento. Como o Marquez de Vilhena, Portuguez na origem, neto de Joaõ Fernandes Pacheco, ſeria taõ facil em abandonallo a elle; como o fora ſeu avô em deixar a D. Joaõ I. tambem avô delle D. Affonſo: como a Providencia o fizera ſenhor de huma coroa, que ninguem lhe diſputava; que a poſſuia ſem nota, e que o contrario lhe poderia ſucceder na pretençaõ ao Sceptro eſtrangeiro, quando grande parte da Europa reconhecia, que o direito de D. Iſabel, irmã de D. Henrique, tinha muito mais firmeza, que o da Princeza D. Joanna, que os Caſtelhanos lhe queriaõ dar por mulher, e elle aos Portuguezes por ſua Rainha.

Naõ goſtou, nem ſeguio El-Rei D. Affonſo eſte parecer, que entendeo no Duque hum esforço da inclinaçaõ do ſangue: hum effeito da complacencia de vêr aſſentada no Throno de Heſpanha a ſua ſobrinha D. Iſabel, mulher de hum Rei taõ poderoſo como D. Fernan-

Era vulg. nando, que unia ao ſeu Dominio todos os Reinos de Heſpanha, donde ſahiría o ſangue de Bragança a circular em todas as vêas Reaes. Aſſim diſcorreo a ambiçaõ, que fez perſuadir ao Rei ſer o Duque homem capaz de preferir os intereſſes da ſobrinha ás vantagens do Soberano. Bem póde ſer, que deſta producçaõ zeloſa do Duque ficaſſem alguns reſtos de eſtimulos occultos, que depois vieraõ a brotar fructos monſtruoſos de eſcandalos, que já mais ſe corromperaõ nas memorias. Em fim, eſte foi o pretexto, de que El-Rei ſe ſervio para naõ differir ao vóto do Duque; mas antepôz proprios movimentos, que a occaſiaõ repreſentava favoraveis. Os effeitos moſtráraõ no reſto da vida del Rei, quanto tem de arriſcado nos Soberanos errar hum paſſo importante por arbitrio proprio contra o dictame dos intereſſados, que pela fé de bons vaſſallos, pela honra propria, naõ podem olhar a Pátria como alheia, nem os Principes como eſtranhos.

Como El-Rei ajuntára o Conſelho,

naõ

naõ para lhe ſeguir os pareceres, mas para vêr ſe lhe liſongeavaõ a vontade, elle ſe pôz immovel na ſua reſoluçaõ; cuidou em preparar-ſe para a guerra; e porque entraria nella com mais vigor levando o caracter de Eſpoſo, antes que a deviſa ſimples de Tutor, enviou hum Embaixador a Roma para pedir diſpenſa ao Papa Innocencio VIII. que já prevenido pelos Reis Catholicos a recuſou. Eſte parecer foi dado por Luiz XI. Rei de França, que quando por D. Affonſo ſe lhe propôz huma alliança a favor da Princeza D. Joanna, reſpondeo, que o ſeu primeiro paſſo havia ſer o de ſolicitar a diſpenſa para o matrimonio, como armamento o mais forte para entrar na guerra. Era vulg.

Quando em Roma ſe tratava eſta negociaçaõ, naõ pôde conter-ſe a impaciencia ſem mandar Ruy de Souſa a Caſtella em qualidade de Embaixador, munido dos poderes neceſſarios para em nome del Rei ſe deſpoſar com a Princeza: para notificar aos Reis Catholicos cedeſſem nella os Reinos, em

que

Era vulg. que eſtavaõ intruſos, como em huma filha, que era herdeira, e legitima do Rei D. Henrique: para os perſuadir ſer a ultima vontade deſte Principe, que o Rei ſeu amo recebeſſe por mulher a dita Princeza: para lhes intimar, que elle tinha todo o direito para a defender, como a ſobrinha pelo ſangue, como a eſpoſa pretendida, que elle Embaixador já tratava de Rainha, ſegundo as ordens, que recebêra para aſſim o practicar: em fim, para os inſtar naõ uſaſſem elles deſte titulo, nem ſe utiliſaſſem das rendas da Coroa, antes repozeſſem as recebidas, em quanto os Juizes arbitros, que ambas as partes nomeariaõ, naõ decidiſſem cathegoricamente hum negocio deſta natureza.

Em tom féro recebeo Ruy de Souſa a reſpoſta de Fernando, e Iſabel. Elles lhe diſſeraõ repreſentaſſe a El-Rei ſeu Amo a juſta admiraçaõ, que lhes cauſava a nova mudança, que o arraſtava a querer deſpoſar Joanna, que naõ era filha, nem herdeira del Rei Henrique: que ſe lembraſſe como elle meſmo

mo repudiára ſemelhante alliança, ainda vivendo o pai putativo de Joanna, que ſe pelo ſangue de ſua mâi podia ſer Princeza, pelo de ſeu pai era nada, inhabil para Rainha de Portugal, hum phantaſma para o ſer de Heſpanha: que comprometter-ſe em arbitros de conſciencia, próbos, e timoratos, naõ duvidaõ elles; mas que ceder do ſeu direito, largar os Reinos, naõ uſar das ſuas rendas, iſſo era huma pretençaõ, que elles ſem perda de tempo entravaõ a defender com as armas. Como eſta reſpoſta tirava a eſperança de ſe poderem ouvir as razões do direito dos pretendentes, ſenaõ pela bocca dos canhões; o Embaixador tratou de recolher-ſe, e D. Fernando de mandar ſeguir por hum Heraldo, que veio a Portugal trazer a D. Affonſo hum Cartel, em que aquelle Principe o deſafiava para hum combate de peſſoa a peſſoa. Era vulg.

D. Affonſo, recebendo com magnanimidade o Cartel, reſpondeo altivo ao Heraldo: Dize a eſte Principe de Sevilha, que hum Rei de Portugal

naõ

Era vulg. naõ lhe póde acceitar o duelo pelas ſobras do valor, e exceſſo da Mageſtade; que o eſpere em hum combate geral, aonde a fortuna decedirá a ſórte contra o vencido. Em ferezas, proteſtos, ameaças reciprocas ſe paſſavaõ os dias, em quanto o Rei de Portugal acabava de ſe fazer preſtes para entrar em Caſtella. Dizem huns, que conſtava o ſeu exercito de 20$000 homens entre Cavallaria, e Infantaria, outros que de 20$000 Infantes, e de 5$000 cavallos. Logo que elle ſe pôz em tom de marcha, o Rei nomeando Regente do Reino a ſeu filho o Principe D. Joaõ, ſahio da Corte como ſe já marchára para a guerra ſanta da Paleſtina, acompanhado do Arcebiſpo de Lisboa, dos Biſpos de Evora, e de Coimbra. Seguio-o a principal Nobreza, que ſe fazia brilhante com a preſença do Condeſtavel D. Joaõ, Marquez de Monte-Mór, filho do Duque de Bragança D. Fernando; do Marichal D. Alvaro Coutinho; do Duque de Guimarães, primogenito da Caſa de Bragança; dos Condes de Villa

Real,

Real, de Marialva, de Fáro, de Penela, de Pena-Maior, e de outros muitos Fidalgos de alta qualidade, que eſperavaõ vêr ao ſeu Soberano aſſentado no Throno de toda Heſpanha: eſperança, que nós vamos a vêr, e ſempre vimos fruſtrada, como ſe quizeſſe perſuadir-nos o Moderador Supremo dos Imperios, que naõ he do ſeu agrado a uniaõ das noſſas Monarquias. Era vulg.

CAPITULO VI.

Da guerra de D. Affonſo contra Fernando, e Iſabel para ſuſtentar o direito da Excellente Senhora D. Joanna ſua preſumptiva Eſpoſa.

QUANDO o exercito de Portugal entrava pelas fronteiras de Caſtella, o dos Reis Catholicos eſtava taõ exhauſto de forças por falta de dinheiro, ou do nervo da guerra, que naõ podia dar paſſo. Entaõ apurou D. André de Cabrera as demonſtrações de fidelidade, que guardava áquelles Principes, entregando-lhes os theſouros occultos do

Era vulg. do Rei D. Henrique, que remediáraõ a neceſſidade, e adquiríraõ para o Cabrera os titulos de Marquez de Moya, de Conde de Chinchon, e de Alcaide
1476 perpetuo de Segovia. O Rei de Portugal chegou a Placencia, aonde o Marquez de Vilhena, o Duque de Arevalo, e ſeu irmaõ o Conde de Miranda, com outros Fidalgos, conduzíraõ a Princeza, que immediatamente ſe desſpoſou com o Rei ſeu tio, debaixo da condiçaõ de novamente impetrarem a diſpenſa já recuſada, que com effeito conſeguíraõ, dizem que a inſtancias de Luiz XI. de França.

Eſtes actos precedentes foraõ os da declaraçaõ da guerra entre os competidores, ambos benemeritos, D. Joanna pelo direito, D. Iſabel por ſi meſma. Deſpedíraõ-ſe ordens preciſas aos Governadores das fronteiras para principiarem as hoſtilidades, que os Caſtelhanos fizeraõ deshumanas. O ſeu odio contra a Princeza lhes metteo em huma maõ a eſpada, com outra accendeo o fogo para devaſtarem os terrenos, por onde paſſavaõ, fazendo que

a

a guerra parecesse vingança. Toda esta furia parou na conquista do fraco Castello de Noudar, quando com valor mais reportado D. Pedro Alvares de Sotomaior, mettendo em contribuiçaõ a Provincia, rendeo Bayona, e Tuy, que contrapezavaõ muitas vezes a perda de Noudar. Era vulg.

O ardor, com que principiava a guerra, fez entender ao Rei de Portugal a necessidade, que poderia ter de allianças contra os Reis Catholicos, que encontrava mais poderosos do que pensava, e se lhe promettera. Entaõ lembrariaõ com pouco remedio as advertencias do Duque de Bragança no Conselho, e naõ houve outro, senaõ solicitar huma Liga com França, que entaõ tinha embaraços respectivos ao Condado de Ruiselhon com o Rei D. Joaõ de Aragaõ, que podia soccorrer a D. Fernando, para que declarasse a guerra pelo lado de Biscaya: negociaçaõ, que naõ teve effeito, e a poucos passos o Rei D. Affonso se vio só no campo com os seus vassallos, sem Castelhanos, nem Francezes.

De

Era vulg.

De Placencia marchou elle a Badajóz para reparar os eſtragos na ſua fronteira, e ſem ſe penetrar o deſignio, retrocedeo para a Cidade de Toro. D. Joaõ de Ulhoa ſeu Governador lhe abrio as portas: o meſmo fez o de Çamora; mas ambos depois de ficarem bem ſatisfeitos de promeſſas longas, que era o unico fim dos ſeus obſequios apparentes, na realidade avareza. Sua irmã a Rainha viuva de Caſtella o eſperava impaciente em Toro na volta de Çamora, como ſe o coraçaõ preſágo lhe eſtivera adivinhando, que a viſta del Rei a chegava ao termo prefixo do eſtatuto da mórte, que ſe lhe ſeguio. Os ſeus vaſſallos conduzíraõ o cadaver com grande pompa para o Convento de S. Franciſco de Madrid, aonde os meſmos que ſeguiaõ o partido de Fernando, e Iſabel, lhe fizeraõ magnificas exequias. Alguns dos noſſos Eſcritores aſſignálaõ eſta mórte da Rainha D. Joanna no anno antecedente de 1475.

Preſumindo fariaõ a guerra com mais vigor, D. Fernando intrepido, e

e D. Iſabel corajoſa dividírañ entre ſi as ſuas forças; ambos ſe poſtárañ na téſta dos ſeus eſquadrões; D. Fernando para defender Caſtella a Velha, e cobrir o Reino de Leañ; D. Iſabel para impedir as irrupções nos Reinos de Andaluzia. O exercito de D. Fernando conſtava de 34$000 homens, que ſe poſtárañ á viſta de Toro; mas antes de começar as operações, mandou dizer ao Rei D. Affonſo por D. Gomes Henriques, que elle ſuſpenderia a guerra ſe quizeſſe tomar o acordo de ſe recolher a Portugal, e dar tempo ao Papa para reſolver o direito diſputavel entre ſua mulher, e a Princeza D. Joanna. Eſte arbitrio poderia ſer prudente, ſe o animo eſtimulado eſtiveſſe em termos de o ouvir. D. Affonſo nem quiz eſcutallo, e D. Fernando reſolveo bloquear a Toro, mandando forrajar a campanha. Quando os ſeus Officiaes, e ſoldados menos o eſperavañ, vírañ que D. Fernando levantava o campo, e ſe retirava para Valhadolid com mais temores, que eſperanças. Era vulg.

D.

Era vulg. D. Affonſo paſſou a Çamora, aonde o veio buſcar o Arcebiſpo de Toledo D. Affonſo Carrilho, que era da ſua facçaõ. Elle inſtava com o Marquez de Vilhena, e com o Duque de Arevalo, principaes concurrentes do ſeu caſamento, para que por ſi, e pelos ſeus adherentes cumpriſſem as promeſſas, que lhe haviaõ feito de encontrar em Heſpanha Praças, e Exercitos á ſua obediencia. As impoſſibilidades delles ſahirem dos ſeus deveres, foraõ os principios das deſconfianças, que creſcêraõ no Rei quando ſoube, que o Conſelho de Caſtella reſolvêra, que ſe tomaſſem todas as terras do Marquez, do Duque, de todos os faccionarios da Princeza; que ſe uniſſem á Coroa, e que as ſuas rendas ſe confiſcaſſem. Por outra parte o zeloſo Cardeal de Caſtella, que deſejava evitar a effuſaõ de ſangue, eſcreveo reſpeitoſo, prudente, catholico ao Rei D. Affonſo, propondo-lhe huma compoſiçaõ raſoavel, que embainhaſſe as eſpadas. O zelo do Cardeal, que o metteo a medianeiro por arbitrio proprio, ſem

ſem dar parte deſta idéa de paz aos ſeus Principes, elle lhes communicou a reſpoſta do Rei de Portugal, que dizia: Eſtimava muito a concordia, que lhe propunha, e que para lhe dar próvas da ſinceridade, com que a deſejava, elle cedia do ſeu direito, quando da ſua parte Fernando, e Iſabel lhe largaſſem o Reino de Galliza, as Cidades de Toro, e Çamora, e lhe pagaſſem huma ſomma de dinheiro para reſarcir os gaſtos, que tinha feito na guerra. Era vulg.

Tanto eſtimáraõ os Reis a fidelidade do Cardeal, como ſentíraõ a reſpoſta de D. Affonſo, determinados a defender até a ultima extremidade qualquer palmo de terra da Monarquia, que preſumiaõ lhes tocava. Pelo meſmo tempo D. Joaõ de Eſtuniga, ſobrinho do Duque de Arevalo, que defendia o Caſtello de Burgos pela Princeza D. Joanna, entrou a tratar os moradores com tal dureza, que a todos ſe fez inſoffrivel. D. Fernando, que vigiava nos avances dos ſeus intereſſes, naõ quiz perder occaſiaõ taõ opportu-

Era vulg. na para ſe fazer ſenhor de Burgos, e deſtacou ao Conde de Aguilar com hum groſſo de trópas para bater a Praça, que tendo guarnição de Portuguezes ſoube defender-ſe.

Pelo contrario, a Rainha D. Iſabel ſe deſvelava, em que os Commandantes foſſem diligentes no cumprimento das obrigações dos ſeus cargos, cambiando os menos confidentes pelos mais fieis, os omiſſos pelos efficazes. Se elles ſe conduziſſem conformes com a intenção das ordens, que ſe lhes dava, naõ haveria nelles couſa, que ſe notaſſe. Porque as excedeo o novo Governador de Olmedo, Conde de Cifuentes, que quiz aſſignalar-ſe ſobre os inimigos, como ſe os Portuguezes naõ houveſſem viſto diante de ſi homens de eſtatura maior que a ſua; elles lhe cahíraõ em cima, eſmagáraõ a trópa, que conduzia, e elle teve de devêr a vida ao valor, com que fugio. Conſternou eſte ſucceſſo aos Caſtelhanos, e animou aos noſſos para lhe aproveitarem as conſequencias com a conquiſta de Pena-Fiel. A Rainha,

acompanhada do Cardeal, do Almirante, do Conde de Benavente, quiz prevenir os noſſos movimentos, cobrir aquella Praça, e ſe poſtou na de Baltanas; que encarregou ao de Benavente. Era vulg.

O noſſo campo, que tinha ſopportado a perda de muita gente, mórta de enfermidade, agora ſentia os incommodos de naõ poder receber os combois, ſem os defenderem grandes eſcoltas pela viſinhança do exercito da Rainha. Eſtas difficuldades eſtimuláraõ os Portuguezes para atacarem os Caſtelhanos a todo o riſco. O Conde de Benavente, que ſe lhes oppôz, foi forçado a entrar em Pena-Fiel, que elles atacáraõ com valor deſmedido, rendêraõ, e fizeraõ priſioneiro ao Conde, que acháraõ ferido. O meſmo deſtino teve Baltanas; e Cantalapiedra, com o temor de ſórte ſemelhante, ſe entregou a partido. Foraõ glorioſos eſtes ſucceſſos pelos authoriſar a preſença da Rainha D. Iſabel, e pela priſaõ do Conde de Benavente, que eſteve em noſſo poder, em quanto ſua 1477

Era vulg. irmã a Duqueza de Arevalo naõ lhe pedio a liberdade, que o Rei de Portugal concedeo debaixo das condições de naõ ſervir mais contra elle a favor de D. Fernando, e de entregar em refens da palavra as Villas de Mayorga, Villa-Alva, e Portilho.

1477 Em quanto as noſſas trópas deſcançavaõ nos quarteis de Inverno em Çamora, e outras paſſavaõ a refazerſe em Portugal, as partidas Caſtelhanas foraõ rendendo as Villas principaes do Marquez de Vilhena. Já elle ſe hia contemplando a victima da diſcordia dos Principes; mas ſem declarar ainda as intenções, que talvez já concebeſſe, pedio a El-Rei quizeſſe marchar logo a Madrid, aonde com os ſoccorros do Arcebiſpo de Toledo, e do Meſtre de Calatrava, além de outras trópas, que por outras partes ſe iriaõ unindo ás ſuas, elle metteria em deſordem as idéas de D. Fernando, e reentraria na poſſe das Villas, que elle tinha tomado. Sobre a propoſta do Marquez ouvio o Rei o ſeu Conſelho, que fiando já pouco da firme-

za deſte Fidalgo, naõ houve nelle hum ſó, que votaſſe a ſeu favor. Ainda que D. Affonſo conheceo tarde os movimentos ambicioſos dos Caſtelhanos, que queriaõ ſobir ao cume da oppulencia fazendo caminho por cima dos eſtragos da Pátria, elle ſe conformou agora com os pareceres do Conſelho em naõ mover hum paſſo das immediações de Burgos, em quanto a face dos negocios lhe naõ moſtraſſe, que podia avançar a marcha. Era vulg.

Por outra parte a boa politica, a honra propria perſuadiaõ ao Rei naõ ſer juſto deſgoſtar o Marquez, que até entaõ o ſeguia, nem havia dado próvas abertas de couſa contraria ao ſeu ſerviço. A dexteridade Real, que ſondára o genio, que tratava, ſe lembrou da invectiva excellente de promeſſas novas mais vantajoſas, que as primeiras, de fazer proprios em todo o tempo os negocios da caſa de Vilhena, de lhe pagar com uſuras todos os damnos, que tiveſſe a ſeu reſpeito, com outras doçuras deſta qualidade, que podiaõ entreter a paciencia do

Era vulg. Marquez; mas ella eſtava muito longe dos fundos do ſeu eſpirito. Eſperanças com incertezas á viſta de perdas conſtantes, eraõ o meſmo que liſonjas mentaes de gozar no porto as commodidades da riqueza o Mercador, que via ir a pique a náo, que a conduzia. Nos balanços da imaginaçaõ ſobre as promeſſas futuras, e as ruinas preſentes, o Marquez vendo hum Rei, que nada queria arriſcar por ſeu reſpeito, já ſe inclinava a buſcar expedientes para entrar na graça de outro, que ſe naõ o fizeſſe mais feliz, na reſtituiçaõ dos damnos lhe conſervaſſe a primeira felicidade.

D. Fernando ſitiava Burgos, quando o Marquez de Vilhena ſolicitava meios de ſe reconciliar com elle. Já ſabedor da perfidia, que traçavaõ os de Çamora, eſte Marquez eſperou, que ella podeſſe ſer favoravel aos ſeus projectos. Hum pouco de rigor praticado com alguns dos Çamoranos, recompenſas promettidas ainda naõ executadas, baſtáraõ para D. Franciſco de Valdez aſſegurar á Rainha D.

Iſa-

Iſabel, que pela Ponte de Çamora, que guardava, faria entrar na Cidade a El-Rei D. Fernando, ſe elle quizeſſe vir a eſta empreza em peſſoa. Era ella muito importante para D. Fernando deixar paſſar a conjunctura. Encarregando a continuaçaõ do ſitio de Burgos a ſeu irmaõ D. Affonſo de Aragaõ, e ao Condeſtavel de Caſtella, D. Fernando ſeguido de tres Officiaes marchou a Çamora. Como na ſua reta-guarda mandou hum groſſo de trópas eſcolhidas para a occaſiaõ de ſerem neceſſarias; o Rei de Portugal, que deſcobrio, e penetrou os movimentos, e ſe apreçou a metter ſoccorro em Çamora, aonde a Princeza D. Joanna tinha a ſua Corte. Era vulg.

Apreſentou-ſe El-Rei em peſſoa ſobre a Praça; mas o Valdez, naõ ſó recuſou abrir-lhe as pórtas, ſenaõ que trabalhou para rechaçar a partida, que houve de ſe retirar a Toro. As trópas de D. Fernando ſeguíraõ os paſſos do ſeu Rei com tanta preſſa, que valeo á Princeza D. Joanna, e ao Arcebiſ-

Era vulg. biſpo de Toledo naõ ficarem priſioneiros, irem ſahindo por huma porta, quando aquellas trópas entravaõ por outra. Perdeo-ſe Çamora, e nella hum bom troſſo das noſſas eſperanças. Menor foi eſte damno, que ſería o do logro dos intentos do Valdez, que no paſſo da ponte determinava matar, ou prender a El-Rei D. Affonſo. Os Portuguezes, que eſtavaõ na Praça, ſobprendidos do ſucceſſo, buſcáraõ o azylo de hum Templo, aonde paſſáraõ a noite a eſperar indeciſos ſe encontrariaõ os Caſtelhanos mais rigoroſos, e humanos, do que elles os tinhaõ viſto no diſcurſo deſta guerra. Tudo era o ſeu Rei, que generoſo os pôz em liberdade, e ſem querer por elles reſgate, os mandou recolher a Toro.

Foi extremo o prazer de D. Affonſo com a chegada deſtas trópas, que ſuppunha mórtas, ou priſioneiras. Elle as animou, e ao reſto do exercito com elogios altos do ſeu valor, com a promeſſa de naõ as arriſcar mais na conquiſta de Praças, com lhes liſon-

gear

gear o gosto em as levar a huma batalha decisiva, que pozesse fim aos trabalhos da guerra, e que para isso ordenava ao Principe seu filho marchasse de Portugal a soccorrello com todo o dinheiro, que podesse, a reforçallo com o maior número de gente, que ajuntasse. Esta nova encheo os Portuguezes de alvoroço, naõ havendo algum de valor, que naõ mostrasse no rosto os impulsos do espirito, que fazia saltar os corações. Elles desejavaõ a gloria do seu Principe, e a sua: viaõ-se instrumentos da vantagem maior á que Portugal podia aspirar na Europa, e estas considerações sublimes lhes elevavaõ as almas sobre si mesmas: considerações, que os fazia desprezar o amor da vida posta em paralello com a reputaçaõ da gloria. Era vulg.

D. Fernando, que da sua parte naõ se descuidava em sustentar idéas generosas, ao mesmo tempo, que mantinha hum exercito respeitavel, soccorreo a seu irmaõ D. Affonso, que fazia o sitio de Burgos, com trópas de re-

Era vulg. refreſco para o continuar com vigor, e fez embarcar outro corpo numeroſo para ir inveſtir a Praça de Ceuta, que os Mouros ſitiavaõ com ardor incrivel, aproveitando huma conjunctura taõ favoravel para reconquiſtarem a ſua amavel Cidade. Entendia D. Fernando com eſtes movimentos conſtranger o Rei a divertir as forças, e obrigallo a recolher-ſe a Portugal; mas elle immovel ſe comprometteo no valor, e fidelidade de Ruy Mendes Ribeiro, que governava Ceuta, e naõ ſe enganou na idéa. Eſte bravo Chéfe digno de memoria eterna, ſem moſtrar a mais leve perturbaçaõ de animo no meio de perigos dobrados, defendeo a Praça com gentileza inimitavel de dous exercitos, que ſendo formados de gentes profeſſoras de dogmas oppoſtos, nos Chriſtãos, e nos Barbaros naõ tinha a deshumanidade differença.

O aperto, que padeceo Ceuta, he indizivel, e a naõ ſerem os ſeus defenſores Portuguezes, deſmaiaria a lealdade, o esforço, a paciencia. Naõ he

he o mais a resistencia heroica, que entaõ fizemos. Ella se esquece, quando fazemos memoria, de que aquelles homens incomparaveis preferíraõ as delicadezas de Catholicos á magnanimidade de soldados, á segurança das pessoas, á quanto no mundo havia de estimavel. Os Mouros se estimuláraõ da furia inexplicavel, com que os Castelhanos na sua presença atacavaõ Ceuta da parte do mar; e dando ao Commandante da Praça todas as seguranças escogitaveis, lhe pediaõ permitisse ao seu exercito passo pela Cidade, para que unida com elles a guarniçaõ, de maõ commua castigassem a ousadia dos Castelhanos. Esta politica judiciosa dos Mouros foi para nós a mais feliz; porque o Chéfe magnanimo, mais attento ás leis da Religiaõ, que ás da vingança, naõ querendo acceitar a offerta dos Mouros, mereceo a bençaõ do Ceo para com façanhas mais que humanas obrigar os Castelhanos a embarcar-se, e forçar os barbaros para levantarem o sitio. Era vulg.

Como os designios de D. Fernando fo-

Era vulg. foraõ cortados em Africa, applicou todos ao rendimento de Burgos, que bateo com vigor por todas as partes. Os Portuguezes se defendêraõ até a ultima extremidade, e sendo-lhes já impossivel a defensa, capituláraõ, e se rendêraõ. Seguio-se a esta perda a de hum corpo de trópas commandado pelo Conde de Pena-Macor, que ficou prisioneiro no choque, que teve com D. Affonso de Mendoça, parente do Cardeal de Castella: duas infelicidades, que foraõ o preludio das muitas, que depois se seguíraõ.

Entretanto o Principe D. Joaõ, que recebêra ordens para levar a Castella de socorro homens, e dinheiro, propunha aos Estados do Reino a figura, em que se achavaõ naquella Monarquia os negocios de seu pai, que necessitava ser reforçado. Os modos insinuantes, e suaves, de que se servio o Principe fizeraõ tanta impressaõ nas gentes, que naõ só ajuntou hum grosso de dous mil cavallos, e oito mil infantes; mas conseguio emprestimos avultados, donativos graciosos, consideraveis,

veis, e que o Cléro voluntario lhe entregasse a prata de todas as Igrejas, excepto os Vasos Sagrados, que elle mandou cunhar em moeda. Com estes reforços rompeo a marcha pelas fronteiras de Hespanha, e sobre ella ganhou as Praças de S. Felices, e de Ledesma. Quando chegava o Principe, que com seu pai havia emprehender o sitio de Çamora para obrigar D. Fernando a huma batalha, El-Rei convidava os Fidalgos Castelhanos da sua facçaõ para se lhe ajuntarem com as trópas, que commandavaõ. Unicamente o Arcebispo de Toledo obedeceo a esta ordem; os mais confederados se escusáraõ com pretextos, que davaõ bem a conhecer a negociaçaõ com D. Fernando para entrarem na sua graça. Era vulg.

Naõ desmaiou D. Affonso com esta falta de palavra dos primeiros sugestores desta guerra, porque já a esperava, nem se embaraçou com as propostas de paz, que alguns delles lhe fizeraõ, porque lhe naõ mereciaõ a confiança. Elle se resolve a arriscar tudo, e para disposiçaõ de huma bata-

ta-

Era vulg. talha, entende lhe he neceſſario occupar o campo de Çamora. Naõ lhe parecendo elle vantajoſo, ſe faz na volta de Toro. D. Fernando o occupa, quando El-Rei ſe retira, naõ ſe atrevendo a apparecer nelle á viſta das noſſas armas. D. Affonſo, que o ſoube, marcha a deſafiallo, e como lhe naõ acceitou o convite, retrocede a eſperar em Toro occaſiaõ mais opportuna. A Rainha D. Iſabel reforçou o campo de ſeu marido, que animado com eſte ſoccorro, veio a examinar o noſſo alojamento. Neſta occaſiaõ D. Affonſo tambem ſe quiz moſtrar circunſpecto; ambos os Principes com induſtria acceitando os cumprimentos de longe.

Gaſtáraõ-ſe alguns dias em marchas, e contramarchas, até que os Caſtelhanos ſe reſolvêraõ paſſar o Douro para picarem a noſſa retaguarda, que levava as caras em Toro. Já o combate era inexcuſavel, e ambos os Principes enchêraõ aquelle dia animando, e unindo as trópas diſperſas. D. Affonſo cobrio o lado direito do exercito, que havia atacar o eſquerdo do de Caſ-

tel-

tella, mandado pelo Cardeal, e pelo Era vulg.
Duque de Alva; o Principe D. Joaõ ſe poſtou no eſquerdo para inveſtir a D. Fernando no direito, e neſta fórma, entre Toro, e Çamora, ſe eſperou o dia, que tinha de decidir a alta pretenſaõ dos dous Auguſtos Rivaes. O Caſtelhano ainda irreſoluto, quiz ouvir o ſeu Conſelho, aonde encontrou muitos vótos, que lhe diſſuadíraõ a batalha. A todos prevaleceo o partido do Cardeal, que contemplava na retirada a rotura do credito, e reputaçaõ das armas; o novo eſpirito, que recobraríaõ os deſcontentes de D. Fernando; a decadencia, que ſentiriaõ os ſeus negocios; a arrogancia, que deixariaõ vêr os Portuguezes, e que em attençaõ a huns principios taõ ponderoſos, ſó elles baſtavaõ para ſe reſolver a batalha, quanto mais intereſſando-ſe nella a conſervaçaõ dos Reinos de Heſpanha.

O Cardeal acompanhou eſte diſcurſo da offerta de ſer elle o meſmo, que foſſe obſervar a figura do campo Portuguez para calcular as vantagens, com

que

Era vulg. que havia ſer atacado. Subio elle a hum lugar eminente, donde aviſtou o noſſo exercito formado com tanta ordem, e diſciplina, que o Cardeal mudaria de intenções ſenaõ receaſſe, que o pejo lhe reveſtiſſe o ſemblante da côr da purpura. Em fim, a opiniaõ decidio a batalha, e com bella ordem marchou D. Fernando ao lugar deſtinado para a acçaõ, que tinha ao noſſo lado direito as montanhas, e ao eſquerdo o rio Douro. Já á viſta dos inimigos, indo o exercito em plena marcha, houvéraõ prudentes, que advertíraõ áquelle Principe ponderaſſe os perigos da ſua reſoluçaõ: que os Portuguezes tinhaõ nas cóſtas a Cidade de Toro para refugio certo, e ſeguro no caſo de ſer vencidos: que ficando vencedores, os Caſtelhanos naõ encontrariaõ outro além da mórte, ou da priſaõ. Hum dos ſeus Generaes de valor reſolveo eſtas dúvidas dizendo ao Principe: Senhor, ſe quereis ſer Rei de Heſpanha, neceſſitais combater neſte dia. Soou eſta vóz com agrado nos ouvidos de D. Fernando, que fez

con-

continuar a marcha para ſe arroſtar com os Portuguezes. Era vulg.

Em quanto naõ chegavaõ os inimigos, o Rei de Portugal corria as fileiras do exercito, e fazia lembrar aos ſoldados, que elle era neto do Rei D. Joaõ I., e elles dos bravos Heróes, que em occaſiaõ ſemelhante nos campos de Aljubarrota cortáraõ em poſtas os avós dos meſmos inimigos, que tinhaõ diante; que eſtava bem certo fariaõ elles o meſmo áquelles ſeus netos. O noſſo Rei perſuadia a ſua gente com as lembranças da honra; o de Caſtella animava a ſua com promeſſas, com dadivas, com recompenſas: differença notavel, mas propria; no primeiro de Rei, que era, no ſegundo de Rei, que queria ſer; hum pai de vaſſallos filhos; o outro, que ainda naõ os tinha por filhos, nem por vaſſallos. Ceſſáraõ as vozes dos Principes, e ſoáraõ os dous gritos de guerra, que rompêraõ a batalha, que começou de ambas as partes com ardor incrivel, e em que os dous Principes ficáraõ vencidos, os ſeus Capitães vencedores.

Era vulg. O Principe D. Joaõ rodeado de quantos militares faziaõ brilhante o exercito, atacou o lado direito dos inimigos, que cobria o Rei D. Fernando, e em huma hora de combate lhe passou á espada seis formosos esquadrões, que eraõ o grosso daquelle lado. Obrou o Principe acções dignas do mais aguerrido Capitaõ, de hum bravo soldado, dignas de si. D. Fernando, que de lugar eminente as observára atonito, vendo tudo perdido, as fileiras rotas, os homens feitos em postas, os soldados sem ordem, em tom de retirada fugio para Çamora. O contrario succedia no lado, que mandava El-Rei D. Affonso. Dous Castelhanos oppostos, huma purpura, e hum roquete, huma mytra, e hum chapeo, hum Cardeal de Castella, e hum Arcebispo de Toledo degollando-se sem piedade, como se estivessem combatendo em huma guerra de Religiaõ, eraõ os espectaculos mais vistosos; o Arcebispo no lado direito do exercito de Portugal, e o Cardeal no esquerdo do de Castella.

Es-

Eſte ornato do Vaticano, vendo a bravoſidade da noſſa reſiſtencia, lançando-ſe como huma furia aos lugares mais arriſcados, correndo as fileiras dos ſoldados, ſe aſſegura os animava com eſtas vozes infames: Peleijai, trahidores, que aqui tendes ao voſſo lado o Cardeal de Caſtella. Que brava ardencia de eſpirito em hum Principe da Igreja para dar corage a apoſtatas covardes, que temêraõ os tormentos, e os reconduzir a morrer Martyres! Finalmente, a pezar da noſſa corage, o eſpirito do Cardeal triunfou do do Arcebiſpo de Toledo, o valor do Duque de Alva venceo ao Rei D. Affonſo, que tambem a modo de quem ſe retirava, fugio para Caſtro Nuno. Ficáraõ no campo cantando a victoria o Principe D. Joaõ, o Cardeal, e o Duque, todos afflictos por ignorarem o deſtino dos ſeus reſpectivos Reis. Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO VII.

De algumas particularidades, que ſuccederaõ na batalha de Toro, e o que ſe ſeguio depois della.

VANTAGEM alguma tiveraõ os Caſtelhanos ſobre os Portuguezes na batalha de Toro, ſenaõ a de lhe ganharem o Eſtandarte Real: perda feliz no modo, e pela gloria que nos reſultou no da ſua reſtauraçaõ admiravel. Levava eſta Inſignia na frente do exercito Portuguez D. Duarte de Almeida, que no maior ardor da refrega, rodeado de inimigos immenſos, e reſolutos, todos elles naõ tiveraõ forças para lha arrancarem das mãos, em quanto lhe naõ cortáraõ ambos os braços. Os Caſtelhanos a conduziraõ ao ſeu campo, aonde por irriſaõ a arvoráraõ ás aveças. Naõ ſoffreo o valor de Gonçalo Peres eſte deſpreſo da Deviſa Real do ſeu Soberano, e voltando-ſe para outros cavalheiros de eſpiritos conformes aos ſeus, lhes diſſe:

Ami-

Amigos, a honra da Naçaõ eſtá primeiro, que a conſervaçaõ das noſſas vidas: Ellas de que nos ſervem á viſta daquella injúria, que os Caſtelhanos nos fazem? D. Duarte teve corage para deixar cortar as mãos, antes que lhe arrancaſſem dellas a noſſa Inſignia; e em nós ha de faltar para a troco do ſangue naõ rompermos o centro deſſe exercito, e irmos tirar-lha do poder? Naõ o conſente o brio dos Portuguezes: ſigaõ-me os que quizerem, e ſe entre vós ha quem naõ queira, eu baſto ſó. Era vulg.

A eſtas ultimas palavras Gonçalo Peres ſacode o ginete, enriſta a lança, alguns bravos o acompanhaõ, com golpes para todos os lados, abrem caminho pela frente das linhas, rompem os Caſtelhanos, no meſmo galope Gonçalo Peres tira das mãos do Caſtelhano, que naõ era D. Duarte de Almeida, o Real Eſtandarte, encoſta-o ao hombro, rodeiaõ-o os camaradas, e paſſando por montes de perigos, ſaõs, e ſalvos, o offerecem ao ſeu Rei. Callem eſta façanha de cor-

Era vulg. ridos quaſi todos os Eſcritores Caſtelhanos, que El-Rei de Portugal a fez pública nas honras, que conferio à Gonçalo Peres, entre outras ordenando-lhe, que para memoria perpetua, os ſeus deſcendentes uſaſſem no Eſcudo das armas do meſmo Eſtandarte Real, como elles practicaõ até hoje.

Depois da batalha, o Principe D. Joaõ, como vencedor, ficou no campo com o ſeu eſquadraõ inteiro, gaſtando o dia em recolher as reliquias que ficáraõ do deſtroço de ſeu pai, que além dos mórtos no campo, perdêra muita gente affogada no Douro. Eſperou o Principe a manhã ſeguinte para atacar ao Cardeal, e ao Duque de Alva, que tambem ficáraõ no campo como triunfantes. Elles, que tinhaõ outros intentos, ſe valêraõ de noite para a retirada, e foraõ ajuntarſe com o ſeu Rei, que daqui em diante entrou a recolher os fructos da victoria, que foi noſſa, por naõ podermos entaõ ſuſtentar os projectos. O Principe ſem inimigos, que combater, tremolando as ſuas bandeiras foi marchan-

chando a paſſo lento para Toro, aonde ſuppunha a El-Rei ſeu pai. Quando o naõ vio aſſentou, que ficára priſioneiro, ou morto, e occupado deſta conſternaçaõ, reſoluto a buſcallo em peſſoa, recebeo hum expreſſo com a noticia, de que eſtava em Caſtro-Nuno. Era vulg.

Com pouca companhia chegou El-Rei a eſta Praça, que governava Pedro de Mendanha, ſeu fiel ſervidor, que o recebeo nella. He verdade, que o Mendanha ſentio depois o abatimento, em que vio eſte Principe, dizendo-ſe delle, que neſta occaſiaõ dormíra eſtando á meſa. Com tudo, por desfigurada que nos pintem eſta imagem Real em Caſtro-Nuno, ella tem mui poucas ſemelhanças com a del Rei D. Joaõ I. de Caſtella, que nós vimos em Santarém; eſte depois da batalha de Aljubarrota, aquelle depois da de Toro. O Principe no meſmo inſtante, que recebeo o aviſo de ſeu pai, partio com todos os Officiaes do exercito para Caſtro-Nuno, e o reconduzio a Toro para ajuſtarem as operações ul-

Era vulg. ulteriores, já desenganados de que a fidelidade dos Castelhanos para com a Princeza D. Joanna estava cançada, e que as suas pretenções a Castella tinhaõ de recahir todas sobre as armas de Portugal.

Bem ponderada a situaçaõ critica dos negocios, foi resoluta a volta para o Reino a fim de tomar novas medidas; mas que antes se mostrasse ás Comarcas visinhas o nosso resentimento. Como torrente innundante foi D. Affonso devastando os terrenos de Salamanca, aonde com cólera indistincta se derramava a pilhagem, cortava o ferro, consummia o fogo. Mas reflectindo, que fazer estragos naõ fora o que elle viera buscar a Hespanha; deixando nella os Reinos, naõ entrou em Portugal com mais despojos, que a pessoa da Princeza para esposa. Á vista dos vassallos officiosos, o alvoroço com que o recebêraõ, nada divertia em D. Affonso a lembrança, do que passára em Toro, sem desaggravar a reputaçaõ com emprezas novas. Por outra parte via os Póvos descontentes

da

da guerra, vacilante a fé dos Castelhanos do seu partido, as forças diminuidas, os thesouros exhaustos; mas a tudo superior o seu espirito, elle arbitra invectivas para continuar as idéas. Era vulg.

A primeira, que se lhe propôz, foi solicitar soccorros de Luiz XI. Rei de França, que suppunha inclinado aos seus interesses. Para isso mandou á sua Corte com caracter de Embaixador a D. Alvaro de Ataide, que entretido com boas promessas, via passar o tempo sem fructo. Entendeo elle, que offendia a delicadeza em reiterar com o Rei as instancias na fórma que se lhe ordenava, e esta omissaõ retardava as respostas decisivas, e punha impaciente a D. Affonso. O Rei Luiz, que queria contemporisar, naõ só se aproveitava do retiro do Embaixador, mas elle mesmo retirava as occasiões deste Ministro poder metter em uso os seus officios. Em quanto Portugal trabalhava nesta negociaçaõ, D. Fernando o Catholico pedia a seu pai o Rei D. Joaõ II. de Aragaõ lhe désse o gosto de o vêr nos seus novos Estados. O Veneravel

Era vulg. vel Soberano de 80 annos de idade veio a Caſtella, aonde foi recebido com ſumo applauſo, e magnificencia; pai, e filho derramando lagrimas de ternura, que accendiaõ nos vaſſallos affectos de complacencia. A Cidade de Victoria foi o lugar deſta viſita, aonde o Rei de Aragaõ, pai, e velho, deo ſempre o lado direito a ſeu filho para moſtrar, que o diſtinguia como Rei de Heſpanha.

Incançavel a Rainha D. Iſabel, marchou na frente das ſuas trópas a Sevilha para reduzir á ſua obediencia os Reinos Andaluzes. Ella ſe apoderou do Alcaçar de Triana, e das Tarazanas, a pezar de toda a reſiſtencia do Duque de Medina Sidonia. O Rei D. Fernando, depois de tratar com ſeu pai o modo, com que ſe havia portar a reſpeito dos ſeus inimigos, de ſe deſpedir delle com as demonſtrações do maior affecto, veio encontrar-ſe com a Rainha a Andaluzia, aonde trouxe ao ſeu partido ao Marquez de Cadiz, que ſeguia o de Portugal. Eſtes paſſos dos dous Reis Catholicos, a ſua preſença

fa-

fazendo mercês, inclinou todos os Fidalgos para lhes entregarem as Praças, que ſuſtentavaõ á vóz del Rei D. Affonſo nos Reinos de Andaluzia. Era vulg.

Eſte Monarca, intentando paſſar mais além do que queria a fortuna, firme na ſuſtentaçaõ das ſuas pretenções, falto de meios para ellas, naõ ſopportando as dilações longas do ſeu Embaixador em França nos negocios, que faziaõ parecer perda irreparavel os inſtantes, reſolveo ir em peſſoa áquella Monarquia para acabar de perder o reſto das eſperanças na figura de requerente afflicto, demandando ſoccorros. Antes de ſahir do Reino, encarregou o governo ao Principe D. Joaõ, e partio occulto de Lisboa com o deſtino ao porto de Marſelha; mas hum vento contrario o levou ao de Colioure no Rouſſilhon, donde fez jornada para Perpinhaõ. Daqui deſpedio a D. Franciſco de Almeida á Corte do Rei Luiz para lhe dar parte, de que ſe achava nos ſeus Eſtados, e lhe pedir deſtinaſſe lugar para a conferencia peſſoal das duas Mageſtades.

Com

Era vulg. Com eſta noticia ordenou o Monarca Francez ao Duque de Bourbon foſſe encontrar ao Rei de Portugal, e o conduziſſe a Leaõ. A toda a diligencia voltou D. Franciſco de Almeida a Perpinhaõ para informar a El-Rei deſtas diſpoſições, e o acompanhar a Leaõ, aonde ſe encontrou com o Duque, que o acompanhou a Bruges, lugar deſtinado para a conferencia, e entreviſta dos dous Monarcas. Neſta Cidade, e em todas por onde paſſou D. Affonſo, foi tratado com honras deliçadiſſimas, as meſmas que ellas coſtumavaõ fazer ao ſeu Rei: honras, em vez de ſoccorros, que foraõ os fructos colhidos neſta jornada em Reino alheio. Cinco dias eſperou El-Rei de Portugal em Bruges pelo Rei de França, que ſe comprometteo como Rei nas decisões dos ſeus Miniſtros a reſpeito dos ſoccorros, e aconſelhou como amigo a D. Affonſo foſſe a Nancy pedillos ao Duque de Borgonha, Carlos o Atrevido, que eſtava em ſituaçaõ mais opportuna de os poder dar.

Abraçou El-Rei o conſelho, que

era

era hum claro desengano, e partio para Nancy. Se no mundo naõ houvéra ambiçaõ, os Reis se escusariaõ de dar estes passos estranhos. O Duque Carlos ouvio o requerimento del Rei, e respondeo prompto, que mandallo lá o de França fora hum meio, que escolhêra para se escusar de o attender: que muito menos o podia elle fazer com diminuiçaõ das suas forças, sendo maiores os seus embaraços, que os de França: que estimava o sangue Real Portuguez, que lhe circulava nas veias, communicado pela Duqueza de Borgonha, tia delle Rei; mas que naõ estava em situaçaõ de mostrar, que era bom parente. Esta resposta transtornou todas as medidas, que D. Affonso havia tomado, e voltou para França a ouvir do Rei Luiz o ultimo desengano, que rematou a infelicidade. Era vulg.

Tinha este Principe acabado de ajustar huma trégoa com os Reis Catholicos respectiva ás dúvidas precedentes sobre o Condado de Roussilhon. Neste meio tempo Carlos de Borgonha foi morto em huma batalha pelos seus inimi-

mi-

Era vulg. migos. O Rei de França justamente receava huma guerra com a Casa de Austria, que lhe herdava os Estados: tinha de sustentar outra contra os Inglezes, e que motivos mais especiosos para o Rei de França naõ defferir ás pretenções do de Portugal? Elle sahe da Corte, e se retira a Rohan, resoluto antes a perder a Coroa, que a naõ vêr o fim da empreza, renunciando a de Portugal no filho, já que naõ podia obter para si a de Hespanha. Antes de declarar os seus intentos, e de sahir de Rohan, dizem que escrevêra ao Rei Luiz, declarando-lhe, que naõ se atrevia a apparecer mais em Portugal; que se embarcava para Roma, donde determinava passar á Palestina para acabar os seus dias em huma solidaõ. Nesta carta se assegura abríra o Rei afflicto os fundos do seu coraçaõ ao de França; lhe revelava os segredos até entaõ occultos no centro do espirito; lhe pedia recompensas para os Fidalgos, que o tinhaõ servido em França, como se este Rei fosse seu filho, o Principe D. Joaõ de Portugal: que a tanto obriga

a

a desolaçaõ extrema, ainda aos animos Reaes, e independentes. Era vulg. 1478

Carta taõ respeitavel, taõ forte, taõ tocante, impressaõ alguma fez no espirito de Luiz XI. que satisfez a tudo com respondêr a D. Affonso: que abandonar o seu Reino lhe sería vergonhoso, e reprehensivel, e que naõ ter felicidade na guerra de Castella, isso naõ era motivo bastante para abater a corage de hum Rei, que se devia animar com exemplos bem conformes de outros, a quem succedêra o mesmo. Naõ obstante esta persuasaõ, D. Affonso quasi só emprehendeo a jornada da Palestina; mas os seus criados, que lhe sentíraõ a falta, foraõ buscallo ao caminho, e o reconduziraõ a França, aonde embarcou no navio, que mandava o Capitaõ Bret, e escoltado de outros, quando Portugal menos esperava ao seu Rei, elle entrou pela barra do Téjo.

Pelas suas margens passeava o Principe D. Joaõ, já acclamado Rei, na companhia do Duque de Bragança D. Fernando, e do Arcebispo de Lisboa,

D.

Era vulg. D. Jorge da Coſta, depois Cardeal, quando lhe dérão a noticia da chegada de ſeu pai. Podéra perturbar-ſe o Principe a ſer menos magnanimo, do número dos que preferem os intereſſes a todas as outras relações. Na ſua meſma inalteração de animo perguntou elle ao Duque, e ao Arcebiſpo, como havia receber aquelle homem, que fora Rei, e era Pai: como a Pai, e como a Rei, lhe reſpondêrão ambos. Digaſe, que o Principe não goſtára da reſpoſta, que lhe cuſtava o preço de huma Coroa: que elle ſe abaixára a huma pedra, e a lançára no Téjo: que não podendo ſer eſta acção iudifferente em tal peſſoa, o Arcebiſpo diſſera ao Duque. Eſta pedra não ha de dar na minha cabeça: que eſte Prelado, aborrecido do Principe, deſviára o golpe fugindo para Roma: Porque a verdade do caſo he, que o Principe D. João, com modeſtia rara pouco imitada no mundo, honrou a D. Affonſo como a pai, e lhe entregou o Reino como a Rei.

LI-

LIVRO XXIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Successos do Reino, depois da restituiçaõ del Rei D. Affonso até ao ajuste da Paz com Castella.

NAÕ bastáraõ todas as calamidades, que havia sopportado a augusta pessoa do Rei D. Affonso para elle apagar da memoria as imagens funestas, de que fora escurecer em Hespanha a gloria brilhante, que adquirira em Africa. Elle acompanhava este pensar triste dos reparos, que em tantas manobras, naõ vulgares, teria dado ao Principe seu filho, aos vassallos proprios, aos Castelhanos, que seguiaõ a sua voz. Já nestes se observava o nenhum resguardo, com que voltavaõ a casaca, e seguiaõ por melhor o parti- Era vulg.

ti-

Era vulg. tido mais ſeguro, como ſe havia viſto em Andaluzia, e agora ſe acabava de vêr em Toro, perda ſenſivel, e perdida por mal guardada.

Governava eſta Cidade D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva, que ſe deſcuidou muito, quando tinha todas as obrigações de vigiar mais. Hum paſtor activo daquella Comarca a maior parte das noites tinha a curioſidade de ſaltar dentro na Cidade pela parte mais alta do muro, donde nada ſe temia, e examinar quanto nella ſe paſſava. Obſervou elle a confiança indiſcreta, que fazia na praça geral o deſcuido, e dando parte de tudo, ella foi entrada ſem perigo algum dos invaſores. Já perdido tudo em Heſpanha, unicamente Pedro de Mendanha, Alcaide Mór de Caſtro-Nuno, ſuſtentava nella o nome Portuguez com fidelidade, taõ paſmoſa, que zombava de todo o poder de Caſtella. Atacado por El-Rei D. Fernando, ſoffrendo aſſaltos horriveis, naõ ſe pode conſeguir delle a entrega da Praça ſem licença expreſſa do Rei D. Affonſo; e ain-

ainda deſte modo o Principe ſe ſugeitou a taes condições, que o rendimento de Caſtro-Nuno antes foi para elle affronta, que victoria. Era vulg.

Mais teimoſo que a Pedro de Mendanha encontrou D. Fernando ao Arcebiſpo de Toledo. Elle foi em peſſoa a eſte Arcebiſpado, que reveſtido dos meſmos ſentimentos do ſeu Chéfe Eccleſiaſtico, ſe fez com elle inexoravel ás promeſſas, aos partidos vantajoſos, com que o Rei pretendeo abrandar-lhe a contumacia. O eſtrondo deſtas heroicidades fez écco taõ harmonioſo nos ouvidos de D. Affonſo, que elle principiava a dallos de novo ás ſuggeſtões de alguns Caſtelhanos, menos deſejoſos de o verem Rei de Heſpanha, que intrigantes para haverem por meio da revolta mercês avultadas do Principe, que já nella era Rei. Conſeguíraõ os ambicioſos os ſeus intentos; renovou-ſe huma guerra de deſſolaçaõ, em que os dous Soberanos ſentíraõ arruinado o ſeu poder, os ſeus vaſſallos, os ſeus theſouros, e ambos cuidáraõ ſériamente na paz, que os Póvos mutuamente deſejavaõ.

Era vulg. Neſtas boas diſpoſições ſe achavaõ os animos de Portugal, e Caſtella, quando D. Affonſo II., Rei de Napoles, mandou pedir a D. Fernando o ſoccorreſſe com as ſuas forças contra os Turcos, que haviaõ invadido a Provincia da Pulha. Como eſte Principe naõ podia divertillas ſem fazer a paz com Portugal, eſte novo motivo affervorou mais os deſejos, que conſeguíraõ a tranquillidade ſem intereſſe algum da noſſa Coroa. Nós vamos a ouvir as condições de hum Tratado, em que o meſmo Rei Catholico reconheceo a legitimidade da Princeza D. Joanna: tratado, em que ſe ajuſtou o ſeu caſamento com o Principe D. Joaõ, filho de D. Fernando, herdeiro de Caſtella, que naõ teria penſamentos de enlaçar o ſeu futuro Soberano com a filha de Beltraõ de la Cueva, ſe ella na realidade o foſſe: tratado, que por ſe incluir nelle, que o matrimonio da Princeza ficaria ao arbitrio do Principe, eſta condiçaõ fez, que ella, ou com alto capricho, ou com reſoluçaõ catholica, fechaſſe na Clauſura de Santa

Cla-

Clara de Santarém as pompas da grandeza, naõ querendo que fóra ſe percebeſſem mais eſtrondos de Mageſtade, que o titulo ſimples de *Excellente Senhora.* Era vulg.

Determinados os dous Reis a eſquecer a guerra, nomeáraõ Plenipotenciarios para os ajuſtes, e formaçaõ do referido Tratado. Por parte de Portugal foi eſcolhido Joaõ Fernandes da Silveira, Baraõ de Alvito, e D. Rodrigo Maldonado pela de Caſtella. Alcantara foi o lugar das conferencias, aonde ſe ajuſtou com ſatisfaçaõ reciproca das partes contratantes: Que D. Fernando naõ uſaria mais do titulo de Rei de Portugal, nem D. Affonſo do de Rei de Caſtella: Que a Princeza D. Joanna renunciaria o de Rainha de Portugal, e o de Infante de Caſtella: Que de huma, e outra parte ſe reſtituiriaõ as Praças tomadas, durante a guerra: Que o direito de conquiſtar o Reino de Féz pertenceria á Coroa de Portugal: Que o de Caſtella naõ perturbaria a navegaçaõ, e o commercio da Cóſta de Guiné: Que eſte Principe ſería

 ſe-

Era vulg. ſenhor das Ilhas Canarias, e do Reino de Granada: Que os dous Principes dariaõ hum perdaõ geral aos ſeus vaſſallos, que no diſcurſo da guerra houveſſem tomado as armas contra elles: Que por fructo deſta paz, o Infante D. Affonſo, neto del Rei de Portugal, caſaria com a Infante D. Iſabel, filha del Rei de Caſtella, quando ambos tiveſſem idade competente: Que o Principe D. Joaõ de Caſtella, primogenito do ſeu Rei, na idade de quatorze annos caſaria com a Princeza D. Joanna; mas que ſe o Principe recuſaſſe eſte matrimonio, elle ficaria deſobrigado deſte ajuſte, pagando á Princeza a ſomma de cem mil libras: Que durante a puberdade do Principe, a dita Princeza deporia todos os ſeus titulos reſpectivos ás pretençóes aos Reinos de Leaõ, e Caſtella: Que ella ſería entregue ao governo da Infante D. Brites, Duqueza de Viſeo, e que ſe o ſeu matrimonio naõ ſe conſummaſſe com as condiçóes eſtipuladas, ella ſe recolheria neſte Reino em hum dos Conventos da Ordem de Santa Clara, que ella eſcolheſ-

lhesse: Que se este ultimo partido lhe Era vulg.
naõ agradasse, a Princeza sería obrigada a sahir de Portugal no espaço de cinco mezes, e recolher-se a Castella: Que o Rei D. Affonso, e o Principe D. Joaõ, seu filho, seriaõ obrigados a defender o Rei de Castella contra todos aquelles, que quizessem sustentar com as armas o direito da Princeza D. Joanna: Que para segurança deste Tratado, o Principe D. Joaõ entregaria á Infante Duqueza de Viseo sua sogra as Villas, e Castellos de Alegrete, Veiros, e Landroal, e que consentiria, que ella os pozesse nas mãos do Rei de Castella, no caso que senaõ observasse este Tratado: Que os Infantes D. Affonso de Portugal, e D. Isabel de Castella seriaõ entregues em refens á mesma Infante D. Brites, Duqueza de Viseo, com condiçaõ, que ella enviaría reciprocamente para poder del Rei de Castella a seu filho primogenito D. Diogo, Duque de Viseo, se El-Rei de Portugal, e o Principe D. Joaõ lho quizessem consentir.

Estas foraõ as condições da paz, que

Era vulg. que se publicou no mez de Outubro do anno, que tratamos. A sua conclusaõ se differio até a entrada do anno seguinte por causa das intrigas dos Embaixadores de Castella, que estavaõ instruidos para buscar expedientes, que differissem a vinda da Infante D. Isabel a Portugal. No principio parecia, que a nossa Corte naõ desapprovava os pretextos, de que aquelles Ministros se serviaõ, pelo que tinhaõ de especiosos; mas passados tres mezes, e en-
1479 trado o de Janeiro de 1479, o Rei, e o Principe, desgostados das demoras, mandáraõ fazer huns officios mudos, que explicáraõ com bem energia o fundo das suas intenções. Elles remetêraõ pelos seus Embaixadores aos de Castella dous dados de jogar, e no alto de cada hum delles escritas as duas vozes *Paz*, *Guerra*. Huma alternativa taõ judiciosa, e bizarra, de sórte sobprendeo os Ministros Castelhanos, que por naõ se arriscarem a perder os interesses da paz a seu Amo vantajosa, o persuadíraõ apressasse a jornada da Infante para ser entregue á Duqueza de Viseo.

Par-

Partio esta Senhora para a Villa de Moura a receber a Infante com a magnificencia correspondente ao caracter de ambas as Altezas; e porque seu filho o Duque D. Diogo, que havia ir para Castella na fórma do Tratado, estava entaõ muito enfermo, ella substituio o seu lugar com a pessoa de seu filho segundo D. Manoel, até que o Duque se achasse em termos de fazer jornada, como executou com effeito. Naõ bastou a paz, nem a alliança para divertirem em D. Affonso as imaginações melancolicas, de que elle offendêra o seu decóro na cessaõ, que fizera do direito aos Reinos de Leaõ, e Castella. Tanto se preoccupou a fantasia, que opprimida a natureza, o Rei perdeo a saude. Por outra parte a illustraçaõ da Princeza D. Joanna penetrava, que D. Affonso, e ella eraõ as victimas da paz: que a sua pessoa entregue no poder da Infante D. Brites, toda dominada pelos influxos de Castella, naõ teria a devida segurança: que o ajuste do seu casamento futuro com o minino, que nascêra o anno pas-

Era vulg.

Era vulg. passado, ella seria imprudente, senaõ o olhasse como huma quiméra, jogo,
1480 e entretenimento pueril: tudo estimulos, que movêraõ a sua magnanimidade para abandonar as grandezas apparentes do seculo, e recolher-se em Santa Clara de Santarém.

Esta resoluçaõ, como taõ interessante aos Reis Catholicos, os obrigou a mandarem áquella Villa a Fernando de Talaveira, seu Confessor, e a hum Conselheiro de Estado com o caracter de Embaixadores, para serem testemunhas da resoluçaõ da Princeza. El-Rei já convalecido, e o Principe, que se achavaõ em Santarem, e foraõ instados pelos Embaixadores para authorisarem com a sua presença a renuncia da Excellente Senhora D. Joanna, e a sua entrada no Convento, elles o naõ quizeraõ fazer, e se recolhêraõ para Lisboa. Esta acçaõ heroica da Princeza embainhou para sempre a espada do Rei D. Affonso, que ambicioso de gloria semelhante, determinou seguir os vestigios da que já respeitára por primeiro movel da sua Real inclinaçaõ; co-

coroando a Mageſtade da purpura com Era vulg. o ſaial humilde de S. Franciſco, ſe a mórte lho naõ embaraçára. Aſſim ſe concluio a paz de cento e hum annos, que podemos chamar Profetica; porque naquelle termo prefixo a rompeo Filippe II., quando depois da perda del Rei D. Sebaſtiaõ veio a conquiſtar o cadaver de Portugal.

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo em Caſtella depois da paz, e de outras acções del Rei D. Affonſo até largar o Reino ao Principe ſeu filho.

GOZAVA Portugal a aura benigna da paz, o ſeu Rei ſentia no Throno amarguras do eſpirito, a Princeza D. Joanna do Clauſtro fazia valle de lagrimas para diſpôr nelle as aſcenções ſublimes do coraçaõ, que chegaõ a penetrar o Ceo, quando Fernando, e Iſabel, Reis Catholicos de Heſpanha, colhêraõ por fructos da paz a ſucceſſaõ dos Reinos de Aragaõ, Si-

Era vulg. cilia, e depois Navarra, que vieraõ a recahir em D. Fernando pela mórte de ſeu pai, o Rei de Aragaõ D. Joaõ II. ſuccedida o anno paſſado. Em Çaragoça, Barcelona, e Valença foi elle jurado Rei dos nóvos dominios: applauſo, que encontrando-ſe com o ajuſte da paz de Portugal pela mediaçaõ da Infante D. Brites, Duqueza de Viſeo, tia da Rainha D. Iſabel, fez multiplicar os motivos do jubilo em todas as Heſpanhas.

Creſceo elle com o naſcimento da Infante D. Joanna, que veio a ſer mãi do Imperador Carlos V. D. Affonſo Carrilho, Arcebiſpo de Toledo, deixou com a vida a inclinaçaõ a Portugal, e com a promoçaõ deſte conſideravel Arcebiſpado remunerou D. Fernando os ſerviços importantes, que lhe tinha feito o Cardeal de Caſtella D. Pedro Gonçalves de Mendoça. As outras grandes acções dos Reis Catholicos, como foraõ a conquiſta do Reino de Granada, a expulſaõ dos Judeos, que viviaõ com impiedade, o deſcobrimento das Indias Occidentaes, ou No-

Novo-Mundo, e outras muitas, todas succedêraõ depois da mórte del Rei D. Affonso, e de que nós faremos memoria nos seus lugares proprios. Todas ellas enchêraõ Hespanha de felicidades constantes, que duraõ até hoje, especialmente a expulsaõ dos Barbaros além dos mares, que nós entrámos a perseguir nas suas casas com mais esforço, e menos fortuna, do que elles nos opprimíraõ na nossa. Era vulg.

El-Rei D. Affonso, que nos transportes do seu espirito, nada desejava tanto como imitar os passos da Princeza D. Joanna, tomando á sua imitaçaõ o habito de Religioso Menor, pensava o modo de abdicar o Reino na pessoa do Principe seu filho. Elle o fizera sem mais reflexões, senaõ contemplasse no Principe hum odio implacavel contra a Casa de Bragança, que desejava adoçar, antes que elle se visse Rei. Tinha D. Affonso concebido da sua primeira idade huma grande afeiçaõ a esta Real Casa, por todos os titulos benemerita, bastando para lhe merecêr o agrado a sua inimitavel fi-

de-

Era vulg. delidade. Pelo contrario o Principe fazia motivo do ſeu reſentimento da amizade, e alliança eſtreita, que ella tinha com os Reis de Caſtella. A Corte navegava por outro rumo, e aſſentava, que o odio do Principe o ſoprava ſua tia D. Filippa, recolhida no Convento de Odivellas, e irmã de ſua mãi, a Rainha D. Iſabel, que o perſuadia vingaſſe nos Senhores da Caſa de Bragança a mórte, que elles fizeraõ dar a ſeu Avô o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra: que para mais lhe mover o eſpirito, naõ ſó ſe valia de diſcurſos fortes, mas lhe moſtrava com repetiçaõ a camiza, que o Infante levava, quando o matáraõ na batalha de Alfarrobeira, tinta no ſeu Real ſangue, rota dos golpes, que lhe penetráraõ o corpo, e tiráraõ a vida.

Todos eſtes eſtimulos eraõ picantes para pôrem em agitaçaõ o animo de hum Principe moço, e activo, que já penſava nas independencias abſolutas do Sceptro, que entendia mais reſpeitavel temído, que amado, menos fórte inclinado, que inflexivel. Outros po-

porém, que obſervavaõ o deſagrado mais particular para a peſſoa do Duque D. Fernando, o attribuiaõ á extraordinaria liberdade, com que eſte Duque lhe eſtranhára as ſuas demaſias de affecto para a peſſoa de D. Anna de Mendoça, Dama da Princeza D. Joanna: que quando o amor he de ternuras, até ſe perſuade offendido em delicadezas, quanto mais em reprehensões. Tudo meditava, queria prevenir, e uſava de meios o Rei D. Affonſo para lograr o fim antes de largar a Coroa, que dando ao Principe maior poder, elle o abuſaría em prejuiſo dos Senhores de Bragança. Era vulg.

Havendo El-Rei tomado todas as medidas para os ſeus deſignios, conſtante na reſoluçaõ de largar o Reino para ſe eſconder no clauſtro, elle convocou Cortes em Lisboa. Os Tres Eſtados concorrêraõ a preſenciar hum dos Actos mais ſolemnes, no mundo taõ pouco vulgar, como o de hum Principe poderoſo, reſpeitado, no meio da idade robuſta, por hum esforço eſpontaneo, que ſabe mover o de-

Era vulg. desengano, e a graça, arrojar de si o peso suave do Sceptro, da Coroa, da Monarquia, que recebêra de Deos. Junta a Assembléa, D. Affonso V. que reinára com gloria immortal, e que ainda podia reinar largo tempo, elle apparece no meio daquelle Augusto Corpo, que o recebe em silencio, respeitoso, reverente, como Espectador da Scena mais extraordinaria. El-Rei rompeo o silencio, sendo o Oraculo, e o Interprete de todas as suas intenções, desde o instante em que sobio ao Throno, até aquella hora. Elle deprimio as suas acções mais gloriosas de Rei; tratou-as como defeitos de homem, e quando a humildade as abattia, a mudez respeitavel do concurso as sublimava.

O mesmo espirito humilde, que fazia descer a El-Rei do Throno, lhe inspirou as reprehensões, que se dava do pouco zelo, e ardor, com que promovêra os avances da Fé, e da Religiaõ, quando este era o empenho, que os seus Predecessores lhe deixáraõ em herança, como cabeça de mórgado:

do: Que este motivo santo naõ o levára tanto a Africa por tres vezes, como o desejo de abatter o orgulho dos Barbaros para naõ molestarem os seus Póvos: Que o Ceo lhe castigára a ambiçaõ de pretender mais Reinos do que os proprios, improporcionados ás suas forças, com trabalhos pessoaes, ruina dos seus vassallos em honras, vidas, e fazendas na impertinente guerra de Hespanha; lembrança, que o atormentava como hum verdugo inexoravel: Que estas consideraçōes o obrigavaõ a fazer hum cotejo entre as suas qualidades, e as do Principe seu filho, para naõ demorar mais tempo a remuneraçaõ ás suas vantagens com lhe largar o Sceptro, que já lhe pozera na maõ, quando fora a França, e lho restituíra officioso quando voltára para o empunhar até á morte; mas que elle outra vez o cedia em seu filho, que se pela natureza, e virtudes o merecia, a sua acçaõ referida, nunca assáz louvada, o fazia delle mais digno. Era vulg.

A este discurso, que ouvia a ternura, e a que respondiaõ as lagrimas, se

Era vulg. se seguio agradecer El-Rei aos seus vassallos o bem, que até aquelle tempo o tinhaõ servido, e pedir-lhes perdaõ de naõ haver differido sempre aos votos dos seus Conselhos, e Ministros. Depois de preludios taõ patheticos, insinuantes, igualmente humildes, que fortes, El-Rei entrou nas discussões de quanto era relativo ao decóro, e authoridade Real, de que se despia. Sobre o Throno coberto de purpura, como se estivesse no leito da mórte abraçando a mortalha, elle fez todas as disposições da vida no tom de quem se apartava della; e lançando os braços ao Principe como pai, com toda a presença de espirito, para que os officios da natureza naõ o embaraçassem a fallar-lhe como Rei, lhe disse assim:

Filho, Principe de Portugal, na maõ de Deos está o coraçaõ do Rei: vós deveis têr a todo Deos no coraçaõ para seres Soberano. Os cultos da Religiaõ, que o honraõ, haveis vós promovellos nos vossos Estados a expensas da mesma vida. Entaõ vos ensinará elle a governar homens; porque esta scien-

ſciencia eminente ſó delle emana; he huma das emiſsões do ſeu Paraiſo, concedida aos Principes, que nos louvores divinos abrem a bocca para attrahir o eſpirito. Dai fervor ao zelo, que na defenſa da Fé ſempre moſtrárað os voſſos vaſſallos. Vós os vereis correr alegres pelos caminhos dos voſſos mandamentos, ſe lhes dilatares os corações: quanto correráð nos de Deos, ſe vós lhes déres o exemplo com a voſſa meſma dilataçað, e carreira! Das Leis Divinas, bem obſervadas pelo Principe, ſe ſegue obſervarem bem os vaſſallos as Leis humanas. Para os tranſgreſſores, e criminoſos ha caſtigos; advertindo, que nos homens ama-ſe a entidade, quando ſe aborrece o delicto, e nas penas, antes ſe queixe a juſtiça da clemencia, que a clemencia murmure da juſtiça. Nos Conſelhos, nos exercitos, em todos os empregos do Reino vos ſerve muita gente. O amor da gloria ſim dá forças, a eſperança do premio faz valeroſos; mas as mercês diſtribuidas criað Heróes. Deos diſſe de dar, e dá dons de graça, e co-

Era vulg.

Era vulg. coroas de justiça ; com as coroas de justiça premeia, com os dons de graça estimula. Os Principes saõ imagens de Deos ; devem-se parecer com elle.

Vós entrais a ser Rei de vassallos cheios de valor, e de honra : elles naõ desmentiráõ hum ponto do seu zelo para comvosco : he necessario deste momento em diante, como de vós espero, que nem instantes deixeis para com elles a uniaõ de Pai Soberano, e de Soberano Pai : sempre o amor, sempre o respeito, sem que nunca tenhaõ mudança, ainda que aquelles nomes se mudem. Dai-lhes exemplos de Justiça, de Prudencia, de Temperança, de Fortaleza, de Liberalidade, vós tereis cada qual delles hum baluarte na face dos inimigos ; todos temeráõ o vosso poder ; as Nações remotas buscaráõ a vossa alliança. Vós estais em huma consistencia de levar bem longe a vossa gloria. Eu naõ vos faço vaticinios : mas tenho feito observações, e espero, que as minhas preces, os meus rógos, os meus gemidos no genero de vida a que vou a sacrificar-me, vos alcancem

a

a bençaõ do Ceo, para que os ambitos do vosso dominio se dilatem, para que os vossos simulacros occupem as praças mais distinctas no Templo da Honra. Era vulg.

Neste sentido acabou de fallar El-Rei com tanto de força, de magestade, de circuspecçaõ, que commoveo toda a Assembléa. Naõ houve nella hum só, que deixasse de dar as demonstrações mais vivas de sensibilidade; que acto semelhante, raras vezes visto no mundo, pedia huma commoçaõ muito além do vulgar. O Principe, banhado em lagrimas de ternura, se lançou aos pés de seu pai, lhe beijou a maõ, de que recebia o Sceptro; protestando, que elle desejava fazer do seu coraçaõ huma lamina de bronze, em que gravasse para perpetuidade immortal os seus saudaveis conselhos, que seriaõ a regra immudavel das suas operações de homem, das suas acções de Rei. Entaõ a vóz geral, ainda que balbuciente, naõ cessava de clamar as bondades do Rei, as virtudes do Principe, a verdade com que se disse, que hum pai benemerito morre como senaõ morrêra, porque

Era vulg. deixa em ſeu lugar, no filho, outro ſemelhante a ſi.

1481 Divulgou-ſe eſta reſoluçaõ na Corte, e com brevidade pelo mundo. Separáraõ-ſe os Eſtados, e El-Rei ſe retirou para Sintra conſtantemente determinado a tomar o habito da Ordem de S. Franciſco no Convento de Torres-Vedras, que elle fundára, e hoje ſe conhece pelo nome de Seminario de Varatojo de Padres Miſſionarios Reformados da meſma Ordem, com vida correſpondente ao ſeu Miniſterio Sagrado. Privou a El-Rei dos ſeus ſantos deſignios a mórte, que lhe ſobreveio naquella Villa aos 28 de Agoſto, cauſada de huma febre maligna, contando de idade 49 annos, de reinado 43, e acabando a vida na meſma antecamara, aonde naſcêra. Jáz no Convento da Batalha.

CAPITULO III.

Trata-ſe das qualidades peſſoaes del Rei D. Affonſo.

A MORTE del Rei D. Affonſo taõ pouco tempo depois da abdicaçaõ do Rei-

Reino, a todo elle deixou em huma desolação extrema. Olhavaõ os homens para si, e mutuamente sentiaõ a falta do seu azylo na perda da bondade de hum pai, em quanto foi Rei, de hum protector, quando deixou de o ser. Elles sim viaõ no successor huma imagem sua nos espiritos, no merecimento; mas cada hum comsigo media a differença dos caracteres entre pai, e filho. Em D. Affonso tinhaõ contemplado hum Rei, que sempre quiz o amor da Nobreza, e do Povo; em D. Joaõ meditavaõ outro, que com castigar, e corrigir, de ambas as classes queria o temor. Os mais especulativos se prognosticavaõ, que teriaõ hum grande Rei; mas sentiaõ haver perdido hum taõ bom Pai. Era vulg.

D. Affonso foi hum dos nossos Principes sábios. Como elle tinha passado na campanha a maior parte da vida, compôz o Tratado da Milicia, conforme o costume de combater dos seus tempos: como na Mathematica era instruido, deixou-nos o Discurso em que se mostra, que a constellação

Era vulg. chamada Caõ Celeſte, conſtava de vinte e nove Eſtrellas, e a menor de duas: como diſtinguia os homens, eſcreveo da ſua propria maõ a Diogo Lopes Lobo, ſenhor de Alvito, e a Gomes Annes de Zurara, ſeu Chroniſta Mór, e Guarda Mór da Torre do Tombo, quando aſſiſtia em Alcacere com o Conde D. Duarte de Menezes, para eſcrever os feitos daquella Praça. Neſta Carta lhe dizia o Rei benigno: O meu vulto pintado o non tenho para vo-lo agora lá poder enviar; mas o proprio prazerá a Deos, que o vereis lá em algum tempo, com que vos lá mais deve prazer.

Foi D. Affonſo alto de corpo, e robuſto; a preſença mageſtoſa, e agradavel; o roſto redondo, o cabello caſtanho, e o da barba comprido, e bem compoſto: teve grande memoria, e engenho agudo: fallou a noſſa lingoa com tanta pureza, e elegancia, que ainda nas práticas familiares parecia eſtar compondo, ou que antes de proferir as palavras as eſtudava: applicou-ſe á Mathematica, e á Muſica, que

que eſtimou, e ſe recreava no ſeu concerto: no zelo da Fé Catholica foi ardente; do culto Divino venerador inſigne; para os pobres humanamente compaſſivo; de coraçaõ generoſo, amparo dos deſvalídos, favorecedor do Povo, taõ amigo dos Fidalgos, como ſe vio nas muitas mercês, que lhes fez, e Titulos, que lhes deo: Principe, que naõ ſó premiou os ſerviços dos homens preſentes; mas os dignos de attençaõ dos paſſados. Era vulg.

Elle foi o primeiro dos noſſos Soberanos, que ajuntou no Paço huma Bibliotheca numeroſa: curioſidade eſtimavel, que deo occaſiaõ para dizerem muitos Authores, que a inclinaçaõ de D. Affonſo ás Bellas Letras, em nada cedia á que tivera ſeu pai El-Rei D. Duarte pelas ſciencias. Elle ordenou ſe eſcreveſſem na lingua Latina as Hiſtorias do Reino, e para iſſo mandou vír de Italia a Fr. Juſto Baldino, Religioſo Dominico, que nomeou Biſpo de Ceuta. A morte atalhou a Fr. Juſto a poſſe do Biſpado, e a concluſaõ da Obra, em que houve o deſcuido coſtu-

Era vulg. tumado entre nós de ſe ajuntarem as peças, que elle tinha diſpoſto dos reinados precedentes, que juntas ás Memorias de Fernaõ Lopes, tudo firmado na fé dos melhores Authores; Originaes taõ eſtimaveis ſerviriaõ hoje de hum grande ſoccorro para a formaçaõ da noſſa Hiſtoria.

O ardor del Rei D. Affonſo pela grande reputaçaõ, a ſua felicidade nas emprezas, nada lhe alteráraõ a doçura do animo, o eſpirito de bondade, que o diſtinguiaõ entre os outros homens. Nas proſperidades, e nos infortunios foi ſempre o meſmo; uſando de tudo com reſignaçaõ de Catholico, e com magnanimidade de Rei. Elle mandou lavrar as moedas, que dizemos cruzados, e ceitís; eſtes aſſim chamados por ſerem cunhados em Ceuta, os outros por que os deſtinou para a Cruzada, que publicou o Papa Calixto. Obra foi ſua a inſtituiçaõ da Ordem Militar da Eſpada, em que já fallei, a que deo por deviſa huma Torre, que no alto tinha huma eſpada com a terça parte mettida no capitel. Eſta deviſa fazia alluſaõ á conquiſ-

quiſta do Reino, e Cidade de Féz, Era vulg.
que ſe dizia ter enterrada em huma das ſuas pórtas a eſpada de hum Capitaõ Portuguez, ou que ſe guardava em huma das ſuas torres, donde profetiſavaõ os Agoureiros Mouros, que a havia ir buſcar hum Principe Chriſtaõ; e D. Affonſo, que naõ devia crêr em agouros, parece que crêo neſte. Elle tomou por Patrono da Ordem a Sant-Iago, e lhe deſtinou o número de 27 Cavalleiros, que era o dos annos que tinha, quando paſſou a Africa a primeira vez.

Embaraçado com a guerra de Heſpanha, naõ pode El-Rei D. Affonſo adiantar os deſcobrimentos; mas conſervou com vigor as conquiſtas, eſpecialmente a da Cóſta da Mina, aonde nos inquietavaõ os Caſtalhanos. Na duraçaõ daquella guerta, já entrado o anno de 1479, foraõ elles com huma Armada á meſma Cóſta perturbar o noſſo reſgate do ouro. Nós tivemos ſobre ella huma vantagem completa; porque o Principe D. Joaõ, naõ ſoffrendo aquella ouſadia dos Caſtelhanos, apreſtou outra Eſquadra, de que fez comandante

Era vulg. te a Jorge Correa, que atacou a inimiga, e depois de huma victoria ſingular, entrou pelo Téjo com ella priſioneira. Hum ſerviço taõ avultado mereceo bem a Jorge Correa a mercê da grande Comenda do Pinheiro.

Naõ tiveraõ os Fidalgos que ſe queixar deſte Principe ſeu honrador, que repartio por elles mais Titulos, do que juntos todos os outros Reis ſeus predeceſſores. Do principio do ſeu reinado, ſendo Regente o Infante D. Pedro, até que renunciou o Reino, elle fez primeiro Duque de Bragança a D. Affonſo, filho natural de ſeu Avô, El-Rei D. Joaõ I.: fez Duque de Guimarães a D. Fernando, filho primogenito do Duque de Bragança do meſmo nome: Duque de Viſeo a ſeu irmaõ o Infante D. Fernando, pai del Rei D. Manoel: Marquez de Valença a D. Affonſo, filho primeiro de D. Affonſo, Duque de Bragança: Marquez de Villa-Real a D. Fernando, filho ſegundo do meſmo Duque: Marquez de Monte-Mór a D. Joaõ, filho do Duque D. Fernando, I. Conde da Atouguia; e Alcaide Mór de Chaves a Alva-

to

ro Gonçalves de Ataide : Conde de Viana, e Valença a D. Duarte de Menezes : Conde de Villa-Real a D. Fernando de Noronha, filho ſegundo de D. Affonſo, Conde de Gijon : Conde de Mira a D. Sancho de Noronha, filho terceiro do meſmo Conde de Gijon. Era vulg.

Fez Conde de Marialva a Vaſco Fernandes Coutinho : Conde de Monſanto a D. Alvaro de Caſtro : Conde de Fáro a D. Affonſo, filho terceiro de D. Fernando, I. do nome, Duque de Bragança : Conde de Caminha a D. Pedro Alvares de Sotomaior, ſenhor da Caſa do ſeu Appellido : Conde de Pena-Macor a Lopo de Albuquerque : Conde de Valença, e Loulé a D. Henrique de Menezes, filho do Conde de Viana, D. Duarte de Menezes : Conde de Penela a D. Affonſo de Vaſconcellos e Menezes : Conde da Atalaya a Pedro Vaz de Mello, ſenhor da Caſtanheira : Conde de Abrantes a D. Lopo de Almeida : Conde de Olivença a Ruy de Mello : Conde de Cantanhede a D. Pedro de Menezes, Conde de Arganil para ſi, e os ſeus Succeſſores ao

Biſ-

Era vulg. Bispo de Coimbra D. Joaõ Galvaõ: Vis-Conde de Villa-Nova de Cerveira a Leonel de Lima: Conde da Feira a D. Rodrigo Forjáz Pereira: Baraõ de Alvito a Joaõ Fernandes da Silveira.

Além destes Titulos, deo El-Rei outros senhorios, premiou com grandes mercês os avultados serviços de muitos Fidalgos, que o acompanháraõ em tres jornadas a Africa nas conquistas de Alcacer Ceguer, de Anafe, de Arzila, de Tangere, os defensores briosos de Ceuta, de que eu fiz memoria, os que andáraõ ao seu lado na trabalhosa guerra de Hespanha, e os fieis servidores, que lhe assistíraõ em França; que o foraõ buscar ao caminho da Palestina; que o reconduzíraõ a Portugal. Pelo seu Tito liberal, Delicias da Patria deve este Reino venerar ao seu Rei D. Affonso V. que merecêra gloria brilhante, senaõ a manchára com a nodoa da injusta morte de seu tio o Infante Duque D. Pedro, ainda que nós com razaõ podemos desculpallo com a pouca idade, e com a força dos sugestores poderosos, a que naõ era facil resistir em annos taõ verdes.

FIM.

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXVI.

CAPITULO I. *Acontecimentos dos annos, em que o Infante D. Pedro, na menoridade de ſeu ſobrinho El-Rei D. Affonſo V., foi Regente do Reino de Portugal.* 5

- - II. *Do mais que ſuccedeo nas Cortes de Lisboa, e dos deſcobrimentos do Infante D. Henrique por eſtes annos.* 19

- - III. *Continuaçaõ dos deſcobrimentos de D. Henrique, e da Regencia de D. Pedro.* 34

- - IV. *Trataõ-ſe os mais ſucceſſos da vida do Infante D. Pedro até a ſua mórte.* 50

- - V. *Parte o Infante D. Pedro de Coimbra para Santarem, e he morto na batalha eſcandaloſa de Alfarrobeira.* 66

- - VI. *Como ſe juſtificou a innocencia do Infante; como ſe conduzio a Rainha, e deſtino de ſeus illuſtres filhos.* 78

LI-

LIVRO XXVII.

CAP. I. *Trata-ſe da vida, e deſcobrimentos do Infante D. Henrique, de que fizemos memoria até o anno de* 1445, *continuando deſte dito anno em diante até o de* 1460, *em que falleceo.* 89

- - II. *Continua-ſe com a meſma materia dos deſcobrimentos do Infante.* 100

- - III. *Trata-ſe do deſcobrimento, e povoaçaõ, que nas Ilhas dos Açores, ou Terceiras mandou fazer o Infante D. Henrique.* 112

- - IV. *Conclue-ſe o mais que pertence á vida, e morte do Infante D. Henrique.* 124

- - V. *Trata-ſe de D. Affonſo, filho natural del Rei D. Joaõ I., Conde de Barcellos, e tronco da Real Caſa de Bragança.* 136

- - VI. *Deſcendencia de D. Affonſo, Conde de Barcellos, na Caſa dos Duqnes do Cadaval.* . . . 150

LI-

LIVRO XXVIII.

CAP. I. *Vida, e obras de D. Affonſo V. depois de declarado Maior, Rei XII. de Portugal.* . . 162
- - II. *Morte da Rainha D. Iſabel, e primeiras expedições del Rei D. Affonſo a Africa.* . . 178
- - III. *Segunda expediçaõ do Rei D. Affonſo a Africa, e continuaçaõ dos ſucceſſos de Caſtella a reſpeito da Princeza D. Joanna.* . . 202
- - IV. *El-Rei D. Affonſo marcha terceira vez a Africa, e conquiſta as Cidades de Arzila, e de Tangere.* 219
- - V. *Continua-ſe com as revoluções de Heſpanha até a môrte del Rei D. Henrique, e ſe trata do caſamento de ſua filha D. Joanna com o Rei D. Affonſo, e reſultas das ſuas pretenções áquella Coroa.* . 233
- - VI. *Da guerra de D. Affonſo contra Fernando, e Iſabel para ſuſtentar o direito da Excellente Senhora D. Joanna ſua preſumptiva Eſpoſa.* 149

CA-

- - VII. *De algumas particularidades, que ſuccederaõ na batalha de Toro, e o que ſe ſeguio depois della.* 274

LIVRO XXIX.

CAP. I. *Succeſſos do Reino, depois da reſtituiçaõ del Rei D. Affonſo até ao ajuſte da Paz com Caſtella.* . 287

- - II. *Do que ſuccedeo em Caſtella depois da paz, e de outras acções del Rei D. Affonſo até largar o Reino ao Principe ſeu filho.* . . 297

- - III. *Trata-ſe das qualidades peſſoaes del Rei D. Affonſo.* . . 309